

A vertical photograph of a waterfall with white, foamy water cascading down a rocky ledge. The background is black.

Claudia Zavaglia
Érika Nogueira de Andrade Stupiello
(Org.)

TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS
DOS
ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Volume 2

unesp 

Câmpus de São José do Rio Preto

Claudia Zavaglia
Érika Nogueira de Andrade Stupiello
(Organização)

Tendências Contemporâneas dos Estudos da Tradução

Volume 2

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Câmpus de São José do Rio Preto

2015 - *Tendências Contemporâneas dos Estudos da Tradução* – volume 2
© Todos os direitos reservados para esta edição.

Organização: Claudia Zavaglia e Érika Nogueira de Andrade Stupiello

Projeto gráfico e diagramação: Luma Almeida Selegim

Preparação e Revisão: Fábio Henrique de Carvalho Bertonha

Foto da capa: *Águas de Sete Pilões* (Cristina Carneiro Rodrigues)

Conselho Consultivo

Adriana Zavaglia
Universidade de São Paulo (USP)

Álvaro Luiz Hattner
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Enilde Leite de Jesus Faulstich
Universidade de Brasília (UnB)

Lauro Maia Amorim
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Leila C. Melo Darin
Pontifícia Universidade Católica (PUC - SP)

Márcia do Amaral Peixoto Martins
Pontifícia Universidade Católica (PUC - RJ)

Maria Viviane do Amaral Veras
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Marize Mattos Dall'Aglio Hattner
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Mauricio Mendonça Cardozo
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Paula Godoi Arbex
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Nesta obra respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tendências contemporâneas dos Estudos da Tradução [recurso eletrônico]
/ organizado por Claudia Zavaglia, Érika Nogueira de Andrade Stupiello. -
São José do Rio Preto:

UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto, 2015.

2 v.

ISBN 978-85-8224-110-3

Tipo de arquivo: Texto

Requisito do sistema: Software leitor de pdf

1. Linguística. 2. Tradução e interpretação – Estudo e ensino. 3.
Traduções. I. Zavaglia, Claudia. II. Stupiello, Érika Nogueira de Andrade.
III. Título.

CDU – 8.035

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE

UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

SUMÁRIO

- 9** **Apresentação**
Cristina Carneiro Rodrigues
- 15** **Hacia la construcción de una herramienta metodológica para la clasificación y el análisis de marcadores culturales: el caso de *La Vendedora de Rosas***
Yurley Arbelaez e Érika Marín
- 36** **Dicionário bilíngue de fraseologismos jurídicos: uma proposta**
Fábio Henrique de Carvalho Bertonha e Claudia Zavaglia
- 65** **O indizível em *Heart of Darkness* e duas traduções brasileiras: um estudo de estilística tradutória**
Taís Paulilo Blauth
- 96** ***Don Quijote de la Mancha* traduzido: unidades fraseológicas diacríticas e suas traduções ao português brasileiro**
Paula Cristina Caniato e Angélica Karim Garcia Simão
- 119** **Busca de equivalentes em espanhol para os termos relacionados a equipamentos e dispositivos de segurança**
Ivanir Azevedo Delvizio e Pâmela Soares Salomão Santos
- 139** **Colocações na legendagem de seriados: um estudo exploratório**
Isabela Beraldi Esperandio
- 165** **A tradução audiovisual para legendas: expressões idiomáticas, itens culturais e gírias**
Patrícia Narvaes

- 196** Tradução de efeitos sonoros na legendagem para surdos e ensurdecidos
Ana Katarinna Pessoa do Nascimento e Vera Lúcia Santiago Araújo
- 216** Tradução, narratividade e representação cultural através de títulos jornalísticos
Silvana Ayub Polchlopek
- 244** O espaço da tradução na indústria da localização: um estudo contrastivo de websites de companhias aéreas
Pedro Henrique Silva Sanches e Érika Nogueira de Andrade Stupiello

Apresentação

Este livro abriga textos que tendem a um enfoque mais técnico da tradução, dentre os apresentados na XXXIV Semana do Tradutor e I Simpósio Internacional de Tradução, realizados em 2014 na Unesp, câmpus de São José do Rio Preto. Seus objetos são bastante diferentes, assim como seus enfoques e instrumentais metodológicos, mas todos tendem a abordar questões mais pontuais e palpáveis do encontro do eu com o outro que ocorre em tradução.

Não se trata, aqui, de tentar encaixar os textos em alguma tipologia tradutória. Para muitos, os textos são divididos em tipos bem definidos, com características detectáveis a partir de suas marcas textuais. Muito material foi escrito, na tentativa de estabelecimento de tipologias de texto que dessem conta de todas as situações. E muitos autores tentaram relacionar um suposto tipo de texto a uma maneira de traduzir.

Nesse sentido, é clássico o texto de Katharina Reiss de 1971, republicado em tradução para o inglês no *The translation studies reader* (2000), como “Type, kind and individuality of text: decision making in translation”. Para essa autora, o estudo do processo tradutório envolveria um estágio de análise da função do texto fonte, para o estabelecimento do tipo de texto, e uma etapa de reverbalização, em que o tipo de texto determinaria o método ou a estratégia de tradução. Assim, na tradução de um texto informativo, com função referencial, o conteúdo deveria ser enfatizado. A tradução de um texto expressivo centralizaria os esforços na suposta organização artística do texto, ou seja, observaria os sentidos figurados, a combinação e seleção de termos e a sonoridade. Os textos operativos, que exercem a função conativa, teriam sua tradução capaz de despertar, no leitor, comportamentos análogos aos que o

texto fonte despertou, ou seja, os recursos persuasivos deveriam ser ressaltados.

Além dessa tipologia que classifica os textos por sua função, há as que classificam os textos tomando como base as marcas linguísticas de superfície, as fundamentadas na estrutura formal dos textos, além das que apenas opõem os textos “literários” aos “científicos” ou “técnicos” ou “pragmáticos”.

Mas não são essas tipologias que informam a seleção dos textos deste tomo em relação aos do primeiro. Aparentemente os que aqui se inserem seriam artigos técnicos em contraposição aos do outro volume, que abordariam a questão literária. Não é o que ocorre, pois muitos dos textos aqui incluídos tomam obras consideradas literárias como *corpus*. Mas o enfoque deles tende à formalização, seja pelo instrumental metodológico, seja pelo objeto selecionado para análise. Em outras palavras, ainda que alguns artigos examinem textos “literários”, o foco não é sua suposta literariedade.

Essa característica leva a duvidar de categorizações fixas embasadas nas marcas formais dos textos. Indica que as diferenças remetem a como os textos são trabalhados, na escritura e na leitura, assim como em sua análise e em sua tradução. Levando em consideração que a linguagem é percebida na estrutura das normas sociais, as supostas tipologias que elegemos também se inserem em uma estrutura institucional que leva o leitor a, no momento do ato interpretativo, assim como o escritor no ato da escritura, a abordar um texto de acordo com certas estratégias. Não há esquemas prévios, mas constitutivos de cada um desses atos.

Estratégias de produção e de interpretação de textos são determinadas por uma comunidade sócio-cultural em determinado momento histórico, sendo convencionais e institucionais.

Categorizações não podem, portanto, provir dos textos, pois as coerções que influem em sua produção são externas a ele. Assim, se os artigos aqui reunidos são considerados técnicos, é porque se constroem em uma relação institucional que avalia que textos que tratem de material audiovisual, jornalismo, hipertextos de internet, sejam assim classificados.

A ordem dos artigos é alfabética, seguindo o sobrenome do autor. Suas abordagens são bastante diversificadas, como se pode perceber a seguir. Arbelaez e Marín partem de classificações clássicas de tipos de marcadores culturais para proporem outros três tipos que seriam específicas de material audiovisual. Seus exemplos são retirados do filme *La Vendedora de rosas*, realizado em 1998, na Colômbia, pelo diretor e roteirista Victor Gaviria.

A lexicografia especializada bilíngue é objeto do texto de Bertonha e Zavaglia. Descreve-se a elaboração do *Dicionário Bilíngue de Fraseologismos Jurídicos*, DBFJ, partindo do português para a língua italiana.

O estudo de Blauth aborda o estilo de duas traduções publicadas no Brasil de *Heart of Darkness*, de Conrad, utilizando a metodologia da Linguística de Corpus. O artigo compreende quatro partes, que envolvem a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos adotados, a análise dos dados e, por fim, uma reflexão sobre as limitações e contribuições da pesquisa realizada. Também tomando um texto literário como *corpus*, mas com outro tipo de metodologia, Caniato e Simão dedicam-se a analisar, em duas traduções de *Don Quijote de la Mancha* para o português, unidades fraseológicas diacríticas.

Alinhadas às concepções da Teoria Comunicativa da Terminologia, Delvizio e Santos descrevem uma etapa do projeto Terminologia do Turismo de Aventura, que tem como objetivo a

elaboração de um glossário trilingue (português-inglês-espanhol) de termos relativos ao Turismo de Aventura. O trabalho desenvolve-se em torno da busca de equivalentes em espanhol para termos em português da área Equipamentos e Dispositivos de Segurança.

Partindo da definição de colocações como casos de coocorrência léxico-sintática que podem ter alto grau de fixidez ou variação dentro do mesmo campo semântico, Esperandio examina colocações adjetivas, nominais e verbais. As legendas das quatro primeiras temporadas do seriado de ficção *The Vampire Diaries* constituem seu *corpus*. A tradução audiovisual é, também, objeto de Narvaes, que analisa as dificuldades tradutórias de transposição de sentido de expressões idiomáticas, gírias e itens culturais nas legendas da quarta temporada da série *Supernatural*. Ainda que a tradução audiovisual seja abordada por Nascimento e Araújo, a perspectiva é outra. Seu trabalho envolve o estudo da tradução de efeitos sonoros para surdos e ensurdecidos. A análise das legendas de três filmes brasileiros, *Irmãos de fé* (2004), *O Signo da Cidade* (2008) e *Nosso Lar* (2010), revelou que os efeitos sonoros foram traduzidos sem preocupação com a significação fílmica.

Polchlopek trabalha na interface tradução-jornalismo, evidenciando os paralelos entre as duas práticas e o papel social do tradutor e do jornalista. Apresenta detalhada discussão teórica sobre tradução jornalística e representação cultural antes de passar à análise de títulos de reportagens sobre as manifestações brasileiras de 2013 veiculadas na *BBC Brasil* e no jornal espanhol *El País*.

Sanches e Stupiello debruçam-se sobre a operação de localização, que envolve a tradução e adaptação de softwares ou websites. Nesse processo, a tradução é considerada apenas como uma das etapas na adequação de um produto tecnológico a um novo mercado. O objetivo do artigo é ressaltar que o trabalho de localização é mais complexo, como exemplificam com a análise dos

websites das companhias aéreas *Delta Airlines*, *American Airlines* e *United Airlines* localizados para o português do Brasil.

A diversidade de abordagens, assim como de objetos e de metodologia são, por si só, um convite à leitura dos textos selecionados para compor o volume. Eles representam algumas das tendências contemporâneas dos Estudos da Tradução e evidenciam a importância do ponto de vista do analista, ou seja, que a sistematização de um objeto é dependente do sujeito que a propõe, do lugar em que se posiciona o pesquisador.

Cristina Carneiro Rodrigues

Referência bibliográfica:

REISS, Katharina. Type, kind and individuality of text: decision making in translation. Tradução para o inglês de Susan Kitron. In: VENUTI, Lawrence (Org.). *The translation studies reader*. London: Routledge, 2000. p. 160-171.

HACIA LA CONSTRUCCIÓN DE UNA HERRAMIENTA
METODOLÓGICA PARA LA CLASIFICACIÓN Y EL
ANÁLISIS DE MARCADORES CULTURALES:
EL CASO DE *LA VENDEDORA DE ROSAS*¹

Yurley ARBELAEZ*

Erika MARÍN^{†**}

1. Introducción

La cultura se puede definir como el depósito de todas aquellas características compartidas por un grupo de personas, las cuales lo diferencian de otros. Por consiguiente, el trasvase de textos con abundante contenido cultural de una lengua a otra se convierte en todo un reto para el traductor, ya que los marcadores culturales plantean la dificultad de descodificar y reexpresar en otra lengua el sentido implícito en cada palabra o expresión empleada por una comunidad para un propósito específico en un contexto determinado.

Ahora bien, la complejidad de dicha labor se acrecienta al momento de abordar un texto fílmico y trabajar bajo la modalidad de traducción audiovisual conocida como *subtitulado* dadas las

¹ Este trabajo da cuenta del proyecto de investigación en curso *Análisis traductológico de los marcadores culturales verbales y extralingüísticos de los barrios populares de medellín: subtitulado al inglés de la película La vendedora de rosas*, el cual fue seleccionado en la convocatoria Pequeños Proyectos de Investigación 2014-1 realizada por la Escuela de Idiomas de la Universidad de Antioquia y financiado por el CODI. A la fecha, el proyecto se encuentra en desarrollo.

* Universidad de Antioquia, Medellín (Colombia), yuarmo_@hotmail.com

**Universidad de Antioquia, Medellín (Colombia), erika_marin08@hotmail.com.

restricciones para su realización: no más de dos líneas, 35 caracteres por línea y sincronización con la imagen y el diálogo, como lo explica Cintas (2001).

Por lo tanto, este artículo se centra en el marco teórico y en la metodología diseñada para una investigación sobre el análisis de marcadores culturales verbales y extralingüísticos presentes en un texto fílmico porque se considera que puede ser útil para el ámbito de la traducción, puesto que propone una herramienta metodológica que facilita la clasificación y el análisis de marcadores culturales presentes en cualquier tipo de texto.

El texto audiovisual objeto de estudio de la investigación es la película “*La vendedora de rosas*” del productor Colombiano Víctor Gaviria, la cual refleja la realidad de los habitantes de los barrios marginados de Medellín. En esta película, el uso que se hace de la lengua resulta de gran interés y merece ser estudiado, dado que constituye prácticamente un nuevo código lingüístico cuya base son los halagos, dichos populares, regionalismos y palabras soeces; además de la utilización de marcadores culturales extralingüísticos como la indumentaria, el consumo de drogas, amistades, nombres propios, apodos y hábitos representativos de este ambiente callejero.

2. Marco teórico

La traducción es un proceso en el cual se enfrentan dos culturas por lo que el asunto de los inevitables problemas que

plantea el trasvase de referentes culturales ha existido desde siempre. Estos elementos se han estudiado principalmente en el área temática de la traducción cultural y se empieza a reflexionar más sobre su importancia en el momento en que crece el interés de las editoriales por promover diversidad cultural a través de la traducción, por ejemplo, por medio de obras literarias provenientes de la India, Japón y China, planteando así todo un reto para los traductores.

Sin embargo, es un tema tan amplio y complejo que no es fácil encontrar unanimidad en la forma de designar, definir y clasificar los marcadores culturales, ni mucho menos en las herramientas metodológicas para su análisis. Este fenómeno se evidencia en la multiplicidad de nombres que emplean los autores para referirse a los marcadores culturales: *realia* (Bodeker y Fresse, 1987), *culture markers* (Nord, 1994), *cultural terms* (Newmark, 1982), *cultural features* (Nida, 1964), *Kultureme* (Oksaar, 1988), elementos culturales específicos (Franco, 1996), determinantes extralingüísticos (Reiss, 1996), segmentos textuales marcadamente culturales (Mayoral y Muños, 1997), referencias culturales (Mayoral, 1994 y Escuela de Granada), *culture bumps* (Leppihalme, 1997), marcadores culturales específicos (Herrero, 1998), culturemas (Luque, 2009 y Gonzales, 2012), marcadores culturales y referentes culturales (Igareda, 2011).

Por lo tanto, teniendo en cuenta lo que plantean estos autores y que al traducir siempre se comparan culturas; los

marcadores culturales se pueden definir como: todos aquellos elementos, ya sean objetos, palabras, expresiones o convenciones, que reflejan una cultura en particular, ya que son creados, utilizados, transformados o reinventados por los individuos de acuerdo con las diferentes situaciones, necesidades y contextos, con el fin de expresar su ideología e identidad.

2.1 Traducción audiovisual

De acuerdo con Gambier,

la traduction audiovisuelle (TAV) relève de la traduction des médias qui inclut aussi les adaptations ou éditions faites pour les journaux, les magazines, les dépêches des agences de presse, etc. Elle peut être perçue également dans la perspective de la traduction des multimédias qui touche les produits et services en ligne (internet) et hors ligne (CD-ROM). Enfin, elle n'est pas sans analogie avec la traduction des BD, du théâtre, de l'opéra, des livres illustrés et de tout autre documente qui mêle différents systèmes sémiotiques (GAMBIER, 2004, p. 1).

Una de las modalidades de traducción audiovisual utilizadas con mayor frecuencia es el subtulado definido según Cintas como:

Una práctica lingüística que consiste en ofrecer, generalmente en la parte inferior de la pantalla, un texto escrito que pretende dar cuenta de los diálogos de los actores así como de aquellos elementos discursivos que forman parte de la

fotografía (cartas, pintadas, leyendas, pancartas...) o la pista sonora (canciones). Toda película subtitulada se articula, pues, en torno a tres componentes principales: la palabra oral, la imagen y los subtítulos (DÍAZ, 2001, p. 23).

2.2 Estrategias de traducción

Las estrategias más empleadas para traducir los culturemas según Cintas, Gambier y Newmark son:

- *Préstamo*: consiste en utilizar la misma palabra del texto origen en el texto meta sin traducirla;
- *Sustitución cultural*: consiste en utilizar una palabra o frase perteneciente a la cultura meta aunque no coincida exactamente con el elemento empleado en la versión original;
- *Uso de un hiperónimo*: consiste en emplear un término que encierre el sentido general de un grupo de palabras específicas para equilibrar la falta de una de ellas en la cultura de llegada;
- *Traducción literal*: consiste en traducir palabra por palabra dando prioridad a la estructura de la oración o frase y no a la semántica de ésta;
- *Supresión y compensación*: consiste en la omisión de una palabra o frase que carece de gran importancia dentro del enunciado, la cual al obviarla no afectará el sentido;

- *Paráfrasis*: consiste en aclarar por medio de definiciones o comentarios el significado de una palabra que resulta confusa en la lengua de llegada;
- *Equivalencia*: consiste en el empleo de una frase en el texto de llegada que transmita la misma idea del texto fuente sin importar si es diferente en forma;
- *Adición*: Consiste en añadir información necesaria para dar claridad a un concepto o realidad;
- *Calco*: consiste en tomar prestado un sintagma de la lengua extranjera y traducir de forma literal los elementos que lo conforman.

Finalmente, cabe notar que existe una diferencia entre *préstamo* y *calco*. En el primero no hay un proceso de traducción en sí, sino que se adopta la palabra como tal de la lengua de partida. En el segundo sí se realiza un proceso de traducción y, por consiguiente, ayuda al enriquecimiento de una lengua.

2.3 La vendedora de rosas

La *Vendedora de rosas* es una película realizada en 1998, en Colombia, por el director, guionista, poeta y escritor *Victor Gaviria*. Esta película combina elementos de la realidad de *Mónica Rodríguez* con el cuento infantil “La pequeña vendedora de fósforos”, de *Hans Christian Andersen*, y la película “Los olvidados”, de *Luis Buñuel*. El

guión no es creación propia del director, es decir, no es producto del imaginario del guionista, sino que es el resultado de la observación y estudio del diario vivir de los personajes de la película. Para ello, Víctor Gaviria convivió con los niños durante varios meses.

Los hechos tienen lugar en algunos de los barrios populares de Medellín y muestran la realidad de Mónica, una niña de 13 años que, para sobrevivir, se dedica a la venta de rosas en un lugar muy conocido en Medellín: *La 70*. La historia se construye desde las experiencias, alegrías y las desventuras de la protagonista y las de sus amigos, todos inmersos en ambientes de violencia, drogas y prostitución. Uno de los factores clave a la hora de retratar la dura situación de estos individuos es el empleo del argot callejero como lo expresa el mismo Gaviria:

Ese lenguaje – que está relacionado tan fuertemente a la identidad de estos niños – tiene algo de monstruoso; esa, creo, es la violencia lingüística que sienten algunos espectadores. Yo no puedo sin traicionarme, hacer de corrector del habla, y de gramático y preceptor del buen decir de los actores naturales. Ese lenguaje es mucho más importante que la película misma porque allí está la historia (la de la ciudad, la de los muchachos, la de los muertos, la de la injusticia, la de las experiencias de vida, la de la solidaridad y la identidad) [...] (GAVIRIA apud JÁUREGUI; SUAREZ, 2002, p. 377).

Esta película ha ganado premios como: *Premio Arci-luca* (1998) y *Gran coral* (1998) en el festival internacional del *Nuevo Cine Hispanoamericano de la Habana*; *Garza de Oro* (mejor director) en el festival hispano de Miami; y nominaciones como La Palma de Oro en el festival internacional de cine de Cannes (1998) y nominación a Ariel de plata en los premios Ariel (2000).

La empresa que realizó el subtulado de esta película es *Venevisión Internacional*, una compañía venezolana-estadounidense liderada por *Peter Tinoco*, la cual tiene más de 30 años de experiencia en la producción y distribución de contenidos tanto de la Organización Cisneros (cuya empresa es propietaria de *Venevisión Internacional*), así como de productores independientes.

3. Metodología

La metodología empleada para el análisis de los marcadores consta de cuatro fases:

- *Fase de documentación*: abarca la búsqueda, recolección, clasificación y evaluación de la información disponible sobre el tema;
- Estudio de caso de los marcadores verbales y extralingüísticos de *la vendedora de rosas*;
- Diseño de la herramienta metodológica para el análisis de los marcadores;
- Análisis de los marcadores y su respectivo subtulado.

3.1 Herramienta metodológica

Para la creación de la herramienta metodológica partimos de la tabla de clasificación de los referentes culturales propuesta por Igareda (2011, p. 19-21). En esta tabla, la autora clasifica los marcadores culturales en siete categorías principales: ecología, historia, estructura social, instituciones culturales, universo social, cultura material, aspectos lingüísticos, culturales y de humor. Para la elaboración de la tabla, Igareda se apoya en diversos trabajos procedentes de diferentes disciplinas con el fin de crear una herramienta aplicable a diferentes tipos de textos, que contengan abundantes manifestaciones de cultura y así poder analizarlos detalladamente.

Tabla 1 – Categorías para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios

| Categorización Temática | Categorización por áreas | Subcategorías |
|--------------------------------|---------------------------------|---|
| 1. Ecología | 1.Geografía/ topografía | Montañas, ríos, mares |
| | 2.Meteorología | Tiempo, clima, temperatura, color, luz |
| | 3.Biología | Flora, fauna (domesticada, salvaje), relación con los animales (tratamiento, nombres) |
| | 4.Ser humano | Descripciones físicas, partes /acciones del cuerpo |
| 2. Historia | 1.Edificios históricos | Monumentos, castillos, puentes, ruinas |
| | 2.Acontecimientos | Revoluciones, fechas, guerras |

| | | |
|--|---|---|
| | 3.Personalidades | Autores, políticos, reyes/ reinas (reales o ficticios) |
| | 4.Conflictos históricos | |
| | 5.Mitos, leyendas, héros | |
| | 6.Perspectivas eurocentrista de la historia universal (u otro) | Historias de países latinoamericanos, los nativos, los colonizadores y sus descendientes |
| | 7.Historia de la religión | |
| 3. Estructura social | 1.Trabajo | Comercio, industria, estructura de trabajos, empresas, cargos |
| | 2.Organización social | Estructura, estilos interactivos, etc. |
| | 3.Política | Cuerpos del Estado, organizaciones, sistema electoral, ideología y actitudes, sistema político y legal |
| | 4.Familia | |
| | 5.Amistades | |
| | 6.Modelos sociales y figuras respetadas | Profesiones y oficios, actitudes, comportamientos, personalidades, etc. |
| | 7.Religiones “oficiales” o preponderantes | |
| 4. Instituciones culturales | 1.Bellas artes | Música, pintura, arquitectura, baile, artes plásticas |
| | 2.Arte | Teatro, cine, literatura (popular o aprendida) |
| | 3.Cultura religiosa, creencias, tabús, etc. | Edificios religiosos, ritos, fiestas, oraciones, expresiones, dioses y mitología; creencias (populares) y pensamientos, etc. |
| | 4.Educación | Sistema educativo, planes, elementos relacionados |
| | 5.Medio de comunicación | Televisión, prensa, internet, artes gráficas |
| 5. Universo social | 1.Condiciones y hábitos sociales | Grupos, relaciones familiares y roles, sistema de parentesco, tratamiento entre personas, cortesía, valores morales, |

| | | |
|--|---|---|
| | | valores estéticos, símbolos de estatus, rituales y protocolo, tareas domésticas |
| | 2.Geografía cultural | Poblaciones, provincias, estructura viaria, calles, países |
| | 3.Transporte | Vehículos, medios de transporte |
| | 4.Edificios | Arquitectura, tipos de edificios, partes de la casa |
| | 5.Nombres propios | Alias, nombres de personas |
| | 6.Lenguaje coloquial, sociolectos, idiolectos, insultos | <i>Slang</i> , coloquialismos, préstamos lingüísticos, palabrotas, blasfemias, nombres con significado adicional |
| | 7.Expresiones | De felicidad, aburrimiento, pesar, sorpresa, perdón, amor, gracias; saludos, despedidas |
| | 8.Costumbres | |
| | 9.Organización del tiempo | |
| 6. Cultura Material | 1.Alimentación | Comida, bebida, restauración (tabaco) |
| | 2.Indumentaria | Ropa, complementos, joyas, adornos |
| | 3.Cosmética | Pinturas, cosméticos, perfumes |
| | 4.Tiempo libre | Deportes, fiestas, actividades de tiempo libre, juegos, celebraciones folclóricas |
| | 5.Objetos materiales | Mobiliario, objetos en general |
| | 6.Tecnología | Motores, ordenadores, máquinas |
| | 7.Monedas, medidas | |
| | 8.Medicina | Drogas y similares |
| 7. Aspectos lingüísticos culturales y humor | 1.Tiempos verbales, verbos determinados | Marcadores discursivos, reglas de habla y rutinas discursivas, formas de cerrar/ interrumpir el dialogo; modalización del enunciado; intensificación; intensificadores; atenuadores; deixis; interjecciones |
| | 2.Adverbios, nombres, adjetivos, expresiones | |

| | | |
|--|---|---|
| | 3.Elementos culturales muy concretos | Proverbios, expresiones fijas, modismos, clichés, dichos, arcaísmos, símiles, alusiones, asociaciones simbólicas, metáforas generalizadas |
| | 4.Expresiones propias de determinados países | |
| | 5.Juegos de palabras, refranes, frases hechas | |
| | 6.Humor | |

Fuente: Igareda, P. (2011). Categorización temática del análisis cultural: una propuesta para la traducción. *İKALA* 16 (27), 19-21.

Ahora bien, con el fin de recoger toda la información concerniente a marcadores culturales presentes en un texto fílmico, agregamos a la tabla anterior otras divisiones como *subtítulo original*, *propuesta de traducción* (domesticante y extranjerizante) y *comentario*. La tabla resultante (Tabla 2) constituye la herramienta metodológica empleada en el proyecto.

Tabla 2 – Herramienta metodológica para el análisis de marcadores culturales presentes en textos fílmicos ²

| <i>Categorización de los marcadores culturales aplicada a la traducción de material audiovisual</i> | | | | | | | |
|---|-------------------------|--------------------------|---------------|--------------------|-------------------------|-------------------|------------|
| <i>Marcadores Culturales Verbales</i> | | | | | | | |
| Marcador (guión) | Categorización temática | Categorización por áreas | Subcategorías | Subtítulo original | Propuesta de traducción | | Comentario |
| | | | | | A.Domesticante | B.Extranjerizante | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| <i>Marcadores Culturales extralingüísticos</i> | | | | | | | |
| Marcador | Categorización temática | Categorización por áreas | Subcategoría | Ejemplo | Descripción | | |
| | | | | | | | |

² **Nota.** Adaptación de la Tabla 1. **Fuente:** Igareda, P. (2011). Categorización temática del análisis cultural: una propuesta para la traducción. *İKALA* 16 (27), 19-21.

Cabe señalar que, conforme avanza la investigación, se han realizado modificaciones a la tabla. Un ejemplo de estas modificaciones es la columna *Propuesta de traducción*; inicialmente solo contemplábamos una propuesta de traducción, pero luego optamos por una propuesta *domesticante* y otra *extranjerizante*. Se tomó tal decisión porque, de acuerdo con la bibliografía consultada, las diferentes estrategias de traducción empleadas con los marcadores culturales siempre tienden hacia una de estas dos opciones. También teniendo en cuenta que a pesar de que las reglas formuladas desde años atrás para la realización del subtítulo han funcionado bien, en la actualidad en el mercado hay una gran cantidad de productos audiovisuales con diversos propósitos y clientes con necesidades cada vez más específicas. Por lo tanto, este fenómeno ha dado lugar a lo que se conoce como *subtitulado creativo*, que consiste en utilizar los recursos y técnicas disponibles (posición de los subtítulos, tamaño, color, fuente, doble subtítulo, etc.) para salirse un poco de las normas establecidas al momento de subtitular con el fin de responder de forma recursiva y creativa a las necesidades del público meta, a la finalidad con la que se proyecta el texto fílmico, e ir más allá de los simples diálogos.

4. Resultados preliminares

A continuación se presentan algunos ejemplos del análisis de ciertos marcadores culturales de la película utilizando la Tabla 2.

Tabla 3 – Ejemplos del análisis de algunos marcadores culturales presentes en la película *LA VENDEDORA DE ROSAS*

| Categorización de los marcadores culturales aplicada a la traducción de material audiovisual | | | | | | | |
|--|---|--|--|---|---------------------------------------|---|--|
| MARCADORES CULTURALES VERBALES | | | | | | | |
| Marcador (Guion) | Categorización temática | Categorización por áreas | Subcategorías | Subtítulo Original | Propuesta de traducción | | Comentario |
| | | | | | A.Domesticante | B.Extranjerizante | |
| ¿Usted se está sacoliando, mija? | Universo social | Adicciones, drogas y armas | Cocaína, marihuana, sacol, perico | You're sniffing glue? | Are you sniffing glue, Leidy? | Are you sniffing sacol, Leidy? | En Subtítulo Original: Uso de hiperónimo. En A: Uso de hiperónimo. <i>Sniff glue</i> : En el <i>slang</i> , inhalar pegamento. En B: Préstamo. Sacol: Tipo de pegamento utilizado en la industria del calzado. |
| .Pa' darle piquitos a donde llega el papel higiénico, mi amor | Aspectos lingüísticos, culturales y humor | Juego de palabras, refranes, frases hechas | Dichos, alusiones, asociaciones simbólicas | Please Kiss me where you know I like it, baby | I'd like to kiss you down there, baby | I'd like to kiss you where the toilet paper goes, baby | En Subtítulo original: Modulación de sentido. En A: Sustitución cultural. En B: Calco. |
| MARCADORES CULTURALES EXTRALINGÜÍSTICOS | | | | | | | |
| Marcador | Categorización temática | Categorización por áreas | Subcategorías | Ejemplo | | Descripción | |
| Vestimenta | Cultura material | Indumentaria | Ropa, joyas, adornos | Shorts y faldas cortas, blusas ombligueras, copetes, camisetas y jeans cortos | | Esta clase de marcadores dan cuenta de la cultura y recrean la realidad por medio de imágenes. Hacen parte de esta categoría elementos como platos típicos, festividades, celebraciones, la estructura familiar, la forma de vestir y todos aquellos rasgos idiosincrásicos, característicos y distintivos de un grupo de personas en particular. | |
| Alimentación | Cultura material | Alimentación | Comida, bebida | Buñuelos, natilla | | | |
| Familia y amistades | Universo social | Condiciones y hábitos sociales | Grupos, relaciones familiares y roles | Familias compuestas por los parceros | | | |

EJEMPLO 1: ¿Usted se está sacoliando, mija?

Este marcador aparece en una escena donde una amiga de Mónica va a buscarla para que se vayan a vender flores y cuando la encuentra la ve inhalando *sacol*. Aquí el marcador cultural es *sacoliar*, este verbo significa inhalar sacol, el cual es un tipo de pegamento utilizado en la industria del calzado para ensamblar zapatos. Este pegamento contiene ciertas sustancias químicas que al ser inhaladas causan efectos alucinógenos, y por esto es muy utilizado como droga por los niños de la calle para calmar el hambre y el frío.

Sacoliando subtulado al inglés, como *sniffing glue*, es un claro ejemplo de que no siempre una realidad determinada tiene su equivalente o se presenta de la misma forma en otro contexto. En la cultura callejera americana este producto no existe como tal, aunque si se tiene la costumbre de inhalar pegamento (*glue*). Por tal motivo, para este caso se propone como estrategia extranjerizante, al igual que lo hace la empresa subtituladora, el uso del hiperónimo *glue*. Si bien al utilizar una palabra más general se pierde el sentido preciso del término *sacol*, como dice Días Cintas (2003, p. 249) este fenómeno es muy recurrente en el subtitulado pues no es posible hacer una paráfrasis o explicación del término. Por otra parte, como estrategia domesticante se plantea el calco, pues se emplea la palabra *sacol*.

EJEMPLO 2: *Pa' darle piquitos a donde llega el papel higiénico, mi amor.*

Este marcador se presenta en una escena donde uno de los amigos de Mónica intenta conquistar a una de las niñas por medio de un alago. Aquí la frase completa es el marcador cultural, ya que por medio de un eufemismo y del uso recursivo del lenguaje hace referencia a que le gustaría lamer la vagina y el clítoris.

Pa' darle piquitos a donde llega el papel higiénico, mi amor traducido por la empresa subtituladora como *Please kiss me where you know I like it, baby* constituye una modulación del sentido porque se cambia quien recibe la acción y quien la hace. Por tal razón, se proponen como estrategia domesticante la sustitución cultural mediante *down there* y como estrategia extranjerizante con *where the toilet paper goes*.

EJEMPLO 3: *vestimenta, alimentación, familia y amistades.*

El aspecto principal de estos marcadores es que representan una situación cultural a través de un medio diferente a la palabra oral o escrita:

- **Vestuario:** este se caracteriza por el uso de shorts, faldas y blusas cortas;
- **Alimentación:** como la película se enmarca en la época decembrina se muestran algunos platos típicos como la *natilla* y los *buñuelos*. La *natilla* es una especie de postre lácteo proveniente de España. Esta fue traída a Colombia por los colonos de España durante la época

de la colonización y en la actualidad forma parte de la cena navideña de las familias de Antioquia. La natilla está hecha a base de maíz, leche y panela. Además se suela acompañar con buñuelos, que son a base de queso, huevos, almidón de maíz (o maicena) con un poco de almidón de yuca y azúcar. Con la masa resultante, se arman palitos o bolitas de diferentes tamaños y luego se sofríen en aceite;

- **Familia y amistades:** dadas las circunstancias en las que viven los personajes, los amigos terminan siendo la familia.

Si bien en ocasiones una sola imagen tiene la capacidad de expresar lo que podría decirse con muchas palabras, como es el caso de la indumentaria, cuando las imágenes encierran contenidos culturales pueden quedarse cortas. En el caso de la natilla y los buñuelos la imagen se queda corta porque la audiencia no alcanza a comprender de qué están hechos estos platos y su importancia dentro de la tradición en el contexto paisa. ¿Cómo lograr entonces que la audiencia comprenda realmente estos referentes? Bartolomé y Cabrera (2009, p. 161-186) en su artículo *how can images be translated? Audioescription, a challengin audiovisual and social gap-filler* proponen una modalidad de la TAV muy interesante. Se trata de un proceso conocido como audio descripción (AD) el cual consiste en convertir toda la información transmitida por medio de imágenes en palabras. Las personas encargadas de realizarlo son el audiodescriptor o encargado de describir creativamente las imágenes y el narrador o encargado de verbalizar el producto escrito.

Aunque en un principio la AD estaba dirigida principalmente a un público con discapacidades visuales, luego se extendió al público en general al descubrir su utilidad para facilitar al público meta la comprensión de ciertas referencias culturales de un texto en lengua extranjera. En este caso se requiere ayuda de un traductor audiovisual antes de realizar la AD y tal ha sido su aceptación que se ha empleado en películas como *Harry Potter* y *The lord of the rings' saga* y en festivales de cines como Cannes desde el año 2000.

5. Conclusiones parciales

- Una herramienta metodológica adecuada no solo facilita el análisis de los marcadores culturales sino que ayuda al traductor en la toma de decisiones;
- Dependiendo de la función que ha de cumplir el texto en la cultura de llegada, de la intencionalidad del traductor y del público objetivo las estrategias de traducción se pueden agrupar en dos clases: extranjerizantes y domesticantes;
- En películas, cuya finalidad es dar a conocer una realidad cultural, el subtítulo creativo es una buena herramienta, ya que ayuda al traductor a conseguir el efecto deseado en un público receptor específico;
- Los marcadores culturales implican una doble traducción: una traducción intralingüística y una traducción interlingüística;

- Los términos argóticos plantean un gran desafío y aún más cuando contienen un grado elevado de erotismo y sexualidad, ya que se recurre de manera casi inmediata a la censura.

Referencias

BÖDEKER, Birgit; FREESE, Katrin. *Die Übersetzung von Realienbezeichnungen bei literarischen Texten: Eine Prototypologie.* Textcontext 2 (3), p. 137-165, 1987

CHAUME, F. Film studies and translation studies: two disciplines at stake in audiovisual translation *Meta*, Montreal, v.49, n.1, p. 12-24, abr. 2004.

CHESTERMAN, A; GALLARDO, N.; GAMBIER, Y. *Translation in Context.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

DÍAZ, J. *La traducción audiovisual: El subtitulado.* 1. Ed. Salamanca, España: Ediciones Almar, 2001. 173 p.

_____. *Teoría y práctica de la subtitulación Inglés-Español.* España: Editorial Ariel, 2003. 412 P.

_____. *The Didactics of Audiovisual Translation.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. 267 p

GAMBIER, Y. La traduction audiovisuelle: un genre en expansion. *Meta*, Montreal v.49, n.1, 2004. p. 1-11.

GAMZALE, D.M. *Análisis descriptivo de la traducción de culturemas en el texto turístico.* 2012. (Tesis de doctorado). Universitat Politècnica de Valencia, Valencia. Disponible en.

<https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/17501/tesisUPV3877.pdf?sequence=1>. Recuperado el 15 de feb. 2014.

GONZALEZ, D.M. *Análisis descriptivo de la traducción de culturemas en el texto turístico*. 2012. (Tesis de doctorado). Universitat Politècnica de Valencia, Valencia. En. <http://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/17501/tesisUPV3877.pdf?sequence=1>. Recuperado el 15 de feb. 2014.

HERNANDEZ, A.; CABRERA, G. How can images be translated? Audio description, a challenging audiovisual and social gap-filler. In: *Erasmus*, Argentina, n.11, 2009. p. 61-186.

HERRERO, Leticia. *Traducción entre culturas: la traducción de los marcadores culturales específicos en la novela angloindia de la década de los noventa*. Tesis doctoral de la universidad de alicant6. 1999. Recuperado de [http://www.uco.es/hum198/sites/all/files/hikma/Hikma%2011%20\(2012\)/Hikma%2011.%20Art%C3%ADculo%207.pdf](http://www.uco.es/hum198/sites/all/files/hikma/Hikma%2011%20(2012)/Hikma%2011.%20Art%C3%ADculo%207.pdf)

IGAREDA, P. Categorización temática del análisis cultural: una propuesta para la traducción. *ÍKALA*, v.16, n.27, p. 11-32, ene.-abr. 2011.

JÁUREGUI, Carlos. *Violencia, representación y voluntad realista: entrevista a Víctor Gaviria*. Número monográfico: Imagen y subalternidad: el cine de Víctor Gaviria. Revista Objeto Visual 11/9. Caracas, 2003. p. 91-104.

LA VENDEDORA DE ROSAS. Dirección: Víctor Gaviria. Colombia: Venevision, 1998.

LEPPIHALME, Ritva. *Culture Bumps: an empirical approach to the Translation of allusion*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

LUQUE, D. *Claves culturales e imaginológicas de los textos argumentativos*. Ponencia presentada a la III Conferencia Internacional de Hispanistas de Rusia. Moscú, 2009a, p. 19-21.

MAYORAL, Roberto; Ricardo MUÑOZ. *Estrategias comunicativas en la traducción intercultural*. FERNÁNDEZ, Purificación; BRAVO, José María (Ed.). Aproximaciones a los estudios de traducción. Valladolid: Servicio de Apoyo a la Enseñanza, Universidad de Valladolid: 143-92, 1997.

NADAL, L. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design*, Córdoba, n.11, 2009, p. 93-120. En: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf. Recuperado el 15 de feb. 2014.

NIDA, Eugene A. *Towards a Science of Translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964.

OKSAAR, Els. *Kulturem theorie. Ein Beitrag zur Sprachverwendungsforschung*. Hamburgo-Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1988.

PETTTT, Z. The audio-visual text: Subtitling and dubbing different genres. In: *Meta*, Montreal, v.49, n.1, p. 25-38, abr. 2004.

RAMIERE, N. Comment le sous-titrage et le doublage peuvent modifier la perception d'un film. In: *Meta*, Argentina, v.49, n.1, p. 102-114, abr. 2004.

REISS, Katharina. *Möglichkeiten und Grenzen der übersetzungskritik*. Kategorien und Kriterien für eine sachgeechte Beurteilung von Übersetzungen. München, 1971.

DICIONÁRIO BILÍNGUE DE FRASEOLOGISMOS JURÍDICOS: UMA PROPOSTA

Fábio Henrique de Carvalho BERTONHA*

Claudia ZAVAGLIA**

1. Introdução

Um *dicionário* é uma “compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos, etc.) ou de certas categorias específicas, organizadas numa ordem convencionada, geralmente alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc.” (HOUAISS, 2009). Assim sendo, podemos compilar informações sobre qualquer tema ou ramo do conhecimento a fim de constituir uma obra lexicográfica. É por meio de tais obras que o tradutor age, ultrapassa as diferenças e possibilita o contato entre povos, motivando-nos à pesquisa em questão: um recorte no universo lexicográfico tendo a língua portuguesa, na variante brasileira, como nosso ponto de partida.

Neste trabalho, interessou-nos estudar especificamente os *fraseologismos jurídicos* das línguas portuguesa do Brasil e italiana, visto

* Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Brasil.
bertonha.tradutor@hotmail.com

** Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Brasil.
zavaglia@ibilce.unesp.br

que tal campo ainda padece de obras de referência tanto para consulentes da comunidade em geral quanto para grupos de interesses específicos, como profissionais da área do direito e da tradução. O estudo é voltado para expressões típicas do direito – muito caracterizado pelo tecnicismo e a obscuridade da linguagem –, que envolvem intensamente nossa vida social reforçando ainda mais a simbiose entre informação, política e mundo judicial; naturalmente há uma proliferação de novos termos e expressões cada vez mais presentes por causa do consumismo que não poupa sequer as instituições de língua. Dessa forma, esse campo do conhecimento (jurídico) abrange unidades lexicais próprias constituindo um microsistema social ainda pouco explorado (ZAVAGLIA, 2007, p. 2).

Conforme Corpas Pastor, “as unidades fraseológicas são combinações estáveis de unidades léxicas constituídas por duas ou mais palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior situa-se no nível da oração composta” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20)¹. Assim sendo, realizamos um estudo comparativo sobre as fraseologias do universo jurídico junto às línguas portuguesa (variante brasileira) e italiana a fim de que o produto proposto pudesse se dirigir a quaisquer consulentes desse par de línguas, fossem aprendizes, professores, advogados, juízes, tradutores, bem como leigos que se interessem por esse campo do saber.

¹ Tradução nossa para: “son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta”.

Já as unidades fraseológicas especializadas são entendidas como aquelas provenientes do texto especializado, de certo domínio, tendo o mínimo de uma unidade, perpassando por estruturas sintagmáticas e oracionais, com certa fixidez. Segundo Pontrandolfo (2011; 2012, p. 92), as unidades fraseológicas especializadas possuem as seguintes características: (i) são combinações que contêm termos, (ii) tendem à denotação, (iii) possuem significado especializado, (iv) encontram-se mais comumente em textos escritos e (v) identificam-se por meio de uma temática, de uma comunidade acadêmica ou de um grupo profissional.

Instigados, então, pela pesquisa no campo dos fraseologismos, propusemos a elaboração de um dicionário de fraseologismos no âmbito jurídico que pudesse proporcionar respostas mais objetivas e diretas aos consulentes que buscam entender e usar corretamente a linguagem jurídica, além da produção textual em língua italiana. Dessa forma, tentamos verificar a veiculação do léxico nessas sociedades envolvidas para que assim pudessemos apresentar uma obra de valor concernente à elaboração desse dicionário bilíngue. Com isso, a feitura dessa obra visa ajudar, efetiva e principalmente, o trabalho do tradutor, que compreende a íntima ligação entre o léxico (um sistema aberto, atemporal) e o dicionário (conjunto fechado que trata de um recorte espaço-temporal). Academicamente, o tradutor deve pensar nessa ligação, pois ajuda a ampliar o campo de visão vindo do texto de partida para

o de chegada, refletindo sobre o inter-relacionamento cultural (MARCUSCHI, 2004, p. 15-43).

Precedidas geralmente de uma classificação gramatical, as traduções dos fraseologismos que figuram nos dicionários bilíngues tradicionais são, muitas vezes, limitadas e não contextualizadas. Talvez isso se deva ao fato de os dicionários bilíngues (DBs) serem restritos quanto à sua nomenclatura, ou por possuírem um número de entradas determinado pelo tamanho do dicionário requerido pelo editor, ou pelo fato de a sua consulta dever solucionar rapidamente problemas tradutórios, fornecendo ao usuário informações básicas relativas à semântica e à classificação gramatical do item procurado.

Assim sendo, como ponto de partida, tomamos o léxico como conjunto de palavras presente nas línguas das sociedades envolvidas (Brasil e Itália), dicionarizado nas obras citadas em nossas referências. De fato, o léxico assinala as marcas culturais de um povo por meio dos signos linguísticos, a partir do momento que os dicionários se tornam valiosas obras de referência de um povo ao realizar, por meio de palavras, os registros sócio-histórico-culturais de uma época.

Durante a elaboração de dicionários especializados quer sejam monolíngues, bilíngues ou semibilíngues, sempre devem ser levados em consideração não apenas os elementos linguísticos, mas também os sócio-metodológicos (essenciais para a descrição singular das unidades lexicais a serem tratadas), isto é, seu uso, seu significado e sua funcionalidade.

Partindo-se de tal ponto, tem-se que um tradutor deveria reproduzir os efeitos textuais de um texto-fonte numa língua de chegada conforme as possibilidades oferecidas por aquele sistema linguístico. Na elaboração de verbetes de obras especializadas, portanto, competiria ao lexicógrafo de obras bilíngues tentar (re)produzir expedientes linguísticos concernentes à constituição da macro e microestrutura na língua de chegada com as mesmas cargas semânticas da língua original. Nesse sentido, Salgado (2015, p. 29) ressalta que a tradução acaba por contribuir com a terminologia,

tanto como área de estudo quanto com os produtos terminográficos, justamente pela necessidade que os tradutores têm de obras de referência confiáveis que sejam pelo menos bilíngues e tragam aspectos gramaticais, já que surgem questões como: o termo é usado só no plural, não tem singular? Ocorre a flexão de gênero? É usado com inicial maiúscula ou minúscula? Além disso, é importante que tragam contextos de ocorrência, variantes, sinônimos, etc, e que além de tudo isso, estejam devidamente atualizadas. Embora a maioria dos produtos terminográficos não atenda a tantas exigências dos tradutores, é inegável que essas necessidades vêm cada vez mais servindo como guia para a elaboração de glossários (SALGADO, 2015, p. 29).

À medida que as divergências existentes entre universos culturais diferentes impõem diversidades de correspondência linguística entre duas línguas, a hipótese Sapir-Whorf se consagra ao estabelecer que a língua afeta firmemente o pensamento, não

apresentando limites para a diversidade estrutural das línguas, ou seja, um indivíduo falante que tenha um sistema linguístico “A” pode não ser compreendido por outro indivíduo de um sistema linguístico “B” (RODRÍGUEZ, 1998, p. 30).

Em outras palavras, a percepção de um indivíduo sobre a realidade acaba por ser moldada pelas estruturas linguísticas e alguns autores universalistas e relativistas se manifestaram contra o extremismo delas e, após décadas, ainda percebemos o enfrentamento entre ambos os grupos. Enfim, hoje, nenhuma delas pode ser sustentada de forma extrema como vertentes completamente opostas, pois a realidade é muito mais complexa de modo que, daqui a algum tempo, pode ser possível que comprovações empíricas possam encontrar um ponto de intersecção entre elas (GONZÁLEZ, 2008, p. 63).

Ademais, ao se elaborar obras lexicográficas bilíngues, verificam-se problemas de equivalência entre as lexias, levando o lexicógrafo/tradutor a refletir sobre tais questões, exercitando sua capacidade de encontrar e propor artifícios linguísticos que satisfaçam os valores semânticos desses itens lexicais da língua de partida na língua de chegada.

2. Dicionário bilíngue

O dicionário é uma obra de consulta que consiste em uma descrição do léxico, sendo que tal descrição é determinada conforme

quatro variáveis (número e extensão das entradas; modo de estudá-las; ordenação apresentada e suporte da descrição). Assim, Dapena (2002, p. 42-43) afirma que não existem tipos puros de dicionários, isto é, todo dicionário pode pertencer, ao mesmo tempo, a várias classificações. Ele apresenta uma primeira distinção quanto a dicionários linguísticos (aqueles que se preocupam com as unidades lexicais de uma ou mais línguas – caso em que figura o Dicionário Bilingue de Fraseologismos Jurídicos, doravante DBFJ), e não linguísticos (aqueles que se preocupam com o estudo da realidade representada pelas unidades lexicais). Além disso, um dicionário pode ser dividido quanto ao número de línguas em monolíngues, bilíngues ou plurilíngues.

É verdade que há uma imensa gama de “dicionários” disponíveis no mercado, por diversas razões: para satisfazer determinados públicos, para registrar determinado léxico parcial de um povo (gírias, terminologia marítima etc.), para estimular novas buscas ou pesquisas em áreas específicas do conhecimento (gastronomia), mono, bi ou multilíngues, impressos ou online, etc. Entretanto, por vezes, tais obras tidas e impressas como “dicionários”, de fato, não são obras pensadas para constituir um dicionário, cujas funções podem ser assim elencadas: a) constitui autoridade de uso; b) é um depósito de vocábulos (difíceis); c) funciona como ferramenta para melhorar a comunicação e um meio de fortalecer a língua; d) estimula à reflexão sobre a língua; e) auxilia

no aprendizado de uma língua estrangeira; f) é uma arma ideológica (HARTMANN, 1985, p. 5 apud BÉJOINT, 2000, p. 108-109).

Já ressaltava Borba (2003, p. 309): “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”, logo, tanto as entradas selecionadas quanto as definições servem como exemplo da relação entre dicionário e cultura, pois, as definições descrevem o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico. As rubricas, por sua vez, indicam o nível da linguagem, a área de especialidade a que o lexema pertence e, sob esse aspecto, nossa pesquisa se deu buscando as rubricas de termo jurídico, além do que, decidimos por oferecer o contexto em que elas figuram por meio de abonação (uma exemplificação extraída da web), sendo que as definições foram constituídas por nós mesmos, buscando contextualizar o uso vocabular e facilitar a compreensão do significado, segundo Corrêa (2012, p. 364).

Um dicionário bilíngue tradicional pode ser de vários tamanhos, arrolar um número pequeno de vocábulos e, geralmente, “conduz a uma superficialidade na apresentação das equivalências nas duas línguas”, segundo Schmitz (1998, p. 162). Usualmente, são obras que não contemplam contextualizações, recurso que poderia ser de grande valia para o consulente. Com efeito, por vezes, verifica-se que mesmo o tradutor tendo à mão obras lexicográficas bi ou multilíngues e/ou terminológicas, por exemplo, não encontra

nelas contextos que possam confirmar as informações ambicionadas e, então, no exercício da profissão, esses profissionais acabam por desempenhar papel de lexicógrafos ou terminógrafos, uma vez que formulam seu próprio arcabouço lexical para triunfarem em seu trabalho tradutório. No entanto, sem a devida formação lexicográfica, essas compilações podem vir a se constituir em obras “desordenadas e de qualidade questionável” (ZAVAGLIA, 2009, p. 22).

Ao considerarmos um dicionário bilíngue, devemos ter claramente como ponto central a questão da equivalência, pois, enquanto uma obra lexicográfica monolíngue descreve o sistema linguístico de uma língua “X”, aquela bilíngue descreve o sistema linguístico de “X” e de “Y”, além da correspondência entre “X” e “Y”. Contudo, na verdade, o dicionário monolíngue direciona o falante nativo partindo da forma para o significado, sem possibilidade de inversão (exceto os onomasiológicos); já o dicionário bilíngue, direciona o falante não-nativo, também partindo da forma para o significado, porém, com possibilidade de inversão (GARCÍA, 2006, p. 56-66). Por dicionário especial unilíngue ou bilíngue, deve ser entendida aquela obra lexicográfica de uma língua natural que descreve itens léxicos arrolados por algumas de suas características (ZAVAGLIA, 2009, p. 38).

3. DBFJ, um dicionário bilíngue: constituição

Neste trabalho, de cunho qualitativo e descritivo, consideramos as expressões relacionadas ao campo semântico “área jurídica”, pesquisadas e encontradas nos dicionários eletrônicos *Aurélio* (2010) e *Houaiss* (2009), dos quais partiu nossa compilação, além de dicionários temáticos e especializados sobre esse argumento, para o levantamento da nomenclatura em língua portuguesa. Utilizamos um método descritivo-analítico com vistas a satisfazer às necessidades científicas.

No que diz respeito à determinação da equivalência fraseológica, muitos entraves foram encontrados devido à flexibilidade – ora sintática, ora semântica – que os sintagmas apresentam. Assim, não nos interessaram expressões que apresentaram baixa frequência. Consideramos frequente uma expressão com, no mínimo, mil ocorrências no universo de 120 milhões de palavras, segundo dados apontados por Berber Sardinha (2004, p. 169), ou seja, a expressão que ocorresse no mínimo, mil vezes, atingindo, portanto, um índice médio de frequência, seria selecionada.

O critério adotado para constituir a macroestrutura foi que seriam inseridas as unidades lexicais que apresentassem rubrica jurídica nas duas línguas em questão. Para tanto, traçamos o percurso subsequente:

i) seleção dos verbetes com rubrica de termo jurídico;

- ii) organização em ordem alfabética dos verbetes selecionados;
- iii) consulta de sua definição no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e no Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010);
- iv) busca por contextos de uso por meio da web, a partir da qual selecionamos as entradas.

Em relação às investigações realizadas para o estabelecimento dos equivalentes em italiano, utilizamo-nos de dicionários monolíngues e bilíngues, impressos ou online, bem como nos valem de consultas a veículos de busca, por meio dos sites www.google.it e www.yahoo.it para legitimar nossas escolhas. De fato, a WEB permite a verificação dos possíveis equivalentes em contextos *reais* de uso. Com isso, estamos de acordo com a Lexicografia moderna, para a qual uma palavra faz parte do patrimônio lexical de uma língua se tiver sido usada um dado número de vezes por diferentes falantes e se ocorrer em diferentes gêneros textuais.

O DBFJ, diferentemente de vários modelos de dicionários, propôs facilitar a busca da correspondência tradutória – objetivo principal do consulente –, oferecendo o contexto de uso em ambas as línguas envolvidas. Quanto à microestrutura, propomos todas as informações previstas no planejamento prévio da obra conferindo homogeneidade e coerência à ela e, a partir disso, seguimos critérios de uniformização, tais como:

a) indicação da expressão jurídica em português, **em negrito**, a fim de que o consulente se atente à significação nele abarcada, apresentando um tamanho de fonte 12;

b) indicação do equivalente em italiano, em “**negrito-verde**”, a fim de que o consulente se atente à significação abarcada na língua-alvo, apresentando um tamanho de fonte 12;

c) elaboração da definição em português, apresentando um tamanho de fonte 12;

d) contextualização dos equivalentes na língua de partida e na língua de chegada por meio de abonações da web, indicando sua origem ao final do contexto, apresentando um tamanho de fonte reduzido para 9, deixando que as palavras-entrada se destaquem a cada novo verbete;

e) inserção de vírgulas para separar unidades lexicais sinônimas, observando a frequência em que ocorreram. Conforme características previamente mencionadas, nossos verbetes foram constituídos pelo vocabulário da língua portuguesa (variante brasileira) e pelo italiano.

A seguir, vejamos a microestrutura abstrata proposta:



Condição que estabelece uma ameaça de sanção para a parte que não cumprir a obrigação da medida processual.

exemplo contextualizado em português
[site/referência/origem]

Pt: “Manteria a mulher no domínio dos bens legados, apesar do desrespeito da **cláusula cominatória**, com ressalva de que a atribuição deveria pesar na constituição da almejada meação pleiteada pela união estável, em caso de êxito judicial (Leis 8.971/94 e 9.278/96)”
[<http://www.nacionaldedireito.com.br/doutrina/1260/cl-usula-penal-i>]

exemplo contextualizado em italiano
[site/referência/origem]

I: “1. Appalti ll.pp. - Gara - Bando - **Clausola Comminatoria** di esclusione in caso di sua violazione - Applicazione senza eccezioni”
[<http://www.legislazionetecnica.it/49879/fonte/sentc-stato-23-03-2004-n-1551>]

O texto definitório inicia com uma unidade lexical de mesma classe gramatical a respectiva entrada (por exemplo: a entrada “consignação”, cuja definição se inicia por “contrato”), conservando o valor equivalente. Quanto ao aspecto formal, as palavras homógrafas podem ser registradas na nomenclatura em entradas distintas acompanhadas de um número arábico (anteposto ou posposto), de preferência sobrescrito, ou também, por um número romano anteposto (CARBALLO, 2003, p. 41). No DBFJ, tratamos as entradas homonímicas da seguinte forma:

Decadente¹ [adjetivo de dois gêneros]

Decadente² [substantivo de dois gêneros]

Os sites de busca foram extremamente importantes durante toda a feitura deste trabalho, sendo o fator fundamental para validar nossas escolhas, mostrando a contextualização dos itens lexicais.

Assim, foi possível validar os equivalentes italianos e sua pertinência para inclusão no dicionário em pauta com relação a uma equivalência literal, ou não-literal, ou equivalência parafrásica.

Os verbetes elaborados seguem então, o seguinte modelo:

| |
|---|
| <p>ENTRADA, em português</p> <p>Equivalente, em italiano</p> <p>Definição em português</p> <p><i>[exemplo contextualizado em português]</i> [site/referência/origem]</p> <p><i>[exemplo contextualizado em italiano]</i> [site/referência/origem]</p> |
|---|

Como concretização desse modelo, temos o seguinte exemplo:

ação petítória
azione petitoria

Meio processual em que reconhece e reintegra o direito a alguém.

Pt: “Inadmissível a formulação de uma possessória sob a forma de reconvenção a uma ação petítória, face à incompatibilidade de seu procedimento com o rito do processo principal.”
[http://www.dji.com.br/jurisprudencia/possessoria_reconvencao.htm]

I: “L’idea che all’usufruttuario, impedito comunque e da chic-chessia nell’esercizio del suo diritto, possa e debba bastare l’azione petitoria che sta a difesa dell’usufrutto, come basta a tutti quelli cui spetta attivamente una servitù prediale.”
[http://archive.org/stream/bullettinoistitu2223istiuoft/bullettinoistitu2223istiuoft_djvu.txt]

O verbete-modelo proposto traz a vantagem de possuir além da sua definição (explicação), a sua contextualização (exemplos), tanto na língua de partida (português) quanto na língua de chegada (italiano), fato esse de suma importância para a prática lexicográfica atual, extremamente útil para sanar dúvidas na tradução, para todas as entradas.

A definição “é um enunciado que expõe de forma sumária as características genéricas e específicas de um objeto, inserindo-o num determinado campo do conhecimento” (FAULSTICH, 2011, p. 195). No universo da definição, observa-se a visão de mundo de determinada sociedade. Um exemplo disso é a definição do verbete “deus” que implica diferenças no mundo ocidental e oriental, já que os conceitos e costumes são distintos. À vista disso, as definições podem ser organizadas por tipologia: aristotélica (lógica, intencional, inclusiva ou analítica), sinonímica, extensional (ostensiva), enciclopédica, terminológica, oracional, morfossemântica (relacional) e por oposição (negativa), além de outras denominações, dependendo do autor. Normalmente, os dicionários apresentam mais de um tipo de definição, visto que o significado pode ser mais compreensível ao ser descrito por um tipo de definição do que por outro, dependendo da coisa a ser definida. Para o DBFJ, optamos por uma definição aristotélica que fosse explicativa e iniciada por um hiperônimo de mesma classe gramatical da palavra-entrada, conforme dito anteriormente, a saber:

responsabilidade criminal

responsabilità criminale

Dever decorrente da prática de um crime por determinada pessoa, que permite ao Estado, após a persecução criminal e o devido processo, aplicar uma pena ao infrator.

Pt: “À responsabilidade criminal pela prática dos crimes previstos nos artigos 183.º a 185.º-A, acresce a responsabilidade civil pelo pagamento de todas as despesas inerentes à estada e ao afastamento dos cidadãos estrangeiros envolvidos, incluindo quaisquer despesas com custos de envio para o país de origem de verbas decorrentes de créditos laborais em dívida”
[<https://sites.google.com/site/leximigratoria/artigo-182-o-responsabilidade-criminal-e-civil-das-pessoas-coletivas-e-equiparadas>]

I: “L’età della responsabilità criminale in Iran è fissata a nove anni per le bambine e a 15 per i bambini. Questo significa che se una bambina di 10 anni commette un crimine sarà condannata con la stessa durezza che un uomo di quarant’anni. È per questo motivo che l’Iran detiene il triste primato del più alto numero al mondo di esecuzioni di minori.”
[http://www.repubblica.it/esteri/2010/09/19/news/ebadi_salvare_altre_venti_sakineh-7217706/]

Observe-se que a definição se inicia por um substantivo (“dever”) da mesma forma que sua entrada (“responsabilidade”). Seguindo Lehmann e Martin-Berthet (1998, p. 59 apud ALVES, 2011, p. 224), podemos considerar que a relação de oposição entre duas palavras da mesma classe gramatical, isto é, Aristóteles recomendava definir pelo recurso ao gênero próximo, distinguindo, em uma classificação absoluta, três gêneros: o gênero próximo (que tem abaixo dele apenas espécies), o gênero distante (que engloba outros gêneros) e o gênero supremo (que não é englobado em nenhum outro), assim, a definição tem por objetivo determinar a essência das coisas. As diferenças específicas são as propriedades da

coisa descrita que a diferenciam de outra coisa da mesma categoria e correspondem aos traços distintivos.

Procuramos seguir dois aspectos sugeridos por Borba (2003, p. 322-330): 1) atenção à técnica de montagem, de estruturação do dicionário; 2) estabelecimento de princípios para descrever o léxico. Assim, tendo o dicionário como nosso ponto de reflexão, procuramos observar seus movimentos de busca de interpretação, sua circulação social da palavra, além do poder representado pelo conhecimento em nossas práticas sociais.

Este dicionário de fraseologismos pode proporcionar aos usuários brasileiros de língua italiana, munidos de vocabulário básico, uma ferramenta eficiente de pesquisa rápida, graças à elaboração dos verbetes que levam em consideração os aspectos contrastivos existentes entre o italiano e o português, preocupação recorrente durante a pesquisa. Nota-se que, em algumas obras, os exemplos dados não apresentam uma contextualização eficiente dos itens lexicais, que poderia ajudar enormemente na compreensão do significado, como exemplo, podemos citar o dicionário italiano *Enciclopedia del Diritto* (2001), que foi de grande valia na busca pela equivalência.

4. Resultados alcançados

Diante do explanado anteriormente, observamos nos dicionários eletrônicos pesquisados que, de modo geral, tanto no

dicionário Aurélio (2010) quanto no Houaiss (2009) as remissões são apresentadas de diferentes maneiras com base em hiperlink:

a) No dicionário eletrônico Houaiss (2009), suas formas de remissões são explicitadas em “Detalhamento dos verbetes e outras informações”, estabelecendo que quando um lexema tiver a definição contida em outro verbete, por ser um sinônimo ou quase sinônimo desse item lexical, a remissão é feita com abreviação “m.q”, que significa “mesmo que”, e o lexema remissivo é destacado em caixa-alta, negrito e itálico. Nesse dicionário, as remissões são classificadas em 4 tipos: excludente (aparece entre parênteses com uma rubrica ou com uma minidefinição para excetuar uma acepção), discreta (geralmente, em acepções da linguagem informal, tabuística ou regional registradas no dicionário), imperativa (usada quando o dicionário elege uma entrada em detrimento de outra para registrar a definição) e genérica (indica em que local da alfabetação estão as definições procuradas pelo consulente, para que a forma de apresentação dos verbetes seja concisa). À parte essas quatro maneiras de se referenciar, há outras como lexemas e números entre parênteses, abreviatura “red.” e “menos us. que”;

b) Paralelamente, o Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica (2010) há o menu “ajuda” apresentando a seção “Verbetes- entenda sua estrutura” da qual surge a subseção “Remissiva”, em que podem ser encontradas informações sobre a constituição das referências

cruzadas. Assim, as remissivas podem ser identificadas por uma abreviatura “V.”, de onde se seguem lexias simples ou compostas, em itálico. Ademais, há uma outra forma de registro que é “~V.” seguido pelo lexema em itálico; quando da necessidade de direcionar uma busca, usam-se os números das acepções relacionadas com a remissão entre parênteses, como exemplo:

capacidade

8.**Jur.** Aptidão para adquirir direitos e contrair obrigações. [V. *assistência* (9) e *representação* (14).]

Capacidade de direito. Dir. Civ. Aptidão que todo ser humano tem de adquirir direitos e contrair obrigações, independentemente de idade ou condições mentais.

Capacidade de exercício. Dir. Civ. Capacidade de fato.

Capacidade de fato. Dir. Civ. Aptidão que a lei confere a algumas pessoas para exercerem, por si mesmas, independentemente de representação ou assistência, os seus direitos; capacidade de exercício.

Ainda há uma explicação sobre outro componente do verbete, que é a “achega”, um recurso apresentado entre colchetes que inclui informação adicional à definição, podendo ser de natureza explicativa, comparativa (Cf., sinônimos, antônimos etc.), gramatical (flexões, conjugação verbal, etc.), entre outras. Por vezes, pode servir para complementar o significado introduzido por meio da abreviatura “Cf.”, um caminho a percorrer, além de apresentar

variantes e relações lexicais. Enquanto consulente, deve-se atentar para a vários casos em que a circularidade dificulta o entendimento do significado. As remissões servem para complementar o significado, ampliar o conhecimento linguístico e cultural, e não para substituí-los (FAULSTICH, 1993, p. 92).

Biderman (2001, p. 186-190) aponta diferenças entre essas duas obras lexicográficas, de Aurélio e de Houaiss, tais como a inclusão discutível de muitas unidades como *elementos de composição* em desacordo com a Teoria Lexical, além do que eles não se fundamentam em um *corpus* informatizado como fonte de referência na extração e seleção das entradas. Ainda segundo a autora, ambos utilizam uma nomenclatura com muitos termos técnico-científicos, regionalismos, palavras em desuso, obsoletas, vocábulos literários raros, ademais, consideram homônimas apenas as palavras de étimos diferentes, exemplo: **direito** (*adj.*), **direito** (*sub*), e **direito** (*adv.*) constituem a mesma entrada (critério etimológico se sobrepõe ao semântico-lexical e sintático, isto é, diretamente interfere na macroestrutura).

O *DBFJ* almeja ser acessível e poupar, ao consulente, um esforço excessivo na sua busca por informações específicas em dicionários, causando gasto de tempo, aproveitando ao máximo o espaço com dados relevantes e úteis obtidos pelo contexto, buscando atingir atributos como abrangência, clareza e concisão, ou seja, praticidade no manuseio do público a que se destina.

Constatamos que as rubricas de termos jurídicos se apresentam em volume bem menor daquilo que esperávamos ao início desta pesquisa, porém, que o tratamento dado às unidades lexicais de rubrica *termo jurídico*, nesses que são considerados dicionários-padrão do português, deixa a desejar devido à baixa ocorrência encontrada. Desse modo, um dicionário especial que tratasse dessas unidades lexicais poderia fornecer um atalho para tradutores, lexicógrafos, estudantes, magistrados etc., na busca por leixias jurídicas em ambas as línguas. À vista disso, podemos relatar os seguintes problemas ou dificuldades no percurso científico:

a) Quanto ao dicionário Aurélio:

- Há a possibilidade de rápida pesquisa por meio do recurso “procurar no texto do verbete”, basta descobrir qual é a melhor palavra-chave para a busca; no nosso caso, “Jur.” era a rubrica almejada, desse ponto, conseguimos encontrar e pesquisar 668 verbetes;
- Refere-se a “V.” para indicar sua sinonímia, além de direcionar para uma palavra mais usual, demonstrando uma preferência pelo uso de determinada entrada em detrimento a outra; Ex.: *assinção* – V. “citação (4)” e “notificação (2)”;
- Encontramos definições circulares (ex.: *manutenir* → “1.Bras. Jur. Conceder mandado de manutenção a.”);

b) Quanto ao dicionário conhecido como Houaiss:

- Em sua pesquisa reversa, não é possível a busca pela rubrica “termo jurídico”; porém, é possível a busca por palavras e, partindo disso, por meio da pesquisa reversa, procuramos pelas seguintes palavras “jurídico” (89 verbetes) e “jurídica” (105 verbetes); conseqüentemente, para dirimir possíveis intersecções, voltamos desde a primeira entrada (“a”) até a última entrada (“zzz...”), verificando, uma a uma, onde poderíamos encontrar a rubrica desejada sem que houvesse buscas equivocadas;
- Refere-se a “m.q.” para indicar sua sinonímia, além de direcionar para uma palavra mais usual, demonstrando uma preferência pelo uso de determinada entrada em detrimento a outra; Ex.: “abuso de confiança pública” – “peculato”.

A começar dessas premissas, paralelamente ao trabalho de busca de equivalentes em língua italiana no DBFJ, buscamos a contextualização das unidades lexicais jurídicas em língua italiana, por meio da WEB, com o intuito de enriquecer a pesquisa e produzir, de forma singular, um dicionário de uso jurídico.

Nota-se que a rubrica de termo jurídico, que nos motivou a pesquisa, não apresentava uma definição enciclopédica, nem no Aurélio, nem no Houaiss, em questão. Eles não expõem o significado dos termos de forma similar a uma definição enciclopédica, há arbitrariedade na constituição deles, ou seja, eles fazem da maneira que lhes parece proceder mais conveniente.

Na pesquisa, por exemplo, descobrimos que a palavra “vadiagem” (“vagabondaggio”, em italiano) tem uma das suas acepções como rubrica jurídica, ou seja, para a legislação brasileira configura como sendo uma contravenção penal; já na língua italiana esse sintagma não apresenta nenhuma acepção cunhada na área do Direito. Assim, a reflexão sobre a constituição de um dicionário, necessariamente, tem que ser discursiva, isto é, deve passar pelas relações intertextuais e interdiscursivas para sua produção a fim de torná-lo funcional, relacionando sujeito e língua (ORLANDI, 2000, p. 15-16).

Verificamos que diversas entradas apresentaram descobertas interessantes quanto à diferença no universo das línguas envolvidas, principalmente dentro da própria língua portuguesa, pois, em relação às mesmas palavras nos dois dicionários, algumas vezes, apresentaram classificações diferentes, a saber:

- Houaiss dicionariza como fraseologismos jurídicos, enquanto que Aurélio não: absolvição sumária, ação mista, aditamento do pedido, adição da queixa, adição do libelo, alienação fiduciária, certidão negativa, certidão positiva, décima de herança;
- Aurélio e Houaiss etiquetam como rubrica jurídica “ano e dia”, enquanto que em língua italiana, não se apresenta tal fraseologismo;
- Fraseologismos utilizados e contemplados por Houaiss como rubrica jurídica, dos quais são encontrados os equivalentes de

mesma acepção jurídica em italiano, entretanto, não são contemplados com tal rubrica por Aurélio, tais como: autor físico, autor material, autor intelectual, autor moral, calúnia qualificada;

- Fraseologismos utilizados e contemplados por Houaiss, mas que não apresentam etiqueta jurídica em Aurélio, nem mesmo em italiano, por exemplo: capital aberto, capital de giro, capital fechado;
- Por outro lado, são encontrados os fraseologismos em Aurélio, mas que não apresentam etiqueta jurídica em Houaiss, nem mesmo em italiano, como: domicílio convencional, domicílio eletivo, domicílio especial, domicílio necessário, domínio direto, domínio útil, embargos de declaração, embargos infringentes.

Tendo em vista a particularidade das línguas envolvidas, mediante verificação nos dicionários pesquisados, os seguintes fraseologismos apresentam rubrica jurídica em italiano, porém, não apresentam em língua portuguesa (BR), são eles: abandono di un bene, abbandono di minore, abbandono di pubblico ufficio, cancelleria consolare britannica, abuso sessuale, abusi sui minori, diritto di appello, presentare appello, respingere l'appello, ricorrere in appello, coartare la coscienza, delazione di giuramento, sfratto esecutivo, in furto flagrante, in flagrante adulterio, privilegio immunitario, patrimoni immunitari, norme giuridiche, norme penali, avere efficacia retroattiva, effetto retroattivo.

Logo, nossa pesquisa foi finalizada elaborando o volume de 79 verbetes para a letra A, 13, para a B, 69 para a C, 72 para a D, 19 para a E, 21 para a F, 6 para a G, 15 para a H, 25 para a I, 17 para a J, 9 para a L, 6 para a M, 3 para a N, 5 para a O, 11 para a P, 4 para a Q, 22 para a R, 10 para a S, 11 para a T, 5 para a U, 14 para a V, totalizando a extensão de nossa nomenclatura em 436 entradas.

Para demonstrar o baixo volume encontrado acerca daquilo que havíamos imaginado ao início deste trabalho, podemos observar que nenhuma rubrica de termo jurídico fora encontrada concernente às letras K, W, X, Y e Z, fato que a princípio não nos causa admiração, pois as entradas de tais letras não são expressivas em termos numéricos.

5. Considerações finais

Neste capítulo, discutimos os resultados finais da investigação realizada nos dicionários citados anteriormente, mas também o modelo de microestrutura padrão, bem como a constituição dos verbetes que fazem parte do *Dicionário Bilingue de Fraseologismos Jurídicos*.

O uso correto, esclarecedor e objetivo da linguagem jurídica consiste em uma grande dificuldade da língua, seja ela materna ou estrangeira. Nos dicionários de língua geral, a escassez de informações sobre o campo de conhecimento jurídico é abundante, ainda mais raro é encontrarmos exemplos (e quando há, não estão

contextualizados), de modo que o usuário perde tempo na consulta e pode não esclarecer sua dúvida. Há pouquíssimo material em italiano para auxiliar os usuários da língua no que tange a área do Direito que, conjuntamente com a desinformação do usuário, pode levá-lo a transferir seu conhecimento da língua materna para a língua em aprendizagem. Entendendo a relevância sócio-acadêmica das unidades lexicais de rubrica jurídica para ampliação vocabular, propomo-nos estudar tal recorte, analisando como ocorrem no discurso especializado. Ressaltamos que não levamos em consideração expressões idiomáticas em latim.

Portanto, esperamos ter colaborado de modo efetivo com os consulentes aprendizes de italiano como língua estrangeira ao propormos os equivalentes tradutórios dos sintagmas nominais fundamentados sob parâmetros lexicográficos e tradutológicos. Diante do que foi estudado, também esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para o aprendizado da Língua Portuguesa, uma vez que apresenta uma proposta de dicionário que se pauta em princípios lexicográficos, detalha sobre dicionários existentes, propondo um novo modelo estratégico, e favorece o acesso ao léxico das línguas envolvidas, tentando preencher lacunas do conhecimento.

Referências bibliográficas

ALVES, I. M. Adjetivos de caráter opositivo na formação de termos sintagmáticos da Economia. *Organon* (UFRGS), v. 25, p. 221-239, 2011.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. *Análise de dois dicionários gerais do português contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss*. 2001.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003.

CARBALLO, M. A. C. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.) *Lexicografía española*. Editorial Ariel, S.A.: Barcelona, 2003.

DAPENA, J. A. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arcos/Libros, S.L., 2002.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. In: *Organon: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 50, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2010. (versão eletrônica).

GARCÍA, D. M. La Lexicografía Bilingüe. In: GARCÍA, D. M. *Fraseología bilingüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Editorial Comares, 2006. p. 37-49.

GONZÁLEZ, A. C. J. Percepción del color y lenguaje: sobre la vuelta del relativismo. *Ciencia Cognitiva: Revista Electrónica de Divulgación*, 2:2, 2008. p. 62-64.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

ORLANDI, E. P. Discursive lexicography. In: *Alfa (São Paulo)*, v.44, 2000. p. 97-114.

PONTRANDOLFO, G. *La fraseología en las sentenças penales: un estudio contrastivo español, italiano, inglés basado en corpus*. Tesi di Dottorato di Ricerca. Univesità degli Studi di Trieste, anno accademico 2011/2012.

RODRÍGUEZ, A. M. Universalismo e relativismo lingüístico. In: *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, v. 11, 1998. p. 27-37.

SALGADO, A. R. *Tipologia de termos da Psicanálise: um estudo para a tradução espanhol x português*. São Leopoldo, 2015. 145 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. In: SAPIR, E. *Culture, Language and Personality*. Berkeley, CA: Universitu of California Press, 1958.

SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUIERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS. 1998, p. 159-168.

ZAVAGLIA, C. A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 1.ed. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, v. 3, 2007. p. 209-222.

_____. *Sistematização crítica em Lexicografia e Lexicologia*. São José do Rio Preto, 2009. 92 f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e

Lexicografia) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas,
Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

O INDIZÍVEL EM *HEART OF DARKNESS*
E DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS:
UM ESTUDO DE ESTILÍSTICA TRADUTÓRIA

Taís Paulilo BLAUTH*

1. Introdução

Stubbs (2003), em sua análise estilística com base em *corpus* de *Heart of Darkness* (CONRAD, 1994), defende que a metodologia de *corpus* pode oferecer uma base descritiva para análises literárias e identificar traços de estilo não percebidos por analistas humanos. No âmbito dos Estudos da Tradução, no que se refere ao estilo, o advento das ferramentas de *corpus* permitiu a transição de estudos do estilo “na” tradução para os de estilo “da” tradução (BAKER, 2000), que têm a mediação tradutória como foco de estudo.

O presente estudo aborda o estilo “de” duas traduções em português brasileiro de *Heart of Darkness*, utilizando o *software WordSmith Tools*© 6.0 (Scott, 2012) para o levantamento dos dados dialogando com pesquisas anteriores sobre a obra no âmbito da literatura, bem como com o próprio artigo de Stubbs (2003). A investigação é centrada em um tópico semântico, a saber, o tema do “indizível” (“unspeakable”) associado à descrição da paisagem

* UFMG, Brasil, blauth.tais@gmail.com

(McClintock, 1984) e expresso no texto, principalmente, pelo uso de recursos de negação.

Este artigo relata uma pesquisa-piloto de mestrado em Estudos da Tradução desenvolvida no âmbito do LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) da UFMG. As traduções escolhidas para o *corpus* desta pesquisa fazem parte do *corpus* ESTRA, compilado para fins de pesquisa de estilo de textos traduzidos. Foram escolhidas as traduções dos tradutores Hamilton Trevisan (1984) e José Roberto O’Shea (2008). A metodologia desenvolve a etapa descritiva da “estilística tradutória” de Malmkjær (2003; 2004), cujo enfoque semântico se adéqua a estudos de estilo como atributo textual (SALDANHA, no prelo). A análise dos dados se apoia na gramática sistêmico-funcional e na Teoria da Avaliatividade, defendida por Munday (2012) para análise de textos traduzidos. Essa investigação de estilo dos textos traduzidos, dado o tema, pauta-se pelas seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) O efeito cumulativo dos recursos de negação na descrição da paisagem é recriado integralmente nos TTs?
- 2) Os equivalentes utilizados como tradução da palavra “unspeakable” indicam diferenças na representação da “indizibilidade” nos TTs?
- 3) Que outros padrões de significados são observados nos cotextos de cada TT e como eles influem no tema da “indizibilidade”?

Este artigo é composto por quatro seções. A primeira faz uma revisão da literatura de base, abrangendo os textos teóricos sobre estilo, uma breve descrição da Teoria da Avaliatividade e os textos sobre o *corpus* que delinearão o tema de pesquisa. A segunda detalha os procedimentos metodológicos adotados para preparação do *corpus*, bem como levantamento e análise dos dados. A terceira apresenta e discute os resultados da análise à luz das perguntas de pesquisa. Finalmente, nas considerações finais, faz-se uma reflexão sobre as limitações e contribuições da pesquisa.

2. Revisão de literatura

2.1 Estilo dos textos traduzidos

Entre os estudos que já se ocuparam ou se ocupam do estilo de textos traduzidos, Baker (2000) diferencia entre os de estilo “na” tradução e estilo “da” tradução. No primeiro caso, o estilo associa-se a um determinado autor, gênero/registo ou período e considera apenas textos não traduzidos, ficando a tradução relegada a uma posição subordinada aos textos originais. O segundo tipo se refere à proposta da própria pesquisadora de uma linha de pesquisa voltada para o estilo de um tradutor, um grupo de tradutores ou dos textos traduzidos de um determinado período, interesse esse que surge como vertente dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (ETBC).

Após Baker (2000), outros teóricos se interessaram pelo estilo individual e/ou dos textos traduzidos, dialogando não apenas com os ETBC, mas também com a estilística literária. Saldanha (no prelo) posiciona esses teóricos em um contínuo que vai do interesse no estilo como atributo textual (de um ou mais textos traduzidos, com ênfase nos significados intratextuais) até o interesse no estilo como atributo pessoal (de um ou mais tradutores, com ênfase nos significados extratextuais).

Malmkjær (2003; 2004) estaria mais próxima do interesse no estilo como atributo textual, apesar de levar em consideração a figura do tradutor. A pesquisadora apresenta uma abordagem semântica e pluralista do estilo, apoiando-se na Estilística de Short e em seu interesse pelo modo “como, quando lemos, passamos da estrutura do texto à nossa frente para o significado *em nossa cabeça*” (Short, 1994, p. 170) e compreendendo a relevância dos padrões linguísticos em relação à sua contribuição para o “significado total do texto” (SINCLAIR, 1982, p. 172). Essa contribuição é o que torna um padrão linguístico proeminente para a Estilística.

O conceito de proeminência foi aprimorado a partir da contribuição de Halliday (1971) para as noções anteriores da Estilística, como explica Saldanha (2011). Essas noções se baseavam no desvio estatístico de um padrão linguístico em relação à norma da língua ou na percepção do leitor quanto à relevância de um traço. Halliday (1971, p. 112) entende que a “verdadeira proeminência” é motivada por ter relação com as funções subjacentes da linguagem

nos níveis ideacional, interpessoal e textual, distinguindo-se da proeminência “trivial” de tipo estatístico ou absoluto. A proeminência passa, a partir de Halliday (1971, p. 116), a ser compreendida em função do texto, ou seja, das “opções linguísticas selecionadas pelo autor”, não mais da percepção do leitor. Para a análise dos padrões motivados, bastaria uma “indicação geral das frequências” (*ibid*, p. 117), que por si só não constitui uma análise, interpretação ou avaliação do estilo.

Apesar de adotar a noção de proeminência motivada da Estilística, Malmkjær (2003; 2004) propõe que os estudos de estilo dos textos traduzidos devam se diferenciar dos estudos estilísticos tradicionais por conta de uma questão seminal: a mediação do tradutor. A motivação do escritor do texto traduzido (o tradutor) é mais complexa de analisar por se tratar de alguém que atua com restrição de liberdade criativa (já que trabalha com base em um texto pronto) e tem suas próprias motivações, diferentes daquelas do autor do texto. Diante dessa questão, a pesquisadora desenvolve a abordagem da Estilística Tradutória, cujo objetivo é explicar “por que, dado um texto-fonte, a tradução foi modelada de forma a significar o que significa” (Malmkjær, 2004, p. 39)².

Dado que o texto-fonte é um pressuposto da própria pergunta, para respondê-la, é necessária e fundamental a comparação do TT com o TF para a observação de regularidades

² No original “...why, **given the source text**, the translation has been shaped in such a way that it comes to mean what it does?” (grifo da autora).

significativas na relação entre eles. A estilística tradutória prevê duas etapas: na primeira, estritamente textual, busca-se responder *de que forma* o texto “significa o que significa” a partir do cotejo com o TF; já na segunda, *por que* o escritor do texto (o tradutor) teria escolhido “moldá-lo” daquela forma (Malmkjær, 2003, p. 38).

Para ilustrar sua metodologia, Malmkjær (2003; 2004) analisa traduções de histórias de Hans Christian Andersen feitas por Henry William Dulcken. Entre os padrões observados, há uma relutância desse tradutor em traduzir termos religiosos, uma narrativa mais sentimental e uma separação mais nítida entre as esferas secular, divina e sobrenatural. Possíveis explicações para a motivação do tradutor são encontradas em aspectos da sociedade inglesa vitoriana para a qual traduzia, na história pessoal de Dulcken, na audiência da tradução e no momento histórico da Inglaterra.

Blauth (2014) se baseia na etapa descritiva da abordagem de Malmkjær (2003; 2004) para realizar uma pesquisa exploratória com o *corpus* do presente estudo (já que se trata de duas etapas de uma mesma pesquisa de mestrado). Entre os padrões observados nessa análise preliminar, estão mudanças de tipo *litotes-like* (SCOTT, 1998). Essas mudanças se referem à tradução de “uma expressão” por “seu oposto”, como a tradução de “não esquecer” por “remember” (Scott, 1998, p. 192). Scott (1998), em um estudo que poderia ser enquadrado naqueles de estilo “na” tradução, conforme conceito apresentado acima, analisa a tradução do “não” na versão inglesa de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, concluindo que

há uma quebra do efeito cumulativo da negação pelo uso de sete diferentes estratégias de tradução, resultando em uma dispersão da ideia de “nada existencial” produzida no texto-fonte por esse recurso. A análise desse tipo de mudança foi aprofundada na pesquisa-piloto aqui descrita, sob o nome de *mudanças de polaridade*.

A presente pesquisa também expande o embasamento teórico de Blauth (2014) ao adotar parcialmente a abordagem de Jeremy Munday. O pesquisador (2008) assinala a falta de detalhamento dos procedimentos de análise na metodologia de Malmkjær (2003; 2004) e o fato de que a análise se concentra nas escolhas motivadas ou conscientes do tradutor. Pode-se dizer que o modelo de análise Munday (2008) aceita os pressupostos da Estilística Tradutória por se concentrar na análise das mudanças na tradução (ou *shifts*) a partir do cotejo entre TF e TT, porém, expande a noção de estilo por focar também as escolhas inconscientes do tradutor e aprofunda a metodologia ao oferecer novos aparatos de análise, como o ponto de vista narrativo (2008) e a Teoria da Avaliatividade (2012), doravante TA.

Munday (2012) comenta que poucas vezes se usou a TA nos estudos da tradução e, nos casos em que isso ocorreu, a análise se restringiu ao sistema da atitude. Sua proposta é testar a validade da teoria para a análise de traduções, buscando descobrir quais partes do modelo são críticas para o trabalho do tradutor. Essas partes, chamadas de pontos “*value-rich*” (Munday, 2012, p. 41), seriam aquelas que mais sofrem mudanças nas traduções e que possuem

maior potencial interpretativo e avaliativo, sendo capazes de revelar os valores dos tradutores. Ele acrescenta que é ainda mais importante para a compreensão do processo da tradução, no nível micro, a descoberta dos valores inseridos no texto pelo tradutor, talvez inconscientemente, e que a TA pode se prestar a esse fim.

Para fins de concisão, em função do escopo do artigo, oferece-se aqui apenas uma descrição superficial da Teoria, limitada aos primeiros níveis de delicadeza. Ao longo da análise, maiores detalhamentos são oferecidos em notas.

A Teoria da Avaliatividade (TA) foi desenvolvida a partir do final da década de 1980 por pesquisadores australianos afiliados à Linguística Sistêmico-Funcional como uma rede de sistemas que se expande a partir da metafunção interpessoal. Há três tipos simultâneos de avaliatividade: atitude, engajamento e gradação. Segundo Martin e White (2005), a atitude diz respeito à construção dos sentimentos no texto. O engajamento diz respeito aos recursos linguísticos utilizados pelos falantes para adotar um posicionamento quanto aos valores referidos no texto e quanto às pessoas com quem se comunicam. A gradação diz respeito à amplificação ou redução das avaliações atitudinais e de engajamento. Esses três sistemas operam conjuntamente como elementos de “complexos integrados de significado” (Martin; White, 2005, p. 159).

O sistema de atitude se abre para três opções: “afeto”, relacionado às emoções; “julgamento”, relacionado à ética no comportamento das pessoas; e “apreciação”, relacionado à estética

das coisas, pessoas e fenômenos semióticos e naturais. A atitude pode ser simultaneamente “positiva” ou “negativa” e “inscrita” (realizada explicitamente) ou “evocada” (realizada implicitamente).

O sistema do engajamento se abre para duas opções: “monoglossia”, relativa a asserções categóricas que não se abrem à dialogia; ou “heteroglossia”, relativa ao reconhecimento do falante de que existem outras vozes ou posicionamentos.

O sistema da gradação se abre para dois sistemas, o primeiro de tipo (“força” e/ou “foco”) e o segundo de direção (“aumento” ou “diminuição”). O tipo “força” ajusta as avaliações/interpretações do falante quanto à sua intensidade ou quantidade e pode ser realizado de forma “isolada” (por um item lexical individual) ou “fusionada” (mesclada a outro significado em um mesmo item lexical). O tipo “foco” ajusta as avaliações do falante quanto à prototypicalidade e precisão de uma categoria.

Munday (2012) investiga diferentes tipos textuais à luz da TA. Na tradução literária, observa como pontos críticos os nomes e descrições raciais, que podem revelar a ideologia e subjetividade do tradutor; termos técnicos referentes à fauna e à flora e termos específicos da cultura-fonte (no caso, peruvianismos), que tendem a ser padronizados nos TTs; os títulos dos livros, por atraírem e criarem expectativas nos leitores dos TTs; e atitudes evocadas sutilmente que podem vir a ser explicitadas nos TTs. Mas ressalta que há restrições contraditórias entre legibilidade, concisão e significado original, de modo que o resultado da negociação de

significado entre autor, tradutor e revisor não é clara, podendo haver intensificação e perda de intensificação de aspectos do TT entre as fases de tradução e revisão.

Munday (2012) pontua também a relação entre a atitude do tipo evocada, na perspectiva da TA, e o fenômeno da prosódia semântica. Proposto inicialmente por Sinclair (1987; 1991) ao verificar que alguns itens lexicais, como “*happen*”, ocorriam nos *corpora* com maior frequência em associação a eventos negativos, o conceito foi retomado e desenvolvido por Louw (1993, p. 159), para quem os colocados habituais de um item lexical têm o poder de “colori-lo”, de modo que passa a não mais ser visto “isolado dessa prosódia semântica”. Berber Sardinha (2004, p. 40) define a prosódia semântica como “associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” e sublinha sua relevância nos Estudos da Tradução por dizer respeito a significados que não são apresentados em dicionários. Munday (2011, p. 173) comenta que uma prosódia semântica inesperada no texto traduzido pode levar a um “embaçamento ou distorção do efeito”.

A presente pesquisa se concentra na etapa descritiva da estilística tradutória (MALMKJAER 2003; 2004), apoiando-se na gramática sistêmico-funcional e, quando relevante, na Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) para análise das mudanças nas traduções, com vistas a um exame do estilo enquanto atributo textual (SALDANHA, no prelo), que se restringe aqui a um

tópico semântico depreendido de análises literárias e estilísticas anteriores. Apresentam-se na próxima subseção esses dois estudos sobre *Heart of Darkness* (CONRAD, 1994) que embasaram o desenho da pesquisa e são citados também em Blauth (2014).

2.1 *Heart of Darkness* em estudos prévios

Na perspectiva dos estudos literários, McClintock (1984) defende que se entenda a representação da paisagem em *Heart of Darkness* à luz de uma maior compreensão sobre o momento histórico de produção da obra. Essa representação ilustra um “momento recorrente, quase ritualístico” (McClintock, 1984, p. 42) da narrativa colonial, em que o invasor colonialista se encontra, perplexo, diante de uma paisagem inexplicável e vivencia o “fracasso da mimese” (*ibid.*, p. 52). Um dos recursos linguísticos utilizado pelo autor para veicular essa dificuldade de compreensão e verbalização, segundo a pesquisadora, é o uso da negação, definida como “marca gramatical da inescrutabilidade do universo” (*ibid.*, p. 46) por simbolizar que a única forma encontrada pelo narrador para construir, linguisticamente, esse universo é por meio da negação de características que lhe são acessíveis ou familiares. Outros recursos citados são o uso de epítetos contraditórios e de modalidade.

Apesar de não mencionar o artigo de McClintock (1984), a análise estilística de Stubbs (2003) com base na Linguística de Corpus ilustra sua afirmação de que os dados estatísticos podem

fornecer uma base descritiva para análises literárias. Entre os traços estilísticos do texto de Conrad, Stubbs (2003) menciona a alta frequência de palavras de negação (*no, not, never* etc.), palavras com prefixos negativos (*impossible, uneasy* etc.) ou com o sufixo *-less* e da palavra *without*, que totalizam mais de 800 ocorrências no texto. Essa frequência é mais alta do que a observada em *corpora* de referência consultados pelo pesquisador.

O significado desse padrão é mais difícil de ser definido, segundo Stubbs (*ibid.*), mas cita alguns exemplos retirados da obra que servem para contradizer expectativas. Por exemplo, o rio que flui “without a murmur” surpreende porque se espera que um rio flua com algum ruído. Desse modo, o uso das negativas ajuda a construir o significado de estranheza, de algo que vai contra aquilo que é familiar ou esperado, ou que é incompreensível e “indizível”, para usar o termo de McClintock (1984).

3. Metodologia

Os textos selecionados para o *corpus* fazem parte do corpus ESTRA³ e já se encontravam preparados para processamento pelo *software* no início desta pesquisa, desse modo, já haviam sido realizados os procedimentos de digitalização dos textos impressos,

³ Corpus paralelo trilingue de textos literários originais e traduzidos do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da UFMG, que atualmente conta com 69 arquivos de texto (sendo 21 textos-fonte) e 3.412.075 itens. Para *Heart of Darkness*, o *corpus* conta com 12 traduções brasileiras, 4 portuguesas e 4 espanholas.

leitura ótica dos arquivos e conversão em *.doc* e *.txt*, revisão manual, inserção de metatextos e delimitação desses metatextos entre chaves para que não fossem incluídos nos resultados das buscas.

O primeiro procedimento realizado para esta pesquisa foi o levantamento no TF, utilizando a ferramenta *Concordance* do WST© 6.0, de linhas de concordância a partir de palavras de negação (*not/n't, no, never, neither, nor, none, no one, nothing, nobody, nowhere, without*) e afixos negativos (*a-/an-, dis-, in-/im-/il-/ir-, non-, un-, -less*).

As linhas foram agrupadas discursivamente pelo critério da hiperonímia. Para o hiperônimo “unspeakable”, selecionaram-se as linhas que continham processos mentais ou verbais (ou palavras derivadas desses dois tipos de processos) em cotextos de descrição da paisagem, para garantir a relevância dos dados diante do tópico semântico da pesquisa – a “indizibilidade” da paisagem – cuja seleção resultou em 56 negativas que, expandidas até o nível da sentença, geraram 47 sentenças.

Os três textos foram alinhados com a ferramenta *on-line YouAlign*. Como são permitidos apenas dois textos por vez, os arquivos alinhados com TF e cada TT foram baixados em formato HTML e abertos a partir do programa *Excel*, no qual foram unidos em uma só planilha. Após correção manual do alinhamento, foram selecionadas e armazenadas apenas as 47 sentenças do levantamento descrito acima.

A análise recaiu sobre três categorias depreendidas das perguntas de pesquisa: mudanças de polaridade, tradução da palavra

“unspeakable” e padrões de mudanças de significado revelados nos cotextos das negações.

Para a terceira categoria, foi considerado padrão aquele tipo de mudança que: a) apresentou uma regularidade de, no mínimo, duas ocorrências (Sinclair, 2004)⁴; b) sobressaiu-se quantitativamente às mudanças de significado oposto; ou c) teve baixa frequência, mas considerou-se a partir da análise qualitativa contribuir “para o sentido total do texto” (HALLIDAY, 1971, p. 339).

Para verificação das aceções e prosódia semântica de palavras, foram consultados dicionários e *corpora* de referência. Para o português, utilizaram-se o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) e o *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). Para o inglês, o *Macmillan Dictionary Online*, dicionário baseado em *corpus*, e os *corpora* BYU-BNC (DAVIES, 2004), de inglês britânico, e COHA (DAVIES, 2010), de inglês americano histórico⁵.

4. Discussão dos resultados

Apresentam-se nas subseções a seguir os resultados e a discussão da análise por categorias.

⁴ “So a language pattern - however defined - has to occur a minimum of twice. This is a primitive test of significance in itself...” (SINCLAIR, 2004, p. 28).

⁵ Apesar de ser americano, inclui textos de 1810 a 2009, de modo que pode apontar para usos mais antigos de determinadas palavras possivelmente comuns ao inglês britânico utilizado por Conrad.

4.1 Polaridade

A análise das mudanças de polaridade para as 56 ocorrências de negativas no TF mostrou que essas mudanças foram pouco numerosas (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Mudanças de polaridade nos TTs

| | HOD_Trevisan | HOD_O'Shea |
|-----------------------------|--------------|------------|
| Total negativas (56) | 54 | 54 |
| Mudanças polaridade | 2 | 2 |
| Mudanças polaridade % | 4% | 4% |
| Mudanças de polaridade inv. | 3 | 0 |

Entre as mudanças, há uma ocorrência em cada TT de equivalentes em português que não são negativos na forma, mas sim no sentido, como é o caso da tradução “deixei de percebê-la” para “did not see it anymore”, em HOD_Trevisan, e “durou pouco” para “would not last long”, em HOD_O'Shea. Há também, em HOD_Trevisan, três casos de mudança de polaridade no sentido inverso, com o acréscimo de afixos negativos em equivalentes de palavras positivas no TF. Um exemplo é a tradução “sem cessar” para “continuously”. Por esses motivos, considera-se que o efeito cumulativo da negação é quase integralmente mantido nos dois TTs, portanto, a indizibilidade não é afetada por mudanças nesse recurso, ao contrário do que observou Scott (1998) no par linguístico português-inglês.

4.2 Tradução de “unspeakable”

Retirada do título do artigo de McClintock (1984) em um intertexto com o romance de Conrad, a palavra é central a este estudo por encerrar as questões da incompreensão e da dificuldade de verbalização. “Unspeakable” ocorre no TF em três colocações: “unspeakable secrets”, “unspeakable rites” e “unspeakable pain”⁶.

Por seu significado denotativo como algo que não pode ser descrito em palavras⁷, a palavra “unspeakable” carrega uma avaliação de atitude/ apreciação/ composição/ complexidade⁸, indicando que o falante considera a coisa descrita difícil de entender e, conseqüentemente, verbalizar. Quanto à prosódia semântica, o *Macmillan Dictionary Online* apresenta duas definições e ambas incluem a qualidade de “bad”, indicando sua conotação negativa. Nessas acepções, indica uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade⁹, mostrando que o objeto descrito como “unspeakable” não agrada ao falante.

⁶ Das três, “unspeakable pain” não aparece relacionada à descrição da paisagem, por isso não está entre as 56 negativas do levantamento utilizado nesta pesquisa, porém, sua tradução foi também analisada em função da coesão lexical.

⁷ O *Macmillan* apresenta duas definições que já incluem a prosódia semântica negativa da palavra, porém, os dicionários *Merriam-Webster* e *Oxford* apresentam definições neutras de algo que “não pode” ou “é impossível” de ser descrito em palavras.

⁸ A “composição”, segundo Martin e White (2005), está relacionada à percepção do falante quanto à ordem e inclui avaliações de balanço e complexidade, esta última respondendo à pergunta: “Foi difícil de entender?” (“*Was it hard to follow?*”, p. 56).

⁹ A “reação”, segundo Martin e White (2005), está relacionada ao afeto ou emoção, incluindo avaliações de impacto ou qualidade, esta última respondendo à pergunta “Gostei?” (“*Did I like it?*”, p. 56)

Os *corpora* de referência, entretanto, revelam uma maior gama de conotações. No BNC, há ocorrências da palavra em colocações com palavras positivas, como “joy”, “comfort”, “pleasure”. Já no *corpus* COHA, a busca por “unspeakable” restrita à década de 1890¹⁰ traz 144 ocorrências em colocações com palavras tanto negativas (como “dread” e “cruelty”), quanto positivas (como “gladness” e “satisfaction”). É possível que a palavra tenha adquirido uma conotação mais negativa ao longo do tempo, já que a mesma busca no *corpus* COHA, restrita à década de 2000, traz 72 ocorrências, das quais apenas duas em colocações com palavras positivas.

Apesar de à época da escrita de HOD, a palavra aparentemente ter uma prosódia semântica mista, coocorrendo com palavras claramente positivas e negativas, considera-se que adquire no TF uma prosódia semântica negativa pelos cotextos, já que há uma associação entre os “unspeakable rites” e ritos de canibalismo e os “unspeakable secrets” estão guardados metaforicamente em uma grande tumba que oprime o narrador.

Os TTs, em conjunto, apresentam quatro traduções para a palavra, todas mantendo o afixo negativo, como mostra o Quadro 1. O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) apresenta acepções neutras para “indizível” e “indescritível”, neutra e positiva para “inexprimível” e neutra e negativa para “inominável”.

¹⁰ Para fins de comparação com o TF *Heart of Darkness*, cuja primeira versão foi publicada em 1889.

O *corpus* do português mostra, em linhas gerais, uma prosódia semântica mista para todas as escolhas, exceto “inominável” que, de 10 ocorrências¹¹, não aparece em nenhuma colocação com palavra claramente positiva. O Quadro 1 mostra as ocorrências de “unspeakable” no TF e seus equivalentes nos TTs, com a indicação das conotações e prosódia semântica verificadas no dicionário e nos *corpora* consultados, sendo que *N* indica neutralidade, *Ng* indica negatividade e *P* indica positividade.

Quadro 1 – “Unspeakable” e equivalentes nos TTs

| HOD_Conrad | | HOD_Trevisan | | HOD_O’Shea | |
|-------------------------------|--------------|-----------------------------------|--------------|-------------------------------|--------------|
| Equivalente | Conot./Pros. | Equivalente | Conot./Pros. | Equivalente | Conot./Pros. |
| unspeakable secrets | Ng/N/P | indescritíveis segredos | N | segredos indizíveis | N |
| unspeakable rites | | inomináveis rituais | N/Ng | ritos inomináveis | N/Ng |
| unspeakable pain | | dor inexprimível | N/P | indizível pesar | N |

O uso de diferentes formas em cada TT para a mesma palavra afeta a coesão lexical. “Unspeakable” nos TTs, diferentemente do TF, está representado por três equivalentes distintos em HOD_Trevisan e dois em HOD_O’Shea (contando-se “indizível” e “indizíveis” como um mesmo lema ou equivalente).

¹¹ Busca restrita ao séc. XX para condizer com a publicação das traduções.

Esses equivalentes, nos TTs, não se distinguem claramente de palavras sinônimas ou quase sinônimas, como “inconcebível”, “incompreensível” etc., que figuram diversas vezes.

Vê-se também que a ideia do indizível em HOD_Trevisan é descrita por palavras que têm uma gama maior de possíveis conotações, variando entre negativa (“inomináveis”) a positiva (“inexprimível”), enquanto as escolhas em HOD_O’Shea variam apenas entre neutra (“indizível/is”) e negativa (“inomináveis”). Como “unspeakable” no TF, essas palavras tornam-se negativas pelo cotexto. Da perspectiva da língua, isso introduz novidade na língua-alvo, pois, passa-se a ter ocorrências de palavras que usualmente possuem prosódia semântica neutra ou positiva em cotextos que as fazem adquirir prosódia semântica negativa. Ainda assim, é questionável se a colocação “indescritíveis segredos”, por exemplo, seria tão “inesperada” a ponto de causar um “embaçamento ou distorção do efeito” (MUNDAY, 2011, p. 173).

O que se pode depreender dos resultados acima é que, conscientes ou não da proeminência motivada do recurso da negação no TF, os tradutores parecem ter optado majoritariamente por um decalque das estruturas negativas gramaticais e morfológicas. Se há mudanças de significado textual nos TTs, devem ser resultado de escolhas distintas, não relacionadas ao papel imediato da negação. Essas escolhas serão exploradas na próxima subseção.

4.3 Padrões de significado

Para cada TT foram observados dois padrões.

Em HOD_Trevisan, o primeiro padrão, constituído por 11 escolhas, cria uma representação da paisagem como mais ativa e mais ampla diante do observador. O Quadro 2 mostra alguns exemplos.

Quadro 2 – Paisagem mais ativa em HOD_Trevisan

| | HOD_Conrad | HOD_Trevisan |
|---|--|--|
| 1 | ...the white men (...) seemed very strange - had the appearance of being held there captive by a spell. | ...os homens brancos (...) pareciam muito estranhos – era como se um feitiço os mantivesse ali cativos. |
| 2 | ...the changing immensity of life... | ...a inconstante infinitude da vida... |
| 3 | We were wanderers on a prehistoric earth... | Éramos errantes num mundo pré-histórico... |

No exemplo 1, a mudança de transitividade da forma passiva para ativa evidencia a agência do feitiço que emana da própria paisagem ao colocá-lo na posição de Ator. No exemplo 2, há um aumento em HOD_Trevisan da gradação de força/ quantificação¹². O exemplo 3 requer maior detalhamento.

Para o substantivo “mundo”, O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) apresenta nove definições com subdefinições, incluindo, além de “o planeta Terra” e “a totalidade

¹² A gradação de força pode se dar por intensificação ou quantificação. Este último se aplica a entidades, enquanto o primeiro se aplica a qualidades e processos.

dos astros e planetas”, “a raça humana”, “vida em sociedade”, “domínio, esfera ou universo”, “algo muito grande, importante e/ou complexo”, entre outras. Para “terra”, que seria o equivalente mais direto de “earth”, apresenta 15 definições, das quais 12 relacionadas a elementos materiais como “planeta”, “solo”, “argila”, “terreno”. No *corpus* do português (26.332 ocorrências), veem-se para “mundo”, colocados como “de alterações apressadas”, “moderno” e “literário”, que não cabem ou são menos frequentes como colocados do equivalente “terra”. Já para a unidade do TF, “earth”, o *Macmillan Dictionary Online* oferece quatro definições, todas relacionadas ao planeta propriamente dito. Diante do exposto, pode-se considerar que “mundo” tem uma abrangência maior de significados que “earth”.

Além disso, Blauth (2014) mostra que HOD_Trevisan apresenta sete diferentes formas para a tradução de “earth” e HOD_O’Shea apenas quatro. Uma das formas utilizadas em HOD_Trevisan, com duas ocorrências, é “realidade”. A terra representada nesse TT, portanto, parece ser mais abrangente e diversificada que aquela representada em HOD_O’Shea, expandido-se para além do aspecto material do globo terrestre.

O segundo padrão observado em HOD_Trevisan, composto por seis mudanças, engloba escolhas que trazem a narrativa mais para a esfera da percepção mental do narrador. O Quadro 3 mostra alguns exemplos.

Quadro 3 – Perspectiva mental do narrador em HOD_Trevisan

| | HOD_Conrad | HOD_Trevisan |
|---|--|--|
| 1 | ...the thing seemed so impossible . | ...o fato parecia por demais inverossímil . (<i>sic</i>) |
| 2 | ...the foreign shores, the foreign faces, the changing immensity of life, glide past... | ...as praias estrangeiras, os rostos estrangeiros, a inconstante infinitude da vida, perdem-se no esquecimento... |
| 3 | Not the faintest sound of any kind could be heard . | Não se ouvia som de espécie alguma, por mais tênue que fosse. |

No exemplo 1, pela perspectiva do Engajamento, pode-se dizer que em ambos TF e TT há heteroglossia/ contração/ discordância/ negação¹³, mas no TF trata-se da negação de uma possibilidade real (“impossible”) e, em HOD_Trevisan, da negação de verossimilhança (“inverossímil”), a qual só pode ser avaliada pela consciência de alguém que observa e julga.

No exemplo 2, no TF, pode-se entender a sentença como descrição do processo material relativo ao deslizar dos elementos da paisagem conforme o navio avança ou pode-se interpretar esse movimento como uma metáfora do esquecimento. Nesse caso, o processo mental de esquecer estaria implícito ou poderia ser compreendido por conotação. No TT, mantém-se um processo material (“perder-se”), mas é usado metaforicamente em associação à circunstância para denotar o processo mental de esquecer. Assim, há no TT uma explicitação que esclarece a perspectiva da descrição

¹³ A contração desafia, afasta ou restringe o escopo das posições e vozes alternativas. No caso da discordância, isso é feito retomando-se uma posição para então rejeitá-la (negação) ou substituí-la (contraexpectativa).

desse evento como sendo aquela da experiência psicológica do narrador. Esse exemplo corrobora a afirmação de Munday de que atitudes evocadas no TF podem ser explicitadas no TT (2012).

O exemplo 3 mostra a tematização do processo mental de ouvir. Embora seja possível argumentar que essa mudança tenha sido motivada pela convencionalidade da língua portuguesa, não anula o fato de que o tema tópico da sentença no TT, ou seja, o ponto de partida da leitura passa a ser o processo de ouvir em vez do som ouvido. Da mesma forma, apesar de se tratar de sujeito indeterminado, subentende-se que a experiência de “não ouvir” tenha sido vivenciada propriamente pelo narrador que a está narrando.

Comparando os padrões em HOD_Trevisan à análise de McClintock (1984) e Stubbs (2003), pode-se dizer que o papel da negação é mantido neste TT. O segundo padrão, de narrativa trazida mais para o nível da subjetividade do narrador, reforça o aspecto citado por McClintock (1984) de que a descrição da paisagem é mais um relato da “experiência” ante ela do que uma descrição objetiva do Congo à época. A imponência e abrangência da paisagem mostrada no TT não são apontadas pela pesquisadora que, em vez disso, menciona o uso de adjetivos contraditórios que não permitem a formulação de uma imagem clara da paisagem pelo leitor. Em HOD_O’Shea há uma prevalência da manutenção das estruturas lexicais e sintáticas de modo que a observação de padrões é menos facilitada e eles, menos numerosos. O primeiro é composto por três

escolhas que criam descrições com menor intensidade. O Quadro 4 mostra os três exemplos.

Quadro 4 – Descrições com menos intensidade em HOD_O’Shea

| | HOD_Conrad | HOD_O’Shea |
|---|--|---|
| 1 | ...the murmurs of wild crowds... | ...o burburinho da multidão... |
| 2 | ...as sane men would be before an enthusiastic outbreak in a madhouse. | ...conforme homens mentalmente sãos ficariam perante uma rebelião num manicômio. |
| 3 | ...white men (...) seemed very strange,- had the appearance of being held there captive by a spell. | ...homens brancos, (...) pareciam um tanto ou quanto estranhos como se ali estivessem mantidos em cativo, por algum feitiço. |

Nos exemplos 1 e 2, estão destacados modificadores lexicais que possuem um aspecto de intensificação fusionada, apresentando qualidades que não apareceriam em primeiro lugar em um contínuo de gradação. Por exemplo, para “enthusiastic”, pode-se imaginar o seguinte contínuo: *a mild outbreak/ an enthusiastic outbreak/ a raging outbreak*. A escolha no TF é intermediária e apresenta, portanto, algum grau de intensificação a partir da possibilidade de menor gradação. A omissão dos modificadores “wild” e “enthusiastic”, nos dois exemplos, forma um padrão ao criar uma descrição de menor intensidade das manifestações dos nativos.

No exemplo 3, o intensificador “very”, que avalia “strange”, tem sua gradação de força diminuída na escolha por “um tanto ou quanto”. Além de menos intensa, mostra-se nesse exemplo um menor efeito da paisagem sobre o observador, já que o feitiço que

parece recair sobre os homens citados deixa-os apenas razoavelmente “estranhos” nesse TT. Observa-se também a manutenção da forma passiva, ao contrário do que faz Trevisan (Quadro 2, exemplo 1). O segundo padrão em HOD_O’Shea parece ser de uma intensificação da incompreensão e é composto por duas mudanças apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Intensificação da incompreensão em HOD_O’Shea

| | HOD_Conrad | HOD_O’Shea |
|---|---|--|
| 1 | ...though there is a period of time which I remember mistily... | ...embora haja um tempo do qual me lembro apenas vagamente... |
| 2 | This was unexpected. | Algo absolutamente inesperado. |

Nos dois exemplos acima, ocorrem acréscimos de advérbios em associação a processos mentais ou formas derivadas (“lembrar” e “esperar”). No exemplo 1 acima, caso se considere “apenas” como equivalente de “only”, pode-se considerar que esse acréscimo atua no sistema do Engajamento ao contrair a proposição por discordância/ contraexpectativa¹⁴. Assim, a lembrança se torna possível “apenas” ou tão somente de modo vago, ao contrário do que normalmente se esperaria. No exemplo 2, do Quadro 5,

¹⁴ A contraexpectativa é o segundo subtipo da discordância (sendo o primeiro a negação) e inclui proposições que suplantam ou contradizem aquela que seria esperada em primeiro lugar (MARTIN; WHITE, 2005). Ainda segundo os autores, essas formulações são frequentemente chamadas de “adversativas”. Ainda para os autores (2005, p. 121), “*adjuncts such as even, only, just and still also have a counterexpectational aspect to their meaning*”.

“absolutamente” intensifica a qualidade de “inesperado” aumentando sua gradação. Como “inesperado” inclui uma negação, o acréscimo do advérbio também intensifica a negação, contraindo a proposição ainda mais. O evento em HOD_O’Shea se torna, desse modo, mais imprevisível e essa imprevisibilidade é mais incontestável.

Em HOD_O’Shea, em suma, há alguma intensificação da incompreensão, conseqüentemente da indizibilidade, porém, isso ocorre por meio de acréscimos de advérbios e não por mudanças nos recursos de negação. A paisagem parece ser retratada como menos imponente, ao contrário do que ocorre em HOD_Trevisan. Uma hipótese que pode ser lançada e averiguada mais a fundo é a da sanitização (KENNY, 1998), que ocorre quando o leitor do TT sente que “a tradução é de alguma forma mais mansa que o original”¹⁵. Seria necessário verificar se essa perda de intensificação é consistente em HOD_O’Shea ou se, como observa Munday (2012), há intensificação e perda de intensificação simultaneamente, o que poderia indicar incongruências entre as fases de tradução e revisão ou a ausência de uma estratégia definida por parte do tradutor.

¹⁵ No original: “...the reader of an original text and its translation may feel that the translation is somehow tamer than the original” (KENNY, 1998, p. 6).

5. Considerações finais

O presente artigo apresentou uma pesquisa-piloto de estilística tradutória auxiliada por ferramentas de *corpus*, que investigou o estilo de duas traduções brasileiras de *Heart of Darkness* (CONRAD, 1994) pelo viés do tema da representação da paisagem “indizível” sugerido em estudos literários e estilísticos anteriores.

A análise se baseou na Gramática Sistêmico-Funcional e na Teoria da Avaliatividade cujos resultados mostraram algumas diferenças entre os textos analisados. Em ambos os TTs as mudanças observadas não se deram no recurso da negação indicado pela literatura prévia sobre *Heart of Darkness* como sendo prototípico da “indizibilidade”, porém, principalmente, em padrões de significado observados nos cotextos dessas negações. Essa observação confirma o valor do uso de ferramentas de *corpus* na análise estilística pela possibilidade de revelar traços não percebidos por analistas humanos (STUBBS, 2003).

O “indizível” nos TTs, ao contrário do TF, não é um conceito único e distinto, já que apresenta mais de um equivalente em cada TT. É indiretamente reforçada em HOD_Trevisan por escolhas lexicais que trazem a narrativa para a esfera da percepção mental do narrador e, em HOD_O’Shea, por acréscimos que intensificam a incompreensão.

Os padrões de significado observados nos cotextos apontam para uma representação da paisagem distinta nos dois TTs,

apresentando-se mais assertiva em HOD_Trevisan e menos assertiva em HOD_O’Shea. Essas representações foram construídas, entre outros recursos, por mudanças de gradação. Sugere-se, assim, que a Teoria da Avaliatividade pode ser produtiva para a análise de traduções corroborando Munday (2012), cuja gradação pode ser um ponto “value-rich”, produtivo para análises estilísticas futuras sobre textos traduzidos.

As implicações das mudanças observadas para o significado total da obra podem ser averiguadas em pesquisas futuras que contemplem a totalidade dos textos, expandindo o escopo da atual pesquisa que, por seu enfoque em um tópico semântico, restringiu-se a 43 sentenças. Os resultados alcançados nessa análise mais abrangente podem e devem ser relacionados ao perfil dos tradutores, levando-se a cabo a etapa explanatória da abordagem de Malmkjær (2003; 2004) para chegar a constatações mais contundentes sobre o fenômeno da tradução.

Referências bibliográficas

BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. In: *Target*, Amsterdam. v. 12, n. 2, 2000. p. 241-266.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

CONRAD, J. *Heart of Darkness*. Londres: Penguin Books, 1994.

_____. *O Coração da Treva*. Tradução de Hamilton Trevisan. São Paulo: Global, 1984.

_____. *Coração das Trevas*. Tradução de José Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2008.

BLAUTH, T. B. A paisagem indescritível em *Heart of Darkness* e duas traduções brasileiras: um estudo exploratório com base em corpus. In: *Belas Infêis*, v. 3. n.1, 2014. p. 185-197.

HALLIDAY, M. A. K. Linguistic Function and Literary Style: An Inquiry into the Language of William Golding’s *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (Ed.) *Literary Style: A Symposium*. London & New York: Oxford University Press, 1971. p. 330-65.

KENNY, D. Creatures of habit? What translator usually do with words. In: *Meta*, XLIII, n. 4, 1998. p. 515-523.

LOUW, W. E. Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies. In BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed). *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 157-176.

MALMKJÆR, K. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. In: *Target*, v. 15. Amsterdam, 2003. p. 37-58.

_____. Translational stylistics: Dulcken’s translations of Hans Christian Andersen. In: *Language and Literature*, v. 13 (1), 2004. p. 13-24.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire/ New York: Palgrave Macmillan, 2005.

McCLINTOCK, A. “Unspeakable Secrets”: The Ideology of Landscape in Conrad’s Heart of Darkness. In: *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, vol. 17, n. 1, 1984. p. 38-53.

MUNDAY, J. *Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English*. New York: Routledge, 2008.

_____. Looming Large: A Cross-Linguistic Analysis of Semantic Prosodies in Comparable Reference Corpora. In: KRUGER, A.; WALLMACH, K.; MUNDAY, J. *Corpus-based translation Studies: Research and Applications*. London/New York: Continuum, 2011. p. 169-186.

_____. *Evaluation in translation: critical points of translator decision-making*. London & New York: Routledge, 2012.

SALDANHA, G. Translator style: methodological considerations. In: *The Translator*, v. 17, n. 1, 2011. p. 25-50.

_____. Style in, and of, translation. In: BERMAN, Sandra; PORTER, Catherine (Org.). In: *A Companion to Translation Studies*. Wiley-Blackwell (no prelo).

SCOTT, N. *Normalisation and reader’s expectation: a study of literary translation with reference to Lispector’s A hora da estrela*. Liverpool, 1998. 331 f. Tese (Doutorado em tradução literária) – AELSU, University of Liverpool.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 6*. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SHORT, M. Understanding Texts: Point of View. In: BROWN, G. et al. (Ed.) *Language and Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 169-90.

SINCLAIR, J. Lines about Lines. In: CARTER, R. (Ed.). *Language and Literature: An Introductory Reader in Stylistics*. Londres: Allen and Unwin, 1982. p. 163-76.

_____. Collocation: a progress report. In: STEELE, R.; TREADGOLD, T. (Ed.). *Language Topics: Essays in honour of Michael Halliday*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1987. p 219-331.

_____. *Corpus, concordance, collocation*. Nova York: Oxford University Press, 1991.

STUBBS, M. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistic methods. Conrad, Concordance, Collocation: Heart of Darkness or light at the end of the tunnel? In: *Language and Literature*, v. 14, n. 1, 2003. p. 5-24.

DON QUIJOTE DE LA MANCHA TRADUZIDO:
UNIDADES FRASEOLÓGICAS DIACRÍTICAS
E SUAS TRADUÇÕES AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Paula Cristina CANIATO*
Angélica Karim Garcia SIMÃO**

1. Introdução

O presente trabalho pretende, a partir de uma perspectiva contrastiva, discutir as diferentes soluções encontradas para a tradução de fraseologias na obra *Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Ainda que seja um dos termos mais utilizados pelos autores, “fraseologia” não está definitivamente aceito pelos linguistas “que discutem sobre um termo geral que abarque tais fenômenos e, sobretudo, sobre sua classificação” (ILINÁ, 2011, p. 2). Tal autora acrescenta ainda que diferentes perspectivas sobre o fenômeno fraseológico nos mostram que os métodos teóricos e práticos da disciplina ainda estão sendo elaborados.

Embora Corpas Pastor (1996) também apresente diferentes acepções para os distintos tipos de combinações de palavras, tais como expressão pluriverbal, expressão fixa, unidade fraseológica ou fraseologismo, ela consegue apresentar em sua proposta taxonômica

* Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Brasil.
paulaccaniato@hotmail.com

** Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Brasil.
angelica@ibilce.unesp.br

critérios básicos que integram uma unidade fraseológica (UF), como a fixação, a restrição combinatória, a possibilidade de constituir um enunciado completo ou não, além do grau de motivação semântica, dentre outros. Por essa razão, adotamos a classificação dessa autora na presente pesquisa, entendendo a Fraseologia de uma perspectiva ampla.

O objetivo deste trabalho, entretanto, não é o de delimitar essa recente disciplina, a Fraseologia, mas sim analisar as possíveis traduções de um segmento específico dela, as UFs diacríticas, entendidas aqui como componentes léxicos capazes de aparecer unicamente em determinadas unidades fraseológicas, cuja principal característica é a “impossibilidade de aparição como sintagmas independentes no discurso livre, já que remetem irremediavelmente às expressões fixas” (AGUILAR RUIZ, 2011; 2012).

2. A tradução de unidades fraseológicas diacríticas

Podem ser citadas como exemplos, na língua portuguesa, unidades fraseológicas diacríticas as construções: “à guisa de”, “de antemão”, “de bruços”, “a destempo”, “em prol de” ou “ir para o beleléu”, devido ao fato de que as lexias “guisa”, “antemão”, “bruços”, “destempo”, “prol” e “beleléu” não ocorrem de modo independente no discurso, tendo seu emprego restrito a essas locuções. Simão (2014) retoma que o termo “diacríticas” foi utilizado inicialmente por Zuluaga na década de 1980 para designar

elementos que podem ser considerados como palavras do ponto de vista fonológico, uma vez que apresentam autonomia fônica, mas que são ausentes de significado léxico. Somente a frase, tomada em sua totalidade, é provida de significado unitário, não derivável de sua decomponibilidade. Dessa forma, tais palavras funcionam como signos diacríticos, diferenciando-as das demais frases, na medida em que o emprego da palavra determina a presença da frase locucional da qual faz parte (SIMÃO, 2014, p. 271).

García Page (1991) opta pela nomenclatura “palavras idiomáticas” cuja justificativa se dá pelo alto grau de *idiomaticidade* das mesmas, entendendo *idiomaticidade* como opacidade semântica. Ele argumenta que há uma dependência recíproca entre as palavras idiomáticas e a unidade fraseológica, já que estas palavras só ocorreriam dentro de UFs e a aparição delas decidiria “automaticamente o caráter fraseológico da sequência da qual faz parte”. Por ser um termo recente e com estudos escassos, não há consenso entre as denominações atribuídas a essas lexias, por isso, optamos por adotar aqui o termo “diacrítica”, seguindo a nomenclatura de tradição hispânica¹.

Com relação à origem das palavras diacríticas, Aguilar Ruiz

¹ SIMÃO (2014, p. 272) apresenta outras denominações para o fenômeno existentes na literatura da área, além de “diacríticas” e “idiomáticas” citadas anteriormente, também há referência a tais estruturas como “hápx fraseológico” (González Rey, 2005) e “elemento único” (Holzinger, 2012). Entretanto, “diacrítica” é a denominação utilizada pela maior parte dos autores.

(2011) argumenta que elas são

originadas por formações ou deformações fônicas, criações onomatopeicas, realizações léxicas virtuais etc., que resultam em criações neológicas em uma língua [...], empréstimos a uma língua de outras línguas históricas, [...] finalmente, por elementos léxicos fossilizados, provenientes de estados arcaicos de uma mesma língua histórica.

A dificuldade de tradução de UFs é discutida em Zuluaga Ospina (2001), no qual ele as define como elementos que formam “parte do saber linguístico da comunidade; estão institucionalizadas – estandardizadas e convencionalizadas”. Ele argumenta que o tradutor deve tentar traduzir, sempre que possível, uma unidade por outra, apoiando-se no fato de que as UFs possuem funções textuais próprias e expressivas, descritas por ele como função fraseológica, enfática, conotativa, icônica e lúdico-poética, que se perderiam, caso a tradução fosse realizada por uma palavra comum ou paráfrase explicativa. Nas palavras do autor:

As funções textuais das UFs nos sugerem que, depois de tê-las identificado e analisado no texto original, se deve traduzi-las também por UFs da língua meta, se houver correspondências que possam cumprir as funções invariantes exigidas pelos contextos. Se não existirem, o tradutor pode criar estruturas similares [...] ou resignar-se a dar uma equivalência não fraseológica, com a consequente perda das funções textuais dos

fraseologismos (ZULUAGA OSPINA, 2001, p. 73).

Richart Marset (2012), também problematiza a tradução de UFs, dizendo que dada a sua idiomaticidade, são de difícil interpretação e equivalência interlinguística. Um tradutor que deseja traduzir uma UF, segundo a autora, deve “reconhecer e interpretar a frase idiomática corretamente e ser capaz de expressar na língua-meta os diferentes aspectos de seu significado”. Ao dissertar sobre a resistência à tradução das mesmas, ela pondera que, por mais que sejam de difícil tradução, as UFs não são intraduzíveis.

3. As traduções do *Quixote* no Brasil

De acordo com Cobelo (2010), existem quatro traduções para o português brasileiro do *Quixote*, duas delas realizadas no século XX e outras duas no século XXI. A primeira delas foi realizada por Almir de Andrade e Milton Amado, em 1958, e a segunda feita por Eugênio Amado, publicada em 1983. As outras duas, mais recentes, compõem os *corpora* de análise desta pesquisa. Trata-se de dois diferentes projetos de tradução para o português: a tradução feita por Sergio Molina, em 2002, publicada pela Editora 34, em edição bilíngue, e a tradução feita por José Luís Sánchez e Carlos Nougué, realizada em 2005, publicada pela Editora Record. Ambas foram realizadas em razão das comemorações do IV centenário da publicação do primeiro livro da obra.

Cobelo (*op. cit.*) apresenta um panorama das traduções brasileiras e portuguesas da obra de Cervantes, focando a vida e o método desenvolvido por cada tradutor. Ela nos informa de que Sergio Molina viveu até os dez anos em Buenos Aires, vindo posteriormente, a residir no Brasil e na Espanha. Sua tradução o fez se tornar quase que um representante do autor, tornando-o foco de entrevistas e divulgação pela imprensa no Brasil. Já o tradutor José Luis Sánchez nasceu em Barcelona e lá foi criado, doutorando-se em Teoria da Tradução na Universidade Autônoma de Barcelona. Seu coautor na tradução, Carlos Nougué, nasceu no Rio de Janeiro, morou dois anos em Montevidéu, e reside, atualmente, em Nova Friburgo. A autora salienta que as duas propostas apresentam objetivos bem diferentes uma da outra já que, enquanto Molina argumenta ter buscado realizar uma tradução que privilegiasse o contexto de chegada, os outros dois tradutores citados enfatizam o fato de tentar manter um tom mais arcaico, utilizando somente palavras que surgiram na língua portuguesa até o século XVII, privilegiando o contexto de partida.

Para traduzir *Quixote*, Molina diz ter voltado à história das traduções da obra ao português e, em seus estudos, o tradutor entendeu que, para estabelecer um tom (ou tons) da obra, tomaria como modelo os textos do *corpus* clássico luso-brasileiro dos séculos XVI e XVII. Molina cita ainda em seu posfácio a tradução de Nougué e Sánchez e difere a sua da tradução dos outros dois tradutores da seguinte forma:

Muitos deles [leitores] me escreveram diretamente, declarando-se cativados pela experiência de ler uma versão vernácula de *D. Quixote* que trouxesse a graça da poética cervantina. A propriedade daquela opção seria também reconfirmada nas novas traduções que vieram à luz em 2005, no quadro a celebração dos quatrocentos anos de *D. Quixote*: as de Miguel Serras Pereira e de José Bento, em Portugal, e a de José Luis Sánchez e Carlos Nougué, no Brasil. [...] Todas elas seguiram mais ou menos na mesma trilha, com pequenas variações quanto ao grau de atualização da linguagem. [...] Todas essas traduções, juntas, conformam a retomada de Cervantes com uma preocupação patente em recobrar seu estilo em consonância com os da literatura da época (MOLINA, 2005, 729-731, posfácio).

Em entrevista para a revista *Cadernos de Literatura em Tradução* (2003), Sérgio Molina utiliza os adjetivos “legível”, “gostoso”, “agradável” e “fluente” como objetivos a serem alcançados em seu texto traduzido.

Fazer uma tradução que oferecesse ao leitor contemporâneo um texto legível, agradável, gostoso, fluente, com todas as qualidades de uma boa tradução, sem trair certo espírito da época, sem falsear demais a linguagem da época. Esse caminho só ficou claro quando pude reconhecer as semelhanças entre o nosso português contemporâneo e o português clássico, entender que o ritmo dos textos do século XVII é muito semelhante ao ritmo que a gente imprime à fala brasileira hoje [...] é bom

marcar a distância no tempo, que também se sente no original, mas sempre entremesclada com uma sensação de familiaridade (VILLA; BENEDETTI; HIRSCH, 2003, 170-5).

Em seu posfácio argumenta que a obra de Cervantes impõe dificuldades ao traduzir pela distância temporal e a “multiplicidade de tons, estilos e gêneros, muitas vezes entremesclados”. Já na introdução à tradução de José Luis Sánchez e Carlos Nougé, pode-se constatar também a explicitação das dificuldades percebidas pelos tradutores ao se deparar com o empreendimento tradutório ao afirmar “erguem-se [...] uma série de obstáculos intransponíveis, dentre os quais [...] o tempo e a altura da obra” (p. 13) ou “pô-lo em português moderno não seria propriamente traduzir, mas adaptar” (p. 13).

Com o intuito de “não perder o sabor hispânico de então”, os dois tradutores justificam o fato de “não terem desaparecido da obra como um vidro” em função das inúmeras notas de rodapé (explicam que “as notas visam a contextualizar o leitor no ambiente cultural, social, político e religioso da época de Cervantes, do qual o *Quixote* é um magnífico afresco”) e da própria introdução disposta previamente à leitura da obra, na qual apresentam observações sobre os procedimentos adotados para os topônimos, prenomes e cognomes dos personagens, bem como os epítetos existentes na obra. Nesse momento, eles também apresentam foco na “manutenção do estilo de Cervantes”, “na manutenção de suas inversões sintáticas e sintagmáticas”, bem como tudo que

morfofossintaticamente fosse comum ao espanhol da época em que a obra foi escrita.

Claro está que estamos diante de métodos² tradutórios diversificados e tais informações nos estimularam a contrastar o trabalho tradutório de cada um deles, porém, por se tratar de um *corpus* muito amplo, nosso foco volta-se especificamente às UFs diacríticas.

4. Procedimentos metodológicos e análise dos dados

Inicialmente, foi realizado um levantamento da UFs diacríticas em língua espanhola em estudos já existentes relacionados ao assunto. Uma referência nesses estudos é o trabalho de García Page (1991), no qual o autor propõe uma lista com mais de duzentas UFs diacríticas. A partir desse repertório inicial e de outras UFs levantadas na bibliografia da área, foi realizado levantamento no *corpus* digitalizado da obra de Cervantes em espanhol. O cotejo tradutório foi realizado a partir do confronto entre esse levantamento e as edições impressas das duas traduções para o português brasileiro, já mencionadas. Trataremos aqui as traduções de Sérgio Molina por *SM* e a de José Luis Sánchez e Carlos Nougé por *JSCN*.

² Nossa perspectiva de método apoia-se em Hurtado Albir (2001, p. 241), como “o modo como o tradutor encara o conjunto do texto original e desenvolve o processo tradutório segundo determinados princípios”.

No levantamento de UFD, realizado na obra de Cervantes em espanhol, foram encontradas 56 ocorrências de 17 UFs diacríticas diferentes. São elas: *en balde*, *de ceca a meca*, *cercén a cercén*, *a deshora*, *al estricote*, *, en guisa de*, *poner de hinojos*, *a horcajadas*, *de improviso*, *sudar el bopo*, *de marras*, *en pinganitos*, *poner los pies en polvorosa*, *en pos de*, *a sabiendas*, *buscar pan de trastrigo* e *en volandillas* (*en volandas*).

Um pouco mais da metade do total dessas unidades, 9 UFD em 32 ocorrências, apresentaram as mesmas traduções, ou traduções muito próximas, nos diferentes *corpora* investigados, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Correspondências tradutórias idênticas ou quase idênticas

| UFD | SM | JSCN |
|--------------------------------|---|---|
| <i>de ceca a meca</i> | de ceca em meca | de ceca em meca |
| <i>poner de hinojos</i> | pôr-se de joelhos, pôr-se de joelhos | pôr-se de joelhos, pôr-se de joelhos |
| <i>a horcajadas</i> | às cavaleiras | às cavaleiras |
| <i>en pinganitos</i> | por cima | por cima |
| <i>a sabiendas</i> | a sabendas | a sabendas |
| <i>buscar pan de trastrigo</i> | procurar sarna para se coçar | buscar sarna para se coçar |
| <i>a deshora</i> | de improviso, a desoras, de súbito, a desoras, de improviso, de improviso, a desoras, de improviso, de improviso, de súbito, de súbito | inesperadamente, a desoras, de súbito, a desoras, repentinamente, de repente, a desoras, de repente, de repente, de repente, de súbito |
| <i>de improviso</i> | de improviso, de improviso, | inesperadamente, de improviso, de improviso, |

| | | |
|------------------|--|---|
| | de improviso, de improviso, de improviso, de improviso, de improviso, de improviso, de improviso | de improviso, de improviso, de súbito, de súbito, de súbito |
| <i>de marras</i> | que sabes, aquele, de sempre | que [bem] sabes, que bem sabemos, de sempre |

As outras 8 UFD, distribuídas em 24 ocorrências, apresentaram opções tradutórias muito variadas, como pode-se observar no quadro abaixo que passaremos a discutir tais opções adiante.

Tabela 2 – Correspondências tradutórias diferenciadas

| | SM | JSCN |
|---------------------------------------|--|---|
| <i>en balde</i> | vão, em vão, em vão | em balde, em balde, em balde |
| <i>cercén a cercén</i> | cerce e rente | Cerce |
| <i>al estricote</i> | a reboque, a cote UFD | ao estricote, ao estricote |
| <i>en guisa de/ en esta guisa</i> | em jeito de, à guisa de, à guisa de /desta guisa | prestes a, ao modo de, ao modo de/ desta maneira |
| <i>sudar el hopo</i> | suar o topete | suar um bocado |
| <i>poner los pies en polvorosa</i> | dar com os pés em polvorosa | meteu o pé no mundo |
| <i>en pos de</i> | atrás | empós |
| <i>en volandillas (en volandas)</i> | num voo, num sopro | pelo ar, voando |

Pode-se dizer que tanto na tradução de SM como na JLCN existe a tendência em se manter uma correspondência formal entre o espanhol e o português, porém essa tendência manifesta-se em momentos muito diferentes nas duas traduções analisadas. Referimo-nos aos casos em que se opta na tradução do espanhol por um UFs formalmente semelhantes no português, como são os casos de *en guisa de* e *poner los pies en polvorosa*, traduzidos por *à guisa de* e *dar com os pés em polvorosa*, na tradução de SM, e dos casos *en balde*, *al estricote* e *en pos de*, traduzidos, respectivamente, por *em balde*, *ao estricote* e *empós* na tradução de JSCN.

Em todos esses casos há uma semelhança formal entre o espanhol e as traduções propostas para o idioma português, entretanto, é na tradução de SM que encontramos as formas pouco usadas no português brasileiro *à guisa de* ou *desta guisa*. Essa escolha lexical contrasta com a escolha de JSCN *ao modo de* ou *desta maneira*, que refletem em sua tradução formas mais usuais e, portanto, mais fluentes no português brasileiro. Também para a locução *al estricote* SM opta, em uma das ocorrências da UFD, pela tradução *a cote*, locução apontada pelo dicionário *Houaiss* (2009) como um diacronismo antigo da língua portuguesa, ao contrário de *ao estricote*, opção de JSCN. Abaixo, alguns dos excertos em que tais estruturas aparecem:

➤ Texto de Cervantes

*Levantóse en esto don Quijote, y, puesta la mano izquierda en la boca, porque no se le acabasen de salir los dientes, asíó con la otra las riendas de Rocinante, que nunca se había movido de junto a su amo, tal era de leal y bien acondicionado, y fuese adonde su escudero estaba, de pechos sobre su asno, con la mano en la mejilla, **en guisa de hombre pensativo a demás** (p. 242, cap. XVIII).*

➤ Tradução de SM

*Levantou-se nisto D. Quixote e, apertando a boca com a mão esquerda para que os dentes não se lhe acabassem de cair, tomou com a outra as rédeas de Rocinante, que em nenhum momento saíra de junto de seu amo — tão leal e bem-criado era —, e foi aonde seu escudeiro estava, debruçado em seu asno, com o rosto apoiado na mão, **à guisa de homem por demais pensativo** (p. 241).*

➤ Tradução de JSCN

*Levantou-se então D. Quixote e, posta a mão esquerda na boca, para que não se lhe saíssem de todo os dentes, segurou com a outra as rédeas de Rocinante, que em momento algum saíra de perto de seu senhor — tão leal e de boa índole era —, e foi para onde seu escudeiro estava, debruçado sobre seu asno, com a mão na face, **ao modo de homem mui pensativo** (p. 188-189).*

➤ Texto de Cervantes

*Tráele amor **al estricote**, que es de muy mala ralea, y así, hasta benchir un pipote, aquí lloró don Quijote ausencias de Dulcinea del Toboso. (p. 358, cap. XXVI)*

➤ Tradução de SM

*Amor o flagela **a cote**, pois é de assaz má raleia; e assim enchendo um pipote, aqui chorou D. Quixote ausências de Dulcineia d'El Toboso. (p. 358)*

➤ Tradução de JSCN

*Trá-lo amor **ao estricote**, que é de muito má releia; aqui chorou D. Quixote ausências de Dulcineia do Toboso. (p. 278)*

Cabe ressaltar que para a locução adverbial **ao estricote**, usada na tradução de JSCN, é apresentada, como nota de rodapé,

trá-lo o amor ao estricote: “tem-no o amor em desassossego e sob desdém”.

Notamos nessas passagens, considerando o uso de arcaísmos e formas menos estendidas por SM, para a tradução das UFD, e de formas mais contemporâneas usadas por JSCN, incluindo o uso da nota de rodapé como uma forma de explicitação semântica sobre o conteúdo da UF feita por JSCN, uma indicação da inversão das propostas estabelecidas *a priori* como método tradutório pelos diferentes tradutores.

Também nos casos em que não há semelhança formal entre o espanhol e o português nas traduções propostas, como é o caso de *sudar el hopo*, cuja tradução de SM foi *suar o topete* e cuja tradução de JSCN foi *suar um bocado*, notamos que SM opta por manter a literalidade na tradução e pelo uso de uma locução que revela certo eruditismo, ao passo que JSCN opta pela transparência semântica. Vejamos as UFDs em contexto:

➤ Texto de Cervantes

[...] *y a fe que, si lo bacen, que primero que salgamos de la cárcel que nos ha de **sudar el hopo**.* (p. 144, cap. X)

➤ Tradução de SM

[...] *e à fe que, se o fizerem, antes de sair da prisão havemos de **suar o topete**.* (p. 144)

➤ Tradução de JSCN

[...] *e à fe que, se o fizerem, para sairmos do cárcere, vamos ter de **suar um bocado**.* (p. 112)

Neste caso, não somente pelo uso das formas *topete* e *bocado*, mas também a presença do verbo *haver*, comparado à forma *ter*, torna o texto de SM, neste momento, mais formal e erudito. Ao contrário do que o tradutor estabelece como objetivo a ser atingido em sua proposta inicial de tradução, o resultado observado fez com que ela soasse menos familiar e menos fluente ao leitor contemporâneo.

Podemos afirmar o mesmo, com relação ao emprego verbal *haver* para a opção de tradução apresentada em uma das ocorrências da UFD *en volandas* (*num sopro*, na tradução de SM, e *voando*, na tradução JSCN), apresentadas nos excertos abaixo:

➤ Texto de Cervantes

[...] *porque el que le encantó le puede hacer que no se mueva de un lugar en tres siglos, y si hubiere huido, le hará volver en volandas.* (p. 697, cap. XLIX)

➤ Tradução de SM

[...] *pois quem o encantou pode fazer que não saia do lugar em três séculos e, se sair, fazê-lo voltar num sopro.* (p. 697)

➤ Tradução de JSCN

[...], *porque aquele que o encantou pode fazer com que não saia do lugar por três séculos, e, se houver fugido, o fará voltar voando.* (p. 533)

Mesmo sendo a expressão *num sopro*, opção de SM, mais metafórica e de uso menos estendido que o verbo *voando*, opção de JSCN, para expressar a ideia de algo que ocorre muito rapidamente no uso que se faz do português contemporâneo, a presença do verbo *haver*, na tradução de JSCN, principalmente

contrastado com a opção de SM, *se sair*, atribui à oração tom muito mais formal e erudito.

Os fatos explorados até agora trazem à tona a presença de uma perspectiva não de todo antagônica, senão intermediária observada nos dois métodos tradutórios que ora tendem à aproximação do léxico ao contexto contemporâneo do leitor, ora se distanciam do contexto de chegada e lançam mão de arcaísmos ou unidades léxicas de pouca frequência de uso, sejam elas simples ou complexas.

De acordo com Britto (2012), são vários os fatores que determinam o grau de aproximação e distanciamento de uma tradução da cultura de chegada e de partida, dos quais se destacam três: (i) o prestígio do autor traduzido; (ii) o público-alvo a quem a obra se destina; (iii) e o meio no qual a obra será divulgada. De acordo com ele, o tradutor adota uma perspectiva mais próxima à cultura de partida quando o prestígio do autor que está sendo traduzido é muito grande, quando o público-alvo apresenta certo nível de sofisticação intelectual e também quando o tradutor considera qual será o meio de divulgação da obra traduzida. Esses três fatores parecem impactar os tradutores de *Quixote* analisados aqui que, obviamente, reconhecem a importância de Cervantes para a cultura ocidental, o tipo de leitor dessa obra no contexto brasileiro, bem como o mercado editorial existente no Brasil.

Entretanto, acreditamos que não sejam somente tais aspectos que possam influenciar a tradução e hibridizar o método

tradutório inicial proposto como projeto a ser desenvolvido por SM e JSCN. Rodrigues (2014, p. 125), objetivando expandir os estudos que privilegiam a complexidade do encontro entre o doméstico e o estrangeiro que ocorre na tradução argumenta que:

No âmbito do pensamento moderno, o bom tradutor não poderia ser afetado pelo texto que traduz e, muito menos, contaminá-lo com suas próprias convicções ou com as de sua comunidade. História, ideologia, bagagem pessoal seriam empecilhos que afastariam o tradutor do verdadeiro significado de um texto. Na contemporaneidade, o que coloca é que o tradutor, ser humano, não máquina, não pode se despir do que ele é quando faz uma tradução. Da mesma maneira, reconhece-se que o sujeito teórico não pode deixar de interferir com sua bagagem na maneira pela qual conduz o seu trabalho (RODRIGUES, 2014, p. 125).

A autora trata da impossibilidade da dissociação entre o tradutor e o texto, em função da influência de seu contexto histórico, sua ideologia e seu conhecimento de mundo na delimitação de seu ponto de vista sobre o objeto.

Outros casos corroboram a perspectiva de análise que apresentamos. Observemos para finalizar os casos de *cercén a cercén*, *poner los pies en polvorosa* e *en pos de*, traduzidos por SM por *cerce e rente*, *dar com os pés em polovorosa* e *atrás*, e por JSCN por *cerce*, *meteu o pé no mundo* e *empós*.

A UF *cercén a cercén*, presente no Diccionario María Moliner como locução na forma *a cercén*, empregada com o verbo “cortar” com o significado de “completamente, rente”, é traduzida por uma UF criada por SM em um processo neológico por aproximação de sentido. Na verdade, o tradutor parece valer-se de uma tradução que se apoia tanto na forma, quanto na sonoridade da UF espanhola e propõe, em português, de modo pleonástico, dois substantivos semanticamente equivalentes que resgatam o ritmo e a sonoridade presentes no texto original. Vejamos os excertos:

➤ Texto de Cervantes

*¡Vive Dios que ha dado una cuchillada al gigante enemigo de la señora princesa Micomicona, que le ha tajado la cabeza **cercén a cercén**, como si fuera un nabo!* (p. 511, cap. XXXV)

➤ Tradução de SM

*Por Deus que ele deu uma cutilada no gigante inimigo da senhora princesa Micomicona que lhe cortou a cabeça **cerce e rente**, como se fosse um nabo!* (p. 511)

➤ Tradução de JSCN

*Juro por Deus que deu tal cutilada no gigante inimigo da senhora princesa Micomicona, que lhe cortou **cerce** a cabeça, como se fosse um nabo!* (p. 395)

O lexema “cerce”, com datação de 1664, usado como adjetivo de dois gêneros da língua portuguesa, segundo o dicionário Houaiss (2009), tem o significado de “rente, radical, rés”, ou como advérbio “pela raiz, pela base”. Embora a tradução de SM seja redundante ao utilizar “cerce e rente”, parece ter um objetivo estilístico e cumpre aquilo que Zuluaga (2001) propõe ao dizer que

uma UF deveria ser traduzida por outra UF por conta das funções que desempenham. Ele também propõe que quando não haja uma UF equivalente, o tradutor pode ter a liberdade de recriar uma estrutura parecida com aquela das UFs para que tais funções não fiquem comprometidas na tradução, nesse caso, as funções lúdicas e poéticas envolvidas no texto literário.

Novamente, na tradução de *poner los pies en polvorosa* e *en pos de*, observamos a inversão dos projetos de tradução estabelecidos pelos tradutores. Enquanto SM propõe a tradução *com os pés em polvorosa*:

➤ Tradução de SM

*Mas, deixando isto de parte, diga-me, vossa mercê o que faremos desse cavalo rosilho rodado que parece asno pardo, que deixou aqui desamparado aquele Martino que vossa mercê derrubou, e que, da maneira que **deu** ele **com os pés em polvorosa** às de vila-diogo, leva jeito de nunca jamais voltar pelo animal.* (p. 279-280)

Para a passagem de Cervantes:

➤ Texto de Cervantes

*Pero, dejando esto aparte, dígame vuestra merced qué haremos deste caballo rucio rodado, que parece asno pardo, que dejó aquí desamparado aquel Martino que vuestra merced derribó; que, según él **puso los pies en polvorosa** y cogió las de Villadiego, no lleva pergenio de volver por él jamás, [...] (p. 280, cap. XXI)*

A tradução de JSCN apresenta uma estrutura muito mais familiar do que a de SM e menos formal:

➤ Tradução de JSCN

*Mas, deixando isso de lado, diga-me vossa mercê o que faremos deste cavalo ruço rodado, que parece asno pardo, que foi deixado aqui desamparado por aquele Martino que vossa mercê derrubou, o qual, pelo modo como saiu correndo e **meteu o pé no mundo**, não está com jeito de voltar para busca-lo jamais.* (p. 218)

Diferente daquilo que havia sido proposto como projeto ou método tradutório.

5. À guisa de conclusão

Conforme discutimos, a obra *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra, possui várias traduções no Brasil. Utilizamos como objeto de análise, especificamente, duas traduções realizadas no século XXI pelos tradutores Sérgio Molina (2002) e Carlos Nougé e José Luis Sánchez (2005), sendo que em ambas, houve o enfoque da tradução de unidades fraseológicas diacríticas contrastivamente.

Embora o recorte estabelecido gere uma visão superficial desse objeto, considerando-se a densidade e a extensão da obra, pode-se constatar a existência de “forças que tendem a puxar os tradutores em direções opostas”³. Tal fato se dá não só pela constatação do anisomorfismo existente entre as línguas, inerente a qualquer ato tradutório, mas também por fatores que parecem situar-se no nível da interpretação pessoal, da construção dos

³ Cf. Britto (2012, p. 60).

sentidos que podem emergir de diferentes leituras de um texto, da inserção social, histórica e cultural dos tradutores em suas comunidades interpretativas, além das relações e representações que existem nessas comunidades a respeito das obras literárias e de seus leitores.

Pudemos observar, na análise, um jogo de vaivém, de aproximação e distanciamento, que ora confere transparência, ora opacidade, inserindo ambas as traduções entre a contemporaneidade e o momento de surgimento do texto de partida. Não se pode deixar de destacar, entretanto, a relevância de ambas as traduções para a cultura brasileira e as possibilidades de pesquisa da obra cervantina que se encontram cada vez mais longe de se esgotar.

Referências bibliográficas

AGUILAR RUIZ, M. J. Vilo, repente y santiamén: los “fósiles fraseológicos” como palabras diacríticas en la fraseología española. In: CARMONA YANES, E.; DEL REY QUESADA, S. *Id est, loquendi peritia: aportaciones a la lingüística diacrónica de los jóvenes investigadores de la AJIHLE*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2011, p. 87-96. (CD-ROM).

_____. “Neologismos fraseológicos” como palabras diacríticas en las locuciones en español. *Paremia*, 21, 2012.

BRITO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote da Mancha*. Tradução de Carlos Nougué e José Luís Sánchez. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *D. Quixote de La Mancha*. Tradução de Sérgio Molina. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005.

COBELO, S. Os tradutores do Quixote publicados no Brasil. In: *Tradução em Revista*. v. 1, 2010, p. 01-36.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2010. (versão eletrônica)

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología, introducción a la traductología*. Madrid, Cátera, 2001.

ILINÁ, N. La fraseología española contemporánea: estado de la cuestión. Embajada de España en Moscú (Ed.). *Actas de la II Conferencia de hispanistas de Rusia*. Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores. Disponível em <http://hispanismo.cervantes.es/documentos/ilina.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2011

GARCÍA-PAGE SÀNCHEZ, M. Locuciones adverbiales con palabras “idiomáticas”. *Revista Española de Lingüística*, 21:2, 1991.

GONZÁLEZ REY, M.I. La noción de “hápx” en el sistema fraseológico francés y español. In: ALMELA PÉREZ, R.; RAMÓN TRIVES, E.; WOTJAK, G. *Fraseología contrastiva*. Murcia: Univesidad de Murcia, 2005, p. 313-327.

HOLZINGER, H. J. Unikale Elemente. Apuntamentos sobre as palavras ligadas fraseologicamente do alemán actual. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, Santiago de Compostela, n. 14, p. 165-173, 2012.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español actual*. Edición electrónica. Versión 3.0. Madrid: Gredos, 2008.

RICHART MARSET, M. Las unidades fraseológicas y su resistencia a la traducción. *Foro de Profesores de E/LE*, v. 4, 2012.

RODRIGUES, C. C. (Re)lendo clássicos: trajetos de pesquisa. In: DEGASPERI, M. H. (Org.). *Métodos de investigação em tradução: perspectivas inovadoras*. Pelotas: Editora UFPel, 2014, p. 115-128.

SEÑAS. *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* – Universidad Alcalá de Henares. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SIMÃO, A. K. G. Lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários bilíngues espanhol/português. *Domínios de Linguagem*. v. 8, n. 2, 2014, p. 269-288.

VILLA, Dirceu; BENEDETTI, Ivone; HIRSCH, Irene. Entrevista com Sérgio Molina. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, n. 5, p. 171, 2003.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Verlag Peter Lang, 1980.

ZULUAGA OSPINA, A. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. *PhiN*, 16, 2001.

BUSCA DE EQUIVALENTES EM ESPANHOL PARA OS
TERMOS RELACIONADOS A EQUIPAMENTOS
E DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA

Ivanir Azevedo DELVIZIO*

Pâmela Soares Salomão SANTOS**

1. Domínio de estudo: o turismo de aventura e a questão da segurança

Segundo a Organização Mundial do Turismo (2001, p. 38), o turismo compreende “atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”. O *Turismo de Aventura*, por sua vez, pode ser definido como o

segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural (BRASIL, 2005, p. 9).

Consideram-se atividades de aventura

* Unesp, Câmpus Experimental de Rosana, Brasil, ivanir@rosana.unesp.br

** Unesp, Câmpus Experimental de Rosana, Brasil, pamela.unesprosan@yahoo.com.br

as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos, que podem proporcionar sensações diversas: liberdade; prazer; superação etc. a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade da cada atividade (BRASIL, 2006, p. 40).

Essas atividades podem ser desenvolvidas em espaço “natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não” (BRASIL, 2010, p. 15).

Dentre as atividades de aventura praticadas, destacam-se caminhada, montanhismo, escalada, canionismo, espeleoturismo, arborismo, técnicas verticais (rapel, tirolesa, parque de cordas), expedições fora de estrada, *rafting*, canoagem, *acqua ride* (boia cross), cicloturismo, voo livre (asa-delta e *paragliding*), mergulho (livre e autônomo), cavalgadas, *kitesurf* e windsurfe (BRASIL, 2005, p. 11).

As atividades de aventura podem ser de responsabilidade individual do turista, “quando ocorre sem a interferência dos prestadores de serviços turísticos”, ou de responsabilidade solidária, quando

conduzida, organizada, intermediada via prestadores de serviços de operação de agências de turismo que depende de orientação de profissionais qualificados para a função e de equipamentos e técnicas que proporcionem, além da prática adequada, a segurança dos profissionais e dos turistas (BRASIL, 2006, p. 41).

A questão da segurança é especialmente importante no turismo de aventura, pois envolve atividades que oferecem riscos. Segundo o Ministério do Turismo, “devem ser trabalhadas, portanto, diretrizes, estratégias, normas, regulamentos, processos de certificação e outros instrumentos e marcos específicos” (BRASIL, 2006, p. 41).

De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura e o Ministério do Turismo,

o turismo de aventura é complexo e envolve diversas atividades, com níveis de risco e incidência de diversos perigos, que, por consequência, podem causar acidentes das mais diversas gravidades. O número de acidentes vinha crescendo juntamente com o crescimento da atividade e não foi difícil chegar à conclusão de que era necessário buscar formas de aumentar a segurança dos produtos oferecidos e baixar os índices dessas ocorrências (BRASIL, 2009, p. 14).

Governo, associações e empresários têm empreendido grandes esforços para profissionalizar o setor. Um passo importante foi a elaboração de normas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) a fim de criar requisitos mínimos para o exercício dessa atividade com segurança e, além disso, homogeneizar a terminologia utilizada na área, trazendo as definições de “termos comumente utilizados em diversas atividades do Turismo de

Aventura, incluindo termos relacionados à segurança, serviços e equipamentos” (ABNT, 2007, p. 1). A homogeneização dos termos utilizados no Turismo de Aventura, no Brasil, contribui para facilitar a comunicação entre empresários, profissionais do setor e turistas.

Diante desse cenário prospectivo, desenvolvemos, no âmbito do curso de Turismo, da Unesp, o projeto *Terminologia do Turismo de Aventura*, que objetiva a elaboração de um glossário trilingue (português-inglês-espanhol) de termos relativos ao Turismo de Aventura. Os termos do glossário estão organizados em dois campos principais, a saber: 1) Atividades de Aventura (subdividido em atividades na água, ar, terra, neve/gelo); 2) Equipamentos e Dispositivos de Segurança. A proposta deste artigo é apresentar resultados do trabalho de busca dos equivalentes em espanhol para um conjunto de termos relativos aos equipamentos e dispositivos de segurança utilizados no Turismo de Aventura em atividades realizadas em meio aquático (*rafting*, canoagem e mergulho), contribuindo, assim, para a elaboração do referido glossário.

2. Conceitos teóricos fundamentais

Neste tópico, expomos alguns conceitos teóricos fundamentais que alicerçaram a pesquisa e determinaram a definição da metodologia empregada.

Em relação aos termos, alinhamo-nos à Teoria

Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), teoria majoritariamente adotada nos estudos terminológicos contemporâneos, concebendo-os como unidades linguísticas que, apesar de exprimirem conceitos técnicos e científicos, possuem características e propriedades semelhantes aos signos de uma língua. Com isso, consideramos em nosso estudo a existência da variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade, da sinonímia, da homonímia e da polissemia, levando em consideração a dimensão textual e discursiva dos termos.

Sendo assim, em nossa pesquisa, os termos e conceitos foram identificados, delimitados e estudados com base em contextos extraídos de *corpus*. Por *corpus*, compreendemos um “conjunto de enunciados escritos ou orais relativos ao domínio estudado e que são utilizados em um trabalho terminológico” (BOUTIN-QUESNEL, 1985, p. 26). Com os recursos tecnológicos disponíveis atualmente, os *corpora* podem ser “armazenados em meio eletrônico e (...) analisados de forma automática ou semiautomática” (BAKER, 1995, p. 225).

Barros (2004, p. 202) distingue *corpus* de análise de *corpus* de referência, explicando que “o primeiro compõe-se dos textos dos quais serão recolhidas as unidades terminológicas que constituirão a nomenclatura, já o segundo, de textos de apoio, que servem para a complementação de informações”. No caso da pesquisa terminológica bilíngue, também é necessário criar um *corpus* na língua alvo, equiparável ao *corpus* na língua chegada em relação à

quantidade, à qualidade e à representatividade. Na pesquisa terminológica bilíngue, pode-se trabalhar com *corpora* paralelos, formados pelos textos na língua de partida e suas traduções para a língua de chegada, ou comparáveis, compostos por textos originais na língua de partida e de chegada que possuam o mesmo nível e natureza.

Os termos, contextos e demais informações recolhidos dos *corpora* são registrados em fichas terminológicas. A ficha terminológica “é um registro organizado e multidimensional de um conjunto de informações sobre um dado termo” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 154). Segundo Barros (2004, p. 252), para a elaboração de obras com mais de um idioma “deve-se adotar os mesmos procedimentos de levantamento da nomenclatura e dos dados terminológicos, de organização de fichários e do tratamento dos dados tanto em LP [língua de partida] como para cada LC [língua de chegada]”. O estabelecimento das equivalências entre os termos dar-se-á por meio da análise e comparação dos dados nas duas línguas. O estudo comparado de termos pertencentes a duas ou mais línguas para identificação de equivalentes é chamado Terminologia Bilíngue, Multilíngue ou Comparada (RONDEAU, 1984, p. 32).

No que se concerne à análise das relações de equivalência, em nossa pesquisa, trabalhamos com três conceitos: equivalência, equivalência parcial e ausência de equivalência. A equivalência ocorre quando o termo na LC “exibe uma identidade completa de

sentidos e de uso com o termo da LP, no interior de um mesmo domínio de aplicação” (DUBUC, 1985, p. 55). A equivalência parcial, ou correspondência, ocorre quando o termo de uma língua “recobre apenas parcialmente o campo de significação do termo de outra língua, ou se situa em um nível de língua diferente de seu homólogo de outra língua” (DUBUC, 1985, p. 55). Além desses casos, é possível que uma língua disponha apenas de um termo genérico, enquanto que em outra existam tanto um termo genérico quanto outros mais específicos, ou vice-versa. Também é possível “que o próprio conceito não exista em alguma das línguas confrontadas” (ALPÍZAR-CASTILLO, 1997, p. 102), inexistindo, por conseguinte, uma expressão terminológica na língua alvo. Nesse caso, defendemos a indicação da inexistência de um equivalente terminológico. Outro recurso frequentemente adotado em dicionários bilíngues “é a explicação do fenômeno, objeto ou conceito da LP, ou seja, a descrição do conteúdo semântico ou referencial do mesmo” (BARROS, 2004, p. 248).

Apresentados os conceitos e fundamentos teóricos que permeiam nosso trabalho, passaremos à descrição dos procedimentos metodológicos.

3. Metodologia da pesquisa

A pesquisa inseriu-se nos campos da Terminologia, Terminologia bilíngue e Língua de Córpus e no domínio

especializado do Turismo de Aventura. Em relação aos pressupostos teóricos, especialmente no que se refere ao nosso objetivo de estudo, o termo, alinhamo-nos às concepções da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999). Em relação à metodologia, seguimos a proposta de Barros (2004), apresentada em seu *Curso Básico de Terminologia*.

A língua de partida da pesquisa foi o português, enquanto que o espanhol foi a língua de chegada. A escolha dessa língua estrangeira se justificou por sua importância no cenário internacional, pelo grande número de turistas recebidos no Brasil, provenientes de países de língua espanhola, e também por ser uma das línguas estrangeiras oferecidas no curso de Turismo do câmpus de Rosana.

Os termos do Turismo de Aventura foram selecionados de um *corpus* em português composto por 46 textos sobre o Turismo de Aventura (CTAP), incluindo normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), manuais do Ministério do Turismo, publicações da Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) e trabalhos acadêmicos. Em etapa anterior, buscamos os equivalentes em espanhol para os termos do campo 1. *Atividades de Aventura*. Para essa pesquisa, trabalhamos com os termos do campo 2 (Equipamentos e dispositivos de segurança) referentes às atividades desenvolvidas na água.

A variedade do espanhol contemplada pela pesquisa refere-se ao espanhol da Espanha. O *Córpus de Turismo de Aventura em*

Espanhol (CTAE) é composto por 45 textos, em formato digital, que versam sobre turismo e atividades de aventura, abrangendo os mesmos gêneros textuais que o CTAP. Além disso, como *corpus* de referência, utilizamos a versão *on-line* do *Diccionario de la Lengua Española* da Real Academia Española (RAE) e dois dicionários especializados, o *Diccionario terminológico del deporte* (CASTAÑÓN RODRÍGUEZ, 2004) e o *Diccionario de términos de turismo y ocio* (ALCARAZ VARÓ *et al.*, 2000).

Os dados coletados dos *corpora* foram armazenados em fichas terminológicas. Acrescentamos as fichas destinadas aos termos relacionados aos equipamentos relativos às atividades de aventura aquáticas à base de dados terminológicos já existente. O modelo de ficha usado pela equipe contém campos para o registro do termo, variantes, campo, definições e contextos em português e espanhol. Segue exemplo de ficha preenchida:

| PORTUGUÊS | |
|-------------------------------|--|
| Termo: | Mosquetão |
| Outros termos: | Mola |
| Campo: | Equipamento |
| Definições/ Contextos: | <p>“Mosquetão –Equipamento básico no montanhismo. Feito em duralumínio ou aço, de formato oval, D e outros, possui em um de seus lados um gatilho, que se abre para a passagem da corda.” (CTAP 7)</p> <p>“Mosquetão –Anel metálico em forma de D ou O. Um dos lados possui um segmento móvel, o gatilho, que se abre para permitir a passagem da corda, na Escalada; equipamento essencial para a prática do Rapel, também conhecido como mola, o mosquetão ou mola é utilizado para várias coisas, mas normalmente é utilizado para prender o oito à cadeirinha, e também para prender as ancoragens.” (LIMA, 2002, p. 252)</p> |

| | |
|-------------------------------|--|
| Nota: | |
| | ESPAÑHOL |
| Termo: | Mosquetón |
| Outros termos: | - |
| Definições/ Contextos: | “Los Mosquetones –Son unas piezas metálicas cuyo objetivo es el de unir los diferentes elementos utilizados en la escalada: los pitones, empotradores, friends, descensores, aseguradores mecánicos, cuerdas, etc. Normalmente, se fabrican para resistir cargas de 2.000 a 3.000 Kg., longitudinalmente y unos 500 a 900 Kg., transversalmente.” (CTAE 16) |
| | “mosquetón 1.m Anilla que se abre y cierra mediante un muelle” (RAE) |
| Nota: | - |
| | INGLÊS |
| Termo: | - |
| Outros termos: | - |
| Definições/ Contextos: | - |
| Nota: | - |

O estabelecimento da relação de equivalência entre os termos em português e espanhol foi feita com base na análise e comparação das definições e contextos em português com as definições e contextos em espanhol, na busca da identificação de traços semânticos comuns entre os termos analisados.

Em resumo, foram realizadas as seguintes etapas: levantamento dos termos em português relacionados aos equipamentos e dispositivos de segurança utilizados na prática de atividades de aventura na água; sistematização dos termos; criação de fichas terminológicas para cada termo selecionado, contendo sua definição e contexto em português e campos para os dados em espanhol; seleção das obras em espanhol sobre atividades de

aventura; coleta de termos e contextos em espanhol e registro nas fichas terminológicas; comparação das definições e contextos em português com as definições e contextos em espanhol para comprovar a relação de equivalência entre os termos e para identificar possíveis casos de equivalência parcial e ausência de equivalência.

4. Análise dos dados

Para melhor visualização dos resultados da pesquisa, os termos em português e seus equivalentes em espanhol foram organizados em um quadro de equivalências terminológicas. No quadro apresentado, utilizamos o símbolo \emptyset (vazio) para indicar que não foi encontrado um termo equivalente no conjunto de textos e fontes usados na pesquisa. Utilizamos o símbolo \cong (“aproximadamente”) para indicarmos que se trata de um equivalente parcial. Em relação às variantes, essas foram inseridas ao lado do termo principal (mais frequente no *corpus*), separadas por vírgula, quando se referiam exatamente ao mesmo conceito, e por ponto e vírgula, quando apresentavam nuances semânticas. Também foram utilizados os símbolos “<” e “>” para assinalar maior ou menor compreensão do termo. Comentaremos, a seguir, os principais casos observados durante o estudo do subconjunto terminológico delimitado.

Quadro 1 – Equivalências terminológicas português-espanhol

| Equipamentos – Água | Equipos – Água |
|---|--|
| 1.1 apito | Silbato |
| 1.2 bolsa estanque | bolsa seca |
| 1.3 bomba de inflar | inflador, bomba |
| 1.4 bote, bote inflável | balsa, balsa inflable, raft |
| 1.5 bússola | brújula, compás |
| 1.6 cabo de resgate, saco de resgate, corda de resgate | cabo de resgate, saco de resgate, cuerda de rescate |
| 1.7 caiaque | kayak < piragua |
| 1.8 caiaque de segurança | kayak de seguridad |
| 1.9 caiaque inflável, <i>duck</i> | Ø (<i>tipo de balsa inflable para una o dos personas</i>) |
| 1.10 canoa | canoa < piragua |
| 1.11 capacete | Casco |
| 1.12 cilindro | botella |
| 1.13 cinto de lastro | cinturón de lastre, cinturón de plomos |
| 1.14 colete equilibrador, colete compensador de flutuação, colete compensador, > colete equilibrador tipo jaqueta | chaleco hidrostático, chaleco compensador de flotabilidad, chaleco compensador, > jacket |
| 1.15 colete salva-vidas | chaleco salvavidas |
| 1.16 computador de mergulho | ordenador de buceo |
| 1.17 console | consola |
| 1.18 estojo de primeiros-socorros, <i>kit</i> de primeiros-socorros | botiquín de primeros auxílios, botiquín |
| 1.19 faca de mergulho, faca | cuchillo de buceo, cuchillo |
| 1.20 fita plana | cinta plana |
| 1.21 fita tubular | cinta tubular |
| 1.22 <i>flip-line</i> , <i>flip line</i> | flipline, flip-line, línea de vida, línea de volcamiento, towline |
| 1.23 <i>jet ski</i> | moto acuática, moto de agua, moto náutica, jet-ski |
| 1.24 lanterna | linterna |
| 1.25 manômetro de pressão submersível, manômetro | manómetro, manómetro de presión submersible, manómetro |
| 1.26 máscara | máscara |
| 1.27 mosquetão | mosquetón |

| | |
|--|------------------------------------|
| 1.28 nadadeira, pé de pato | aleta |
| 1.29 octopus | octopus |
| 1.30 profundímetro | profundímetro |
| 1.31 polia | polea |
| 1.32 prancha | tabla |
| 1.33 regulador de demanda, regulador | regulador de demanda, regulador |
| 1.34 remo | remo, pala |
| 1.35 roupa de mergulho | traje de buceo, traje |
| 1.36 roupa de neoprene | traje de neopreno |
| 1.37 roupa seca | traje seco, traje estanco |
| 1.38 roupa semi-seca | traje semiseco, traje semi-seco |
| 1.39 roupa úmida | traje húmedo |
| 1.40 sistema de lastro de desengate rápido | sistema de lastre de zafado rápido |
| 1.41 <i>snorkel</i> | tubo respirador, tubo, snorkel |
| 1.42 tabela de descompressão | tabla de descompresión |

Para a maior parte dos termos analisados, encontramos um termo equivalente em língua espanhola que designava o mesmo conceito, não apresentando diferenças semânticas ou conceptuais, tais como: apito/silbato; bolsa estanque/bolsa seca; bomba de inflar/inflador, bomba; bote, bote inflável/ balsa, balsa inflable, raft; bússola/ brújula, compás; cabo de resgate, saco de resgate, corda de resgate/ cabo de resgate, saco de resgate, cuerda de rescate; capacete/casco; caiaque de segurança/kayak de seguridad; cilindro/botella; cinto de lastro/cinturón de lastre, cinturón de plomos; colete salva-vidas/chaleco salvavidas; computador de mergulho/ordenador de buceo; console/console; estojo de primeiros-socorros, *kit* de primeiros-socorros/ botiquín de primeros auxílios, botiquín; faca de mergulho, faca/cuchillo de buceo/cuchillo; fita plana/cita plana; fita tubular/cinta tubular; *flip-*

line, flip line/ flipline, flip-line, línea de vida, línea de volcamiento, towline; *jet ski/* moto acuática, moto de agua, moto náutica, jet-ski; lanterna/linterna; manômetro de pressão submersível, manômetro; manómetro de presión submersible, manómetro; máscara/máscara; mosquetão/mosquetón; nadadeira, pé de pato/aleta; octopus/octopus; profundímetro/profundímetro; polea/polia; prancha/tabla; regulador de demanda, regulador/regulador de demanda, regulador/ roupa de mergulho/traje de buceo, traje; remo/remo, pala; roupa de neoprene/traje de neopreno; roupa seca/traje seco, traje estanco; roupa semi-seca/traje semiseco; roupa úmida/traje húmedo; sistema de lastro de desengate rápido/ sistema de lastre de zafado rápido; tabla de descomprensão/tabla de descomprensión; *snorkel/*tubo respirador, tubo, snorkel.

As diferenças que encontramos entre esses termos referiram-se apenas ao número de termos variantes encontrados em cada língua. Nesses casos, registramos como termo principal aquele que foi mais frequente no *corpus*, seguido das variantes gráficas e/ou forma abreviada (elíptica) do termo principal, sendo as demais variantes organizadas em ordem alfabética.

Os demais casos apresentaram algumas particularidades que passaremos a comentar. A primeira delas se refere aos termos *canoa* e *caiaque*, para os quais, em espanhol, encontramos *canoa* e *kayak*. Porém, encontramos também, em espanhol, o termo *piragua*, que dá o nome à atividade na Espanha, *piragüismo*, denominada *canoagem* em português. Examinemos as definições:

3.2 Canoagem. É definida como sendo uma atividade praticada em canoas e caiaques, em mar, rio, lago, águas abrigadas ou abertas. A canoa pode ser aberta ou fechada com remo de uma só pá. O caiaque, que significa Barco de Caçador, é uma embarcação, geralmente fechada, que utiliza remo de duas pás; o turista permanece sentado na cabine (BRASIL, 2011, p. 47).

piraguismo (i. *canoeing*) deporte olímpico de verano que consiste en recorrer una distancia sobre el agua en una piragua o en una canoa impulsada por remos. Lo invento John Mc Gregor en 1860 en Gran Bretaña, fundándose el Canoe Club en 1866 y su federación internacional en 1924. Sus especialidades son: piragua y canoa. Se llevan a cabo competiciones en aguas tranquilas (fondo y velocidad) y en aguas bravas (descenso, travesía y eslalon) [...] (CASTAÑÓN RODRÍGUEZ, 2004, p. 205).

Vejamos agora as definições de *canoa*, *kayak* e *piragua* extraídas do Dicionario de Lengua Española da Real Academia: “*canoa*.1 f.Embarcación de remo muy estrecha, ordinariamente de una pieza, sin quilla y sin diferencia de forma entre proa y popa”; “*kayak*. 2. m. Dep. Embarcación semejante a la anterior, en la que uno, dos o cuatro tripulantes sentados utilizan remos de dos palas”; “*piragua*. (De or. caribe). 1. f. Embarcación larga y estrecha, mayor que la canoa, hecha generalmente de una pieza o con bordas de tabla o cañas. Navega a remo y vela, y la usan los indios de América y Oceanía.”.

Em documento publicado pela *Real Federación Española de Piragüismo*, lemos o seguinte esclarecimento acerca desses termos:

Técnicamente, el término piragua engloba tanto “canoas” (embarcaciones que se manejan con una pala provista de una sola cuchara) como “kayaks” (embarcaciones que se manejan con una pala de dos cucharas). En cuanto al remo, se diferencia del piragüismo básicamente en que en el primero la propulsión se realiza en sentido inverso al que mira el tripulante, y en el segundo no. Las embarcaciones a remo muestran diferencias externas sustanciales con las piraguas, mientras que entre kayaks y canoas éstas pueden llegar a no existir (llegándose a emplear el mismo casco) [...] (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE PIRAGÜISMO, 2009, p. 10).

Do excerto acima podemos constatar que a denominação *piragua* é um termo genérico que abarca os termos específicos *canoa* e *kayak*. No *corpus* da pesquisa e nos dicionários consultados, não encontramos, em português, um termo genérico equivalente ao termo *piragua*. Diante disso, registramos o termo *piragua* tanto na ficha terminológica do termo *canoa* quanto na do termo *kayak*, usando o sinal (<) para indicar que se trata de um conceito mais amplo: *kayak* < *piragua* e *canoa* < *piragua*.

Já para o termo *caiaque inflável* ou *duck*, em português, não encontramos um equivalente em espanhol. A respeito desse termo, temos que:

Duck – é uma modalidade de *rafting* com um *bote inflável, para dois participantes*. Também conhecido como *Inflatable Kayak*, surgiu com a popularização da canoagem nos EUA, na década de 1980. Por ser inflável, maior e mais estável, além de permitir o participante sentar sobre o barco sem nenhum tipo de fixação, o *Duck* vem recebendo um número muito grande de adeptos em todo o mundo. O termo *duck* (pato, em inglês) foi escolhido pelo mesmo se assemelhar com um pato na água, e também para brincar com os participantes, chamados de patos, por não terem coragem de praticar a descida de rio em caiaques, notadamente mais ágeis e de melhor *performance* (LIMA, 2002, p. 138).

No caso exposto, utilizamos o símbolo \emptyset para indicar a inexistência de um termo equivalente em espanhol, incluindo, porém, a explicação do mesmo em itálico: *tipo de balsa inflable para una o dos personas*.

Para o termo *colete equilibrador*, em português, e *chaleco hidrostático*, em espanhol, além de algumas variantes, encontramos o termo *jacket* no *corpus* em espanhol, verificando que se tratava de um tipo de colete. Nesse caso, inserimos o símbolo “>” para indicar que *jacket* é um tipo de *chaleco hidrostático*.

5. Conclusão

Dos 42 termos coletados do *corpus*, referentes a equipamentos usados em atividades aquáticas, somente

encontramos um caso de ausência de equivalência, relativo ao termo *Duck*, proveniente do inglês. Essa lacuna terminológica, entretanto, foi suplementada por meio de uma perífrase. Em relação à existência de termos mais genéricos ou específicos, verificamos, em espanhol, a existência do termo *piragua*, que abrange tanto *canoa* quanto *caiaque* do qual deriva o nome da atividade que contempla os dois tipos de embarcação, *piragüismo*. Em português, não há um termo genérico equivalente, apenas os dois específicos, *canoa* e *caiaque*, sendo que o nome da atividade que engloba as duas embarcações é derivado apenas do primeiro, *canoagem*. A partir dos dados observados, podemos dizer que, no conjunto terminológico estudado, houve predominância da relação de equivalência entre os termos, com diferenças pontuais inerentes às particularidades da realidade de cada país.

Referências bibliográficas

ALCARAZ VARÓ. *Diccionario de términos de turismo y ocio*. Barcelona: Ariel, 2000.

ALPÍZAR-CASTILLO, R. *Cómo hacer un diccionario científico-técnico?* Buenos Aires: Editorial Memphis, 1997.

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15500: *Turismo de aventura – Terminologia*. Rio de Janeiro, 2007.

BAKER, M. *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*. In: *Target*. 7:2, 1995. p. 223-243.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BOUTIN-QUESNEL, R. et. al. *Vocabulaire Systématique de la Terminologie*. Québec, Publications du Québec, 1985.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. *Manual de boas práticas – Aventura segura – Sistema de gestão de segurança*. Belo Horizonte, 2009.

_____. *Turismo de Aventura: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. *Relatório de Impactos do Programa Aventura Segura*. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2011.

CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la Terminología: de la denominación a la comunicación. In: _____. *La Terminología: Representación y Comunicación*. Barcelona, IULA, 1999.

CASTAÑÓN RODRÍGUEZ, J. *Diccionario terminológico del deporte*. S.l.: Trea, 2004.

DUBUC, R. *Manuel pratique de terminologie*. Québec: Linguatéch Éditeur, 1985.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia – Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, D. F. de. *Dicionário de Esportes*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española, Madrid: Espasa, 2001.

REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE PIRAGÜISMO. *La problemática legal del piragüismo recreativo y deportivo en las aguas interiores españolas*. 2009. Disponível em: [http://www.rfep.es/publicacion/ficheros/problematika_piraguis mo_RFEP_I__pdf.pdf](http://www.rfep.es/publicacion/ficheros/problematika_piraguis_mo_RFEP_I__pdf.pdf). Acesso em: 06 jan. 2014.

RONDEAU, G. *Introduction a la terminologie*. 2 ed. Québec: Gaëtan Morin, 1984.

COLOCAÇÕES NA LEGENDAGEM DE SERIADOS:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Isabela Beraldi ESPERANDIO*

1. Introdução

Os Estados Unidos são com certeza o primeiro exportador de programas audiovisuais no mundo (FERNÁNDEZ, 2009). Nesse segmento, o acesso de brasileiros a séries televisivas legendadas em português vem crescendo consideravelmente, seja por canais pagos ou pela *internet*. Assim, a demanda por tradutores em agências de legendagem tem aumentado proporcionalmente à quantidade de programas e seriados. Entretanto, o prazo para a entrega das legendas parece ter sido reduzido em relação ao prazo tradicionalmente praticado para filmes para lançamento em DVD ou no cinema, visto que precisam ir ao ar no menor tempo possível.

Segundo Fromm (2011a, p. 2), “desde a década de 1960, [...] séries de ficção científica avançam no uso de termos emprestados de várias áreas do conhecimento” e oferecem um território diferenciado para a pesquisa que apoia a sua tradução, visto que apresentam terminologias de diferentes perfis sendo empregadas em uma situação bastante peculiar. No entanto, conforme entendemos, não são apenas as séries de ficção científica, ou aquelas que tratam

* UFRGS, Instituto de Letras, Brasil, isabela_esperandio@yahoo.com.br

de enredos que se desenvolvem em hospitais ou em tribunais, que tendem a apresentar uso de terminologias. As séries que tratam de temas fantásticos, por exemplo, também parecem ter desenvolvido uma terminologia própria, semelhante e ao mesmo tempo distinta dessas terminologias mais “tradicionais” da Medicina ou do Direito.

Se tomarmos duas séries sobre um mesmo tema fantástico – como *True Blood* e *The Vampire Diaries* –, deparamo-nos com designações diferentes para seres, processos e suas peculiaridades “vampirescas”, constituindo todo um campo nocional multifacetado. Dentre os três tipos de padrões em séries televisivas identificados por Fromm (2011a), a saber, a) série com terminologia totalmente ficcional, b) série que mistura ficção e ciência, e c) série que retrata o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses, etc., as novas séries ficcionais com temática de seres sobrenaturais, considerando-se, por exemplo, todo um “mundo fantástico de seres da modernidade” e de recursos tecnológicos que perpassam suas ações, parecem se aproximar de um tipo híbrido.

Indiscutivelmente, oferecer um bom treinamento para o tradutor envolvido com a produção de legendas é essencial para que a relação do espectador com esse material e com o trabalho profissional seja reconhecida e amigável. Deve-se especialmente considerar que há uma grande quantidade de legendas traduzidas “não oficialmente”, produzidas por fãs de séries televisivas, os quais as lançam para acesso público, de modo a antecipar o contato com o recurso audiovisual estrangeiro.

Nesse contexto, conhecer melhor esse tipo de material textual e, em meio a ele, as especificidades de sua terminologia e, conseqüentemente, de sua fraseologia, em tese diferenciada, pode ajudar os tradutores brasileiros a se inserirem neste mercado de trabalho ou, ainda, a se estabelecerem como aqueles com maior familiaridade com a linguagem, com o vocabulário e com a tradução do “mundo das séries”. Além disso, por alguns seriados, como *The Vampire Diaries*, terem surgido de adaptações de obras literárias, estudos centrados em suas peculiaridades poderiam servir como fonte de pesquisa não apenas para legendadores, mas também para tradutores de obras literárias de ficção neste tema.

Apesar de haver um crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo (FROMM, 2011b), ainda carecemos de estudos em Terminologia e Fraseologia sobre a tradução do vocabulário em seriados televisivos. Isso ocorre, provavelmente, porque os estudos sobre as linguagens científicas e técnicas têm, em geral, abordado apenas áreas de conhecimento mais tradicionais.

Considerando essa lacuna, estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Bases teórico-metodológicas para um glossário de terminologias para a legendagem de textos audiovisuais de ficção” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na especialidade de Teorias Linguísticas do Léxico. Com o apoio de ideias postas em novas correntes de estudos de Terminologia denominadas

Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007) e Terminologia Cultural (DIKI-KIDIRI, 2002, 2009), além das perspectivas de Terminologia de viés textual (HOFFMANN, 1988a, 1988b, 1998a, 1998b, 2004), aliando-se a recursos e princípios da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004), procuramos bases teóricas e metodológicas para a elaboração de um glossário desse tipo de terminologia para tradutores de legendas do inglês para o português.

Nesse novo cenário de comunicação e de trabalho para o tradutor, investigar terminologia e fraseologia médica que se realiza, por exemplo, no seriado *House M.D.*, que trata do dia a dia de trabalho de médicos em um hospital, seria algo facilmente justificável e compreensível mesmo em meio a um texto de ficção. Afinal, ainda que o gênero ficcional seja incomum para uma pesquisa terminológica *stricto sensu*, a terminologia da Medicina é reconhecida e estudada como tal há anos. Ter-se-ia, assim, apenas mais um cenário comunicativo. Por outro lado, o vocabulário da ficção fantástica, ou mesmo da ficção científica, tende a não ser prontamente aceito como “especializado”, ainda que Sager (1980) já tivesse indicado algumas possibilidades a respeito.

O fato de que ocupações mais modestas, como enfermeiro, bibliotecário e cozinheiro, ou mesmo passatempos também envolvem áreas especiais de interesse humano e, portanto, também requerem e de fato têm sua própria linguagem especial é muitas vezes desconsiderado. Uma vez que praticamente toda atividade humana pode ser atribuída a

uma área ou outra, toda linguagem poderia ser dividida em muitas sublinguagens e a palavra “especial” seria supérflua (SAGER, 1980 *apud* CABRÉ, 1998, p. 88, tradução nossa).

Para Cabré, “[...] o fato de que todas as unidades dotadas de referência possuem a capacidade de se materializarem como termos (se expressam conhecimento especializado) ou como palavras (se expressam conhecimento geral) não impede que atualizem essa capacidade em todos os casos” (CABRÉ, 1998, p. 90, tradução nossa). Sobre termos não padronizados, Pearson (1998) acrescenta que, “quando recebem um significado específico dentro de um domínio em particular por pessoas trabalhando na área e quando são usados dentro de certos cenários comunicativos, eles são considerados como referentes àquele significado específico” (PEARSON, 1998, p. 25, tradução nossa).

Considerando que, devido ao valor terminológico heterogêneo, o vocabulário de séries televisivas que tratam de temas fantásticos também apresentaria fraseologia diferenciada, o objetivo deste trabalho é relatar um estudo exploratório no *corpus* em inglês compilado com o vocabulário utilizado nas quatro primeiras temporadas de *The Vampire Diaries*, um dos seriados de estudo no referido projeto de mestrado. A exploração, que visa subsidiar nossa pesquisa em grande escala, faz a identificação de colocações adjetivas, nominais e verbais compostas com as palavras-termo *blood* (sangue), *spell* (feitiço), *magic* (mágica) e *curse* (maldição) nas falas dos personagens.

Na segunda seção deste texto, serão expostos sucintamente os referenciais teóricos utilizados para este estudo exploratório e, na terceira seção, os materiais e métodos. A seção 4 explicitará alguns dos resultados obtidos, e, para finalizar, a seção 5 apresentará as perspectivas para uma pesquisa em larga escala, no âmbito de uma pesquisa de mestrado.

2. Referenciais teóricos

Para a análise das informações encontradas no *corpus* de *The Vampire Diaries* em inglês, foram utilizadas como referencial teórico as antes citadas novas correntes de estudos de Terminologia denominadas Etnoterminologia e Terminologia Cultural, as perspectivas de Terminologia de viés textual, aliadas a recursos e princípios da Linguística de *Corpus*, além das perspectivas da Fraseologia Especializada.

2.1 Etnoterminologia e Terminologia Cultural

Barbosa (2005, 2006, 2007), ao se debruçar sobre lendas folclóricas do Norte do Brasil, identificou que as unidades lexicais de discursos etnoliterários têm estatuto diferenciado: elas assumem as duas funções, de termo e de vocábulo, nos mesmos universos de discurso e nos mesmos discursos-ocorrências. Com base nesse aspecto específico, a autora propõe a consolidação da

Etnoterminologia, para o estudo da “norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto das *unidades lexicais* que caracterizam o *universo dos discursos etnoliterários*” (BARBOSA, 2007, p. 434, grifos da autora). Tais unidades teriam significado peculiar a esse universo de discurso, sendo, ao mesmo tempo, polissemênicas. Elas reuniriam especificidades das linguagens especializadas e da linguagem literária, resultando do cruzamento de processos de metaterminologização e metavocabularização. Segundo a autora (BARBOSA, 2006, p. 51), “As unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais”.

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etnoliterário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los [*sic*] bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente (BARBOSA, 2005, p. 105).

Já Diki-Kidiri (2009), ao apresentar sua proposta de enfoque cultural da Terminologia, afirma que esta, por ser uma disciplina não apenas da construção do saber, mas também de sua apropriação a

uma cultura particular, deveria considerar as dimensões socioculturais, históricas, fenomenológicas e psicológicas, ao menos, da mesma forma que o faz com as dimensões linguísticas e técnicas, em seus fundamentos teóricos e em seus métodos. Assim, o autor propõe uma nova concepção da disciplina, mais interdisciplinar e geral enquanto ciência da linguagem. Para corroborar os argumentos de Diki-Kidiri, pode-se citar André Clas (2004, p. 235), por afirmar que:

[...] a terminologia não pode ser uma entidade à parte, uma ideação autônoma de certa forma. Ela está ligada à realidade linguística geral, à tomada de conhecimento como qualquer outra informação, já que a conceitualização relata infalivelmente uma experiência, um conjunto de conhecimentos prévios, um grau de compreensão dos fenômenos.

2.2 Terminologia de viés textual

Hoffmann (2004), pela perspectiva da Terminologia de enfoque textual, considera que o texto é o signo linguístico primário, pois a linguagem se realiza apenas por meio de textos. Assim, é o texto que deve centralizar o estudo das linguagens especializadas, e não a palavra ou a frase. As outras unidades linguísticas são seus constituintes e se relacionam entre si, sem as quais não há textualidade. Sob essa perspectiva, a linguística das linguagens especializadas deixou de observar particularidades entre diferentes

sublinguagens para privilegiar as linguagens especializadas em funcionamento.

2.3 Fraseologia e colocações

Segundo Krieger e Finatto (2004), há vários pontos de vista sobre a Fraseologia, tanto em seu plano conceitual, denominativo ou de critérios. Para os fins deste trabalho, consideraremos a Fraseologia, conforme Krieger e Finatto (2004), um dos três objetos dos estudos da Terminologia, juntamente com o termo e a definição, uma vez que

considera-se que a fraseologia é uma estrutura representativa de um nódulo conceitual das diferentes áreas temáticas, sobretudo quando inclui um termo em sua composição. Donde a importância de reconhecimento dessas estruturas que coexistem ao lado dos termos, formando uma complementaridade de expressão e de conteúdos pertinentes às áreas de especialidade (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 85).

Para Michel Bréal, um dos pais da fraseologia moderna, “[...] a palavra chega preparada pelo que a precede e pelo que a rodeia, comentada pelo tempo e lugar, determinada pelos personagens que estão em cena” (BRÉAL, 19--., p. 254, tradução nossa). É nesse contexto que se inserem os estudos de Fraseologia.

De Bréal até hoje, muitos estudiosos têm se dedicado ao campo da Fraseologia, dentre eles Bally, Bevilacqua, Gouadec, Hausmann e Pavel. Neste trabalho, adotamos, em especial, o olhar de Tagnin (2013) e Corpas Pastor (1996).

Tagnin (2013) considera que há convencionalidade na língua nos níveis sintático, semântico e pragmático. Em cada nível, encontram-se diferentes tipos de unidades. O nível sintático compreende a combinabilidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade. É nesse nível que a autora inclui as coligações, as colocações (objeto deste artigo) e os binômios. Já no nível semântico, encontram-se as expressões idiomáticas e, no nível pragmático, os marcadores conversacionais e as fórmulas situacionais.

Por sua vez, Corpas Pastor (1996) propõe três esferas de classificação de unidades fraseológicas (UFs): colocações, que incluem aquelas UFs fixadas apenas na norma¹ (esfera I); locuções, que incluem aquelas do sistema² (esfera II); e enunciados fraseológicos, que estão fixas na fala³ (esfera III). As colocações, como as abordaremos neste artigo, estão então inseridas na esfera I da classificação de Corpas Pastor (1996).

¹ Corpas Pastor (1996) entende *norma* segundo Coseriu (1986), como um conjunto de realizações concretas de caráter coletivo da língua.

² Corpas Pastor (1996) entende *sistema* segundo Coseriu (1986), como o nível mais abstrato da língua, onde estão as regras e o conjunto de possibilidades abstratas.

³ Corpas Pastor (1996) entende *fala* segundo Coseriu (1986), como o nível mais concreto e individual da língua.

Em seu estudo sobre as diversas propostas referentes à Fraseologia das linguagens especializadas, Bevilacqua (2005) identificou duas grandes tendências. A primeira delas tem um ponto de vista teórico-prático voltado para a lexicografia. Nesta, as unidades fraseológicas são frequentemente chamadas de colocações, as quais são formadas por uma base e um colocado. É uma proposta mais ampla da Fraseologia, uma vez que inclui todas as unidades sintagmáticas, mesmo que algumas delas não se caracterizem como termo. A segunda tendência, terminológica, é mais restrita, por considerar unidades fraseológicas apenas as unidades sintagmáticas compostas por um termo ou unidade terminológica. Alguns autores que seguem essa proposta estabelecem padrões morfossintáticos; por exemplo, termo + adjetivo, verbo + termo, termo + verbo, substantivo + preposição + artigo + termo, etc.

Neste trabalho, daremos enfoque à esfera I de Corpas Pastor (1996), ou à combinabilidade no nível sintático, conforme Tagnin (2013), estudando as UFs fixadas pela norma, em específico, as colocações. Tagnin (2013) explica que “O termo *collocation* foi introduzido pelo linguista britânico J. R. Firth para designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente ‘andam juntas’” (TAGNIN, 2013, p. 63).

Identificaremos e analisaremos, então, as unidades lexicais associadas às palavras-termo *blood* (sangue), *spell* (feitiço), *magic* (mágica) e *curse* (maldição), formando o que Tagnin (2013) designa:

- Colocações adjetivas: adjetivo + substantivo;
- Colocações nominais: substantivo + substantivo; e
- Colocações verbais: verbo + substantivo.

Na Seção 3, serão descritos os materiais e métodos utilizados na pesquisa de quais substantivos, adjetivos e verbos “andam juntos” com as bases *blood*, *spell*, *magic* e *curse* no contexto do seriado *The Vampire Diaries*.

2.4 Linguística de *Corpus*

Sobre a Linguística de *Corpus*, Berber Sardinha (2004, p. 3) explica que

a Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Para o autor (BERBER SARDINHA, 2004, p. 20-21), os *corpora* podem ser classificados segundo alguns critérios:

- Modo: falado ou escrito;
- Tempo: sincrônico ou diacrônico; contemporâneo ou histórico;

- Seleção: de amostragem, monitor, dinâmico, estático ou equilibrado;
- Conteúdo: especializado, regional/dialetal ou multilíngue;
- Autoria: de aprendiz ou de língua nativa;
- Disposição interna: paralelo ou alinhado;
- Finalidade: de estudo, de referência ou de treinamento ou teste.

3. Materiais e métodos

Para os fins deste trabalho, utilizamos apenas o *corpus* compilado com as legendas em inglês produzidas por *Closed Caption* das quatro temporadas já encerradas do seriado *The Vampire Diaries*. Tal *corpus* totalizou aproximadamente 22.120 *types* (palavras diferentes) e 379.270 *tokens* (palavras), perfazendo 89 episódios. De acordo com a classificação de Berber Sardinha (2004), nosso *corpus*, quanto ao modo, é falado (uma vez que são transcrições das falas em inglês do seriado original); quanto ao tempo, é sincrônico e contemporâneo; quanto à seleção, é por amostragem e estático; quanto ao conteúdo, é especializado; quanto à autoria, é de língua nativa; quanto à finalidade, é de estudo (há a descrição de um *corpus*), de referência (poderá ser contrastado com outros *corpora* de estudo) e de treinamento (possível aplicação como base de pesquisa para tradutores). Neste caso, não podemos classificar o *corpus* quanto à

distribuição interna, uma vez que a amostragem que selecionamos é monolíngue.

É possível fazer *download* das legendas em inglês do referido seriado por meio do *site* www.tvsubtitles.net, em formato “.srt”, o qual é aceito pelo programa de análise lexical *AntConc* (ANTHONY, 2011), sem necessidade de conversões. Após a limpeza de descrições de sons (devido à transcrição em *Closed Caption* ser destinada originalmente ao público surdo) e do resumo dos últimos acontecimentos da série apresentado nos minutos iniciais de cada episódio (a fim de evitar um número falso de ocorrências que seriam, na verdade, repetições de cenas), o *corpus* foi então analisado por meio desse programa e de suas ferramentas *Word List*, *Keyword List* e *Concordance*.

A ferramenta *Word List* gera uma lista de palavras de todo o *corpus*, por ordem de frequência ou alfabética, indicando ainda o número de ocorrências de cada uma das palavras, como se pode ver na Figura 1. Já a ferramenta *Keyword List* realiza uma comparação entre o *corpus* de estudo e outro *corpus*, maior, de referência, gerando uma lista que aponta as palavras estatisticamente mais frequentes no *corpus* de estudo que no *corpus* de referência. Para o funcionamento da ferramenta *Keyword List* e a geração da lista de palavras-chave deste estudo exploratório, utilizamos como *corpus* de referência o British National Corpus (BNC). A partir das primeiras 500 palavras listadas por meio das ferramentas *Word List* e *Keyword List*, selecionamos aquelas que pertencem ao léxico de vampiros e bruxas

e que poderiam formar colocações especializadas, em tese diferenciada, no contexto do seriado sob estudo.

Utilizamos, então, a ferramenta *Concordance*, a qual apresenta cada ocorrência da palavra de busca, inserida em seu contexto no *corpus*, centralizando-a para uma melhor visualização, como se pode ver na Figura 2. Com o auxílio do *Concordance*, optou-se por uma unidade lexical relacionada a vampiros (*blood*) e três relacionadas a bruxas (*spell*, *magic* e *curse*), as quais tinham mais potencial para a formação dos três tipos de colocações em pesquisa: adjetivas, nominais e verbais.

Apresentamos, abaixo, o fragmento da lista de palavras onde consta *blood* (Figura 1), bem como as concordâncias geradas com ela como palavra de busca (Figura 2):

Figura 1: Lista de palavras mais frequentes das quatro temporadas de *The Vampire Diaries* gerada pela ferramenta *Word List* do *Antconc*.

| Rank | Freq | Word |
|------|------|-------|
| 141 | 467 | has |
| 142 | 469 | there |
| 143 | 469 | there |
| 144 | 469 | there |
| 145 | 469 | there |
| 146 | 469 | there |
| 147 | 469 | there |
| 148 | 469 | there |
| 149 | 469 | there |
| 150 | 469 | there |
| 151 | 469 | there |
| 152 | 469 | there |
| 153 | 469 | there |
| 154 | 469 | there |
| 155 | 469 | there |
| 156 | 469 | there |
| 157 | 469 | there |
| 158 | 469 | blood |
| 159 | 469 | there |
| 160 | 469 | there |
| 161 | 469 | there |
| 162 | 469 | there |
| 163 | 469 | there |
| 164 | 469 | there |
| 165 | 469 | there |
| 166 | 469 | there |
| 167 | 469 | there |
| 168 | 469 | there |
| 169 | 469 | there |
| 170 | 469 | there |
| 171 | 469 | there |
| 172 | 469 | there |

Fonte: *AntConc*.

4. Resultados

Nos quadros a seguir, apresentaremos as colocações encontradas para as palavras-termo *blood* (sangue), *spell* (feitiço), *magic* (mágica) e *curse* (maldição), classificando-as em adjetivas, nominais e verbais e apresentando um exemplo de seu uso encontrado no *corpus* (Quadros 1 a 10).

Quadro 1 – Colocações adjetivas com a base *blood*.

| Adjetivo + BLOOD (Substantivo) | |
|---------------------------------------|--|
| animal blood | If I can get Elena used to animal blood right out the gate... |
| fresh blood | That there, that's progress. More hotels, more tourists, more fresh blood. |
| human blood | Well, what if I wanna drink human blood? |

Quadro 2 – Colocações nominais com a base *blood*.

| Substantivo + BLOOD (Substantivo) | |
|--|---|
| doppelganger blood | Maybe it's your doppelganger blood, you're rejecting the transition. |
| people blood | She's new. She needs people blood. |
| puppy blood | Stefan likes... Puppy blood... Little golden retriever puppies with cute, fluffy ears. |
| vampire blood | Feeding her vampire blood rendered it useless. |
| BLOOD (Substantivo) + Substantivo | |
| blood bag | Look. Just ask her to drink from a blood bag. |
| blood bank | Yeah, but I didn't make Stefan save your life so that I could turn you into a human blood bank. |
| blood lust | She can't learn to control the blood lust if she's never actually experienced the blood lust. |

Quadro 3 – Colocações verbais com a base *blood*.

| Verbo + BLOOD (Substantivo) | |
|------------------------------------|---|
| crave blood | You're gonna start craving blood, and until you get it, you're gonna feel very out of it. |
| drink blood | He made me drink his blood. |
| feed (somebody) blood | She is safe. I fed her my blood. |
| feed on blood | You know what will happen if I don't feed on blood. |

Quadro 4 – Colocações adjetivas com a base *spell*.

| Adjetivo + SPELL (Substantivo) | |
|---------------------------------------|--|
| locator spell | I'm gonna stay and try a locator spell. |
| tracking spell | I'll use your blood to draw the energy for the tracking spell. |

Quadro 5 – Colocações nominais com a base *spell*.

| Substantivo + SPELL (Substantivo) | |
|--|---|
| immortality spell | I told you Qetsiyah's the only witch who knows the immortality spell. |
| protection spell | I did a protection spell, but it accidentally linked Shane to April. |

Quadro 6 – Colocações verbais com a base *spell*.

| Verbo + SPELL (Substantivo) | |
|------------------------------------|--|
| break a spell | I am not lying. There's another way to break the spell. |
| cast a spell | Now, do you want me to cast the spell or not? |
| destroy a spell | There's a way to destroy the spell that Klaus wants to break. |
| do a spell | He forced me to do a spell that unlinked all the siblings. |
| perform a spell | My sister gave her life to perform the spell she needed to confirm this pregnancy. |
| remove a spell | If I can figure out a way to remove the spell from the stone, the stone becomes useless. |
| reverse a spell | That's what you need to reverse the spell. |

| | |
|---------------------|---|
| stop a spell | You're not leaving this room until you stop the spell. |
| undo a spell | The doppelganger was created as way to be able to undo the spell. |
| use a spell | Bonnie used a spell to link herself to Katherine. |

Quadro 7 – Colocações adjetivas com a base *magic*.

| Adjetivo + MAGIC (Substantivo) | |
|---------------------------------------|--|
| black magic | Just because I didn't listen to her about not doing black magic. |
| natural magic | Shane is helping me do natural magic without having to access the spirits. |
| traditional magic | We'll just wait a few days until you're strong enough to do it with traditional magic. |

Quadro 8 – Colocações verbais com a base *magic*.

| Verbo + MAGIC (Substantivo) | |
|------------------------------------|--|
| block magic | All I did was block the magic that was helping Vicki get a physical foothold here. |
| do magic | Witches aren't allowed to do magic here. |
| practice magic | You really think you can help me start practicing magic again? |
| use magic | She tried to resurrect his body using magic. |

Quadro 9 – Colocações nominais com a base *curse*.

| Substantivo + CURSE (Substantivo) | |
|--|--|
| hunter's curse | He's the one who told Damon how to break the hunter's curse. |
| hybrid curse | She put the hybrid curse on Nik to suppress his werewolf side. |
| werewolf curse | Whoever unlucky enough to fall under the werewolf curse turns into a wolf. |

Quadro 10 – Colocações verbais com a base *curse*.

| Verbo + CURSE (Substantivo) | |
|------------------------------------|---|
| bind the curse | The moonstone is what binds the curse. |
| break the curse | He can use the moon stone to break the curse. |
| lift a curse | She's going to use it to lift the curse. |
| put a curse | She put the curse on him. |

| | |
|--------------------------|--|
| (un)seal a curse | Whatever seals the curse, is usually the key to unsealing the curse. |
| trigger the curse | You've triggered the curse, Tyler. |

Percebe-se, por meio dos exemplos apresentados, que há uma restrição combinatória considerável no nível da norma. *Blood*, por exemplo, mesmo podendo combinar com outras palavras ou termos, seleciona apenas algumas delas, por questões temáticas e pragmáticas, por isso, consideramos essas estruturas que observam o padrão de frequência e distribuição estabelecido aqui como colocações, e não combinações livres.

Dessa forma, corroborando Barbosa (2006, p. 51), foi possível verificar que, nesse universo ficcional, tais colocações poderiam ser consideradas especializadas, uma vez que “as unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais”. Em outras palavras, não é só por conter termos representativos da série, como *blood*, *curse* etc., que elas são colocações especializadas. Outros aspectos, além da estrutura, podem ser considerados, tais como a especificidade do colocado, a restrição combinatória, a função dessas colocações no contexto em que são usadas, dentre outros.

5. Considerações finais e perspectivas para uma pesquisa em larga escala

Conforme demonstrado nas últimas seções, foi realizado um levantamento das colocações adjetivas, nominais e verbais presentes nas legendas em inglês das quatro primeiras temporadas do seriado *The Vampire Diaries*, cuja base eram *blood*, *spell*, *magic* e *curse*. Tais colocações parecem apresentar caráter especializado e manter uma rede de relações semânticas específica ao contexto em que se encontram.

Vê-se, então, que a ficção fantástica, em seu caráter de discurso etnoliterário, não deixa de ser caracterizada por um conjunto de termos e fraseologias que representam e transmitem uma terminologia diferenciada. A unidade lexical *blood*, por exemplo, não está inserida, em *The Vampire Diaries*, no mesmo universo de discurso que no seriado médico *House M. D.* Isso pode ser verificado em Rocha e Orenha-Ottaiano (2012), que descrevem seu estudo realizado sobre as colocações especializadas da área médica encontradas no *corpus* do seriado *House M. D.* com os nódulos *blood*, *brain*, *tumor* e *heart*. Dentre as colocações verbais com o nódulo *blood* relatadas no artigo, encontram-se *draw blood*, *lose blood*, *cough blood* e *donate blood*, nenhuma das quais apresenta ocorrência no *corpus* de *The Vampire Diaries*. Nesse seriado, as personagens não falam em “recolher sangue”, situação que se passa em um hospital, mas em “beber sangue” ou “alimentar-se de sangue” (realidade dos

vampiros). Além disso, os tipos de sangue não são classificados em O, A, B ou AB, mas em “*animal*”, “*vampire*” ou “*human*”.

Dessa forma, justifica-se a necessidade de um estudo para embasar o desenho e a realização de um glossário sobre essas terminologias de ficção, um produto útil, sobretudo, para legendadores e tradutores de literatura de tema sobrenatural. Ademais, o estudo desses novos universos textuais e discursivos, tratados como *corpora*, pode interessar tanto o pesquisador de Tradução quanto aquele professor que busque novas metodologias de ensino para a tradução de legendas de produtos audiovisuais.

É nesse contexto que está sendo desenvolvida a pesquisa de Mestrado intitulada “Bases teórico-metodológicas para um glossário de terminologias para a legendagem de textos audiovisuais de ficção”. Buscamos propor bases teóricas e metodológicas para a construção de glossários para tradutores de legendas do inglês para o português. O *corpus* da pesquisa incluirá as legendas em inglês e suas traduções para o português das primeiras seis temporadas de *True Blood* e das primeiras quatro de *The Vampire Diaries*. O *corpus* de *True Blood* totalizará 70 episódios, aproximadamente 31.800 *types* e 392.400 *tokens*, em inglês, e 39.370 *types* e 320.950 *tokens*, em português. Já o *corpus* de *The Vampire Diaries* totalizará 89 episódios, aproximadamente 22.120 *types* e 379.270 *tokens*, em inglês, e 30.000 *types* e 316.520 *tokens*, em português.

Para elucidar as características peculiares da terminologia em nosso *corpus* de estudo, utilizaremos como *corpus* de referência o

COCA (*The Corpus of Contemporary American English*) e, como materiais de contraste, textos de legendas dos seriados médicos *House M. D.* e *Grey's Anatomy*, com possibilidades de comparação também com os estudos do vocabulário das franquias *Harry Potter* e *Star Trek* atualmente desenvolvidos sob orientação de Fromm (2011a). Por fim, para o planejamento das fichas terminológicas, em inglês e em português, pretendemos nos embasar no modelo do Vocabulário Técnico Online (VoTec) (FROMM, 2008).

Referências bibliográficas

ANTHONY, L. *AntConc version 3.2.4*. Tóquio, Japão: Waseda University, 2011. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>. Acesso em: 05 jan. 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFSM; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

_____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. In: *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, abr./jun. 2006.

_____. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. In: *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 1/2, n. 27, p. 103-107, jan./dez. 2005.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. In: *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 7, n. 10/11, 2005. p. 73-86.

BRÉAL, Michel. La historia de las palabras. In: _____. *Ensayo de semántica*. Madrid: La España Moderna, 19--. p. 247-274.

CABRÉ, Maria Teresa. Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. In: *El Lenguaraz* – Revista Académica del Colegio de Traductores Públicos de La Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, v. 1, 1998. p. 59-78.

CLAS, André. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande, UFMS, 2004. p. 223-238.

CORPAS PASTOR, Glória. *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1986.

DIKI-KIDIRI, Marcel. La terminologie culturelle, fondement d'une localisation véritable. In: *Actas del VIII Simposio Iberoamericano de Terminología*. Cartagena de Indias, Colômbia, 2002.

_____. Un enfoque cultural de la terminología. In: *Debate Terminológico*, n. 5, ago. 2009.

FERNÁNDEZ, María Jesús Fernández. The Translation of Swearing in the Dubbing of the Film *South Park* into Spanish. In: CINTAS, Jorge Díaz (Ed.). *New Trends in Audiovisual Translation*. Bristol: Multilingual Matters, 2009. p. 210-225.

FROMM, Guilherme. Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de *Corpus*: confluências. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA & SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011a. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/318.pdf>. Acesso em: 02 set. 2012.

_____. Linguística de *Corpus* e ensino de Terminografia para alunos de Letras e Tradução: uma proposta. In: *Revista SELL*, Uberaba, v. 3, n. 1, p. 285-302, 2011b. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/181/207>. Acesso em: 09 out. 2012.

HOFFMANN, L. Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik. In: *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*. 7. Folge. Deutsche Fachsprachen in Forschung und Lehre. Helsinki, Estocolmo, 1988a. p. 9-16.

_____. *Vom Fachwort zum Fachtext*: Beiträge zur Angewandten Linguistik. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1988b.

_____. Anwendungsmöglichkeiten und bisherige Anwendung von statistischen Methoden in der Fachsprachenforschung. In: HOFFMANN, Lothar; KÄLVERKÄMPER, Hartwig; WIEGAND, Herbert Ernst (Org.). *Fachsprachen*: Ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1998a. p. 241-249.

_____. Syntaktische und morphologische Eigenschaften von Fachsprachen. In: HOFFMANN, L. et al. (Org.) *Fachsprachen: ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft*. Walter de Gruyter, 1998b. p. 416-427.

_____. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 17, 2004. p. 79-90.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

ROCHA, J. M. P.; ORENHA-OTTAIANO, A. Colocações especializadas na área médica extraídas a partir do *corpus House M. D.* In: *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 44, p. 295-318, jun. 2012.

PEARSON, J. *Terms in Context*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1998.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Barueri, SP: DISAL, 2013.

A TRADUÇÃO AUDIOVISUAL PARA LEGENDAS:
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, ÍTENS CULTURAIS E GÍRIAS

Patrícia NARVAES*

1. Introdução

A tradução audiovisual é uma ferramenta imprescindível na área do entretenimento e da informação, mas apesar de se tratar de uma das modalidades de tradução mais praticadas no mundo (CARVALHO, 2005, p. 18), os estudos nessa área ainda estão engatinhando. Como aponta Carvalho (2005, p. 15), a distância entre o meio acadêmico (pesquisa em universidades) e o meio profissional (tradutores que efetivamente trabalham com tradução audiovisual) ainda é muito grande, já que os primeiros não aplicam seus estudos teóricos e os últimos acreditam que a teoria não lhes serve na prática. O primeiro passo para construir uma ponte entre esses dois “mundos” seria a descrição (sem se ater a normas de “certo” ou “errado”) dos processos de legendação e sua posterior análise com base nos diversos estudos já realizados na área de Estudos da Tradução a fim de criar uma base de dados e um repertório teórico que facilitem a vida do tradutor, fornecendo elementos para aplicação prática.

* Universidade Gama Filho, Brasil, pnarvaes@yahoo.com

Não podemos deixar de mencionar as características específicas da tradução audiovisual, especialmente no caso das legendas, no que diz respeito à restrição de espaço e ao número de caracteres que podem ser lidos durante o tempo em que a legenda deve ficar ‘no ar’. Como aponta Barros (2006, p. 66), “o tempo necessário para a leitura de uma legenda é maior que o tempo usado para a fala que corresponde àquele texto”. A síntese é necessária para que o espectador consiga ler a legenda, compreender o sentido do que é dito e ver as imagens ao mesmo tempo. Vale destacar que a tradução para legendagem é um grande desafio ao tradutor, que precisa ser sucinto, preciso e criativo para conseguir transmitir a mensagem ao espectador sem interferir com as imagens e ainda lidar com todas as restrições que o “ambiente” das legendas proporciona. Koglin (2008, p. 10) apresenta, de modo sucinto, as principais limitações e especificidades da tradução para legendas (grifo nosso):

Os legendistas realizam a tradução condicionados a algumas normas, tais como: *limite de tempo* – tanto de exposição da legenda na tela quanto de prazo para entrega da tarefa; *número de caracteres e de linhas* pré-estabelecido; e *sincronia entre imagem [som] e legenda*. Além disso, os tradutores de legendas precisam lidar com a censura imposta pela distribuidora, que pode exigir que eles omitam ou abrandem enunciados com críticas, substituam palavras agressivas ou minimizem vocábulos obscenos.

2. Expressões Idiomáticas

Gabriela Silva (2009, p. 23) propõe uma definição para idiomatismos dizendo que são “as idiossincrasias de cada língua”. Numa comparação dos conceitos apresentados em vários dicionários, a autora afirma que

a expressão idiomática está no nível da semântica, em se tratando da divergência entre o significado da expressão como um todo em relação à soma dos significados de seus elementos constitutivos. Termos da mesma família léxica, “idiomatismo” e “expressão idiomática” constituem ambas construções peculiares das línguas, assim como dificuldade de compreensão para os falantes não-nativos destas línguas (SILVA, 2009, p. 16).

A definição de “expressões figuradas” de Paulo Rónai (1976, p. 31) também se encaixa nesse conceito. Ele afirma que o falante as emprega sem se lembrar “do sentido primitivo das palavras que as compõem”, pois nas expressões idiomáticas, o sentido individual das palavras não tem peso no sentido da expressão como um todo, em sua unidade semântica. David Crystal (2000 *apud* Silva, 2009, p. 27) apresenta o conceito de expressão idiomática de duas maneiras, uma com viés semântico (“as significações das palavras separadas não podem ser combinadas para produzir a significação da expressão idiomática”) e outra com viés sintático.

Desse modo, podemos dizer que uma expressão idiomática não pode ser entendida “ao pé da letra”. Um dos problemas que podem ocorrer durante a tradução de uma expressão idiomática, como aponta Silva (2009, p. 47), é que a “não correspondência entre os significados dos elementos constitutivos da expressão” e seu sentido global podem fazer com que um tradutor, que não conheça a expressão, busque o significado por meio da “tradução literal palavra por palavra, podendo, assim, deturpar o sentido da expressão ou não encontrar um significado plausível na relação entre as palavras daquele grupo”.

Como apontado por Pedersen (2005, p. 1), elementos que contenham referências culturais, sejam linguísticas ou não, como trocadilhos, alusões, poesia, provérbios, gírias, expressões idiomáticas etc. se apresentam como pontos críticos para a tradução e posam como um desafio para o tradutor. Um dos problemas é que a tradução de elementos culturais e metáforas sem equivalentes na cultura de chegada pode ser potencialmente difícil e pode exigir uma “adaptação” do tradutor a fim de se obterem os mesmos efeitos de sentido na língua de chegada. A dificuldade se apresenta quando, olhando com mais atenção, conseguimos visualizar a natural “estranheza das línguas” (BENJAMIN, 2001, p. 201) decorrente das “peculiaridades de cada língua e das diferenças culturais” (KOGLIN, 2008, p. 9), daí a dificuldade na tradução.

3. Estratégias de tradução

Pedersen (2005) identifica sete estratégias de tradução em um dos poucos trabalhos voltados especificamente para legendas: *equivalente oficial, retenção, especificação (explicitação, adição), tradução direta, generalização, substituição (cultural, paráfrase) e omissão*. O autor analisa o que chama de *extra-linguistic culture-bound references* (ECRs), caracterizadas por serem expressões que se referem a lugares, pessoas, instituições, costumes, alimentação etc. Na construção de seu modelo, Pedersen afirma não ter contemplado em seu trabalho o estudo de referências culturais intralinguísticas, tais como, idiomatismos, provérbios e gírias, mas comenta que seu modelo poderia ser modificado para o estudo desses outros elementos.

A seguir, uma breve descrição das sete estratégias de tradução de Pedersen – consulte Narvaes (2014) para mais detalhes sobre as estratégias – com a discussão de algumas modificações, quando necessário, para que as estratégias possam ser aplicadas para o estudo de referências culturais intralinguísticas. Os exemplos foram retirados de nossos dados.

A *retenção* permite a entrada de um elemento da língua de origem na língua de chegada. Podem ocorrer uso de itálico, aspas, ajustes gramaticais ou de ortografia. Um exemplo de retenção observado é mostrado a seguir, no qual uma marca de carro com características futuristas é mencionada e mantida na legenda.

Ok, so angels got their hands on some DeLoreans?
Tudo bem. E aí, os anjos acharam/alguns DeLoreans?

A *tradução direta* é apresentada com duas subcategorias: *calque* e *com alteração* (*shifted*). Segundo o autor, nada é incluído ou subtraído da carga semântica nesse tipo de tradução. Na categoria *calque*, ocorre uma rigorosa tradução literal, ao passo que, na categoria *com alteração*, ocorrem alterações opcionais na tradução direta de modo que o público compreenda mais facilmente o termo. A tradução literal é uma prática comum em qualquer tipo de tradução, principalmente, quando há semelhanças semânticas e de estrutura entre as línguas. No exemplo a seguir, podemos observar que a estratégia *tradução direta-calque* não soa natural e pode não ser facilmente compreendida pelo público.

What, are you both just a couple of hammers?
O que vocês são? Uma dupla de martelos?

A expressão possivelmente se refere ao termo *hammerheads*, que segundo o *NTC-Slang* significa *a stupid person; a person whose head seems to be as solid as a hammer*, cujas sugestões de tradução poderiam ser: “Uma dupla de idiotas?” ou “Uma dupla de fantoches?” (seguindo o contexto da cena).

A *especificação* também é dividida em duas subcategorias: *explicitação* e *adição*. Na *especificação*, o termo é deixado em sua forma original e alguma informação é incluída a fim de esclarecer a audiência. A explicitação envolve algum nível de expansão do texto

ou tradução por extenso de algo implícito, como uma abreviação ou acrônimo. Já a *adição* é utilizada apenas quando ocorre manutenção da expressão original e esta precisa ser especificada por meio da inclusão de informação que não está presente no texto fonte a fim de que seja compreendida pelo público da cultura de chegada. Essa estratégia, na qual há manutenção da expressão original (retenção do termo), foi observada apenas uma vez nos nossos dados.

Dude, you're so Amityville.
 Caral! Você é igual
 ao fantasma de Amityville.

Como estamos lidando com referências culturais tanto intra quanto extralinguísticas, usaremos o conceito de especificação do tipo explicitação de maneira mais ampla, incluindo ou não a tradução do termo que será especificado. O exemplo abaixo ilustra uma ampliação do conceito de especificação, no qual temos um acrônimo no original (ASAP – as soon as possible), cujo sentido foi explicitado.

You and your brother better shag ass to my place ASAP.
 É melhor você e seu irmão
 virem para cá correndo.

Na *generalização* ocorre hiponímia e o segmento é traduzido por um termo mais geral. Adição e generalização apresentam similaridades e o autor afirma que a adição poderia ser o resultado

de generalização mais retenção. Vemos um exemplo de generalização na fala abaixo, no qual ocorre uma metonímia (a parte pelo todo), assim, *wheels* (rodas) foi traduzido por *carro*.

How the hell did you talk the bureau
into letting you drive your own wheels.
Como convenceu o FBI
a deixá-lo andar no próprio carro?

O uso de *wheels* na acepção de *carro* já consta do dicionário AHD, no qual o termo aparece também como gíria, significando o veículo ou a disponibilidade de usar um veículo. (AHD – *wheels*. *Slang*. A motor vehicle or access thereto: *Do you have wheels tonight?*).

O *equivalente oficial* funciona como uma tradução padrão, da qual as escolhas tradutórias são motivadas por termos já consagrados na cultura de chegada e definidos por alguma “autoridade”. Essa estratégia não seria exatamente uma *escolha* linguística do tradutor e sim uma escolha burocrática, isto é, o tradutor *deve* utilizar o termo oficial que foi previamente escolhido. No exemplo a seguir, temos a tradução da série *Star Trek*, muito conhecida no Brasil, e nenhuma outra opção possível de tradução, com “trekking nas estrelas” ou “caminhada estelar” poderia ser utilizada nesse caso, já que há uma tradução consagrada.

Grand Canyon, Star trek experience, Bunny ranch
Grande Canyon, Jornada nas Estrelas, Hotel Fazenda.

Na *substituição* ocorre a tradução da expressão original por outra, que pode ser tanto uma expressão diferente ou uma *paráfrase*. Quando ocorre a substituição por uma expressão diferente, é chamada de *substituição cultural*, isto é, uma expressão da cultura de partida é traduzida por outra expressão da cultura de chegada. O exemplo a seguir, mostra que o tradutor utilizou a estratégia de substituição cultural, já que no Brasil, medidas como altura, são dadas em metros e não em polegadas.

He was about 5'10".
Ele tinha 1,80 m.

A substituição do tipo *paráfrase* pode ser aplicada de duas maneiras. A primeira diz respeito à tradução com a manutenção do sentido ou das conotações mais relevantes (“paraphrase with sense transfer”). A segunda trata do uso de uma paráfrase que se encaixe no contexto (“situational paraphrase”), isto é, o sentido da expressão original é perdido e substituído por expressão ou termo peculiar ao contexto. Um exemplo de tradução por *substituição-paráfrase com manutenção do sentido* é observado a seguir, no qual uma tradução literal (*Nós temos uma pilha de perguntas e nenhuma pá*) soaria estranha ao público brasileiro. A saída foi traduzir parafraseando o original, mantendo o sentido e conotações principais.

We have a pile of questions and no shovel.
Nós temos um monte de perguntas e é só.

Um exemplo de *substituição-paráfrase com referência ao contexto* pode ser observado a seguir. No contexto da cena, eles estão falando sobre a quebra dos selos que levará ao apocalipse (em inglês *seal*). A fala original contém um trocadilho, já que *seal*, além de selo também significa *foca* em inglês, daí a menção à visita a um parque aquático (*SeaWorld*), onde os visitantes podem ver focas, baleias e golfinhos.

Ok, I am guessing it is not a short sea world?
Eu acho que não são de coleção.

O trocadilho se perde na tradução, mas o tradutor habilmente criou outro trocadilho, utilizando a acepção mais comum de *selo*, isto é, selos para enviar cartas e que costumam ser colecionados, daí a menção a *coleção*. Podemos dizer que houve uma compensação: a perda de um trocadilho foi substituída por outro, mantendo o efeito de sentido para o público, isto é, mantendo a piada. Para tanto, o tradutor utilizou a estratégia *substituição-paráfrase com referência ao contexto*. Chiaro (2006, p. 202), faz um comentário similar sobre a tradução para o italiano desse mesmo termo (a personagem está assinando um documento e ao pedir um *seal*, ele recebe uma *foca*), explicando que o tradutor manteve o significado parcial do termo e da cena ao utilizar o verbo *focalizziamo*, tentando manter o trocadilho, já que o animal recebe o nome de *foca* em italiano (um exemplo de *substituição-paráfrase com referência ao contexto*).

A última estratégia descrita por Pedersen é a *omissão*. Há casos em que é a única opção viável, como quando os diálogos são

muito rápidos e longos, exigindo a condensação da legenda para que possa respeitar as limitações de espaço (número de caracteres) e tempo de leitura. No exemplo abaixo, com uma frase longa, o tradutor teve de omitir *huh* e *what*. Entretanto, vemos que a tradução de *holly tax accountant*, em português, fica com bem mais caracteres do que o original (29 contra 20, isto é, 9 caracteres de diferença). Desse modo, o tradutor fez a opção correta, omitiu a interjeição e o pronome (não importantes para a compreensão da fala) e teve espaço suficiente para traduzir o restante da fala, mantendo o limite de 30-32 caracteres por linha da legenda.

And what visage are you in now, huh? What, holly tax accountant?
 E em qual face você está agora?
 Cobrador dos impostos divinos?

Pedersen também salienta que é possível que duas ou mais estratégias sejam utilizadas em conjunto, como *explicitação* e *tradução direta* ou então *substituição cultural* e *equivalente oficial*, como no exemplo a seguir, no qual foi utilizado o nome oficial de lançamento do filme no Brasil.

What is this, like of *Harry and the Hendersons* deal?
 O que é isto?
 Refilmagem de *Hóspede do Barulho*?

Considerando as estratégias e as subcategorias descritas por Pedersen, teremos um total de 11 estratégias de tradução, para as quais utilizaremos as seguintes siglas: *equivalente oficial* [EqO], *retenção*

[R], *especificação (explicitação [EE], adição [EA]), tradução direta-calque [TDC], tradução direta com alteração [TDA], generalização [G], substituição cultural [SC], substituição-paráfrase com manutenção do sentido [SPS], substituição-paráfrase com referência ao contexto [SPC] e omissão [O].*

Ao longo da análise, entretanto, sentimos a necessidade de incluir outra categoria, pois percebemos que uma característica primordial de algumas das traduções era a utilização de termos ou expressões com alta carga cultural brasileira, causando efeito *domesticador* – segundo o conceito de Venuti (1995, 1998). Segundo esse autor, há dois procedimentos, *estrangeirização* e *domesticação*, que influenciam a escolha das estratégias de tradução pelo tradutor, por vezes, de maneira inconsciente. A domesticação deixaria a leitura fluente, como se o público estivesse lendo o texto “original” e não a tradução. A intenção é produzir na cultura de chegada uma resposta similar à produzida na cultura de partida, isto é, uma apropriação do texto estrangeiro. Entretanto, se entendemos uma das funções da tradução como a tentativa de aproximação de duas culturas, no sentido de mostrar as diferenças entre elas, as traduções do tipo domesticadoras certamente irão contra esse pressuposto.

Com relação à tradução de legendas, entretanto, alguns aspectos da tradução audiovisual, por exemplo, a imagem, acaba sugerindo uma tradução estrangeirizadora. Se virmos na tela uma placa com o nome de um hospital psiquiátrico que aparece ao fundo, não seria possível domesticar a tradução escolhendo o nome de um hospital conhecido para o público brasileiro: a imagem estaria

contradizendo a tradução. Pedersen (2005) descreve suas estratégias de tradução dividindo-as em dois grupos: 1) um mais voltado para a língua de origem (estrangeirização); 2) outro mais voltado para a língua de chegada (domesticação). Uma dessas estratégias, a *substituição*, que é a que mais se aplica à tradução de idiomatismos, está no grupo da domesticação. Desse modo, notamos que a estratégia SPS (*substituição-paráfrase com manutenção do sentido*), em alguns casos, foi aplicada numa condição bem particular à cultura brasileira e ao português, a qual é possível identificar um componente domesticador. Decidimos, então, acrescentar uma subestratégia, *componente cultural* (CC), o qual foi incluído nas análises com um sinal de mais (SPS + CC). Trata-se de uma especificação da estratégia SPS, tentando apontar a presença de um elemento fortemente cultural da cultura de chegada na tradução. Na verdade, o que ocorre na prática é que uma gíria ou expressão idiomática da língua de partida é traduzida também por uma gíria ou expressão idiomática da cultura de chegada, mantendo o efeito de sentido para o público. Como estamos lidando com a tradução de um texto oral, que em sua essência é altamente coloquial, a “informalidade” da tradução para legendas é esperada, mas não em excesso, já que se trata de um texto escrito. Se estivéssemos analisando uma tradução para dublagem, essa informalidade estaria mais fortemente marcada. Os exemplos a seguir mostram duas falas em que a tradução foi classificada de SPS + CC.

So, you screwed the pooch on some seals and now this town has to pay
the price?

Pisaram na bola com os selos
e a cidade terá que pagar?

Screwing the pooch, wherever they are.

Dando alguma mancada por aí.

Segundo o *UrbanD*, “screw the pooch” significa “errar ou falhar em alguma coisa de maneira catastrófica”. Essa expressão não aparece nos principais dicionários de expressões idiomáticas e gírias consultados, entretanto, foi utilizada duas vezes pelas personagens, o que atesta sua informalidade. As duas traduções são diferentes e utilizaram expressões idiomáticas em português: “pisar na bola” e “dar uma mancada”, sendo que ambas já constam no *Houaiss* (2009) como marca de uso *informal*. Ambas as expressões têm significados similares: “cometer um engano; sair-se mal”, no primeiro caso, e “atitude, resolução, comportamento errôneo, cujos resultados são insatisfatórios ou negativos; falha, lapso, erro”, no segundo. Ambas traduzem a expressão “screw the pooch” de maneira bem coloquial e adequada ao contexto.

No exemplo abaixo, podemos notar a diferença entre uma tradução com estratégia SPS e uma com SPS + CC.

The kid? The kid is a doornail.

O garoto? Ele está morto.

Se o tradutor tivesse utilizado uma expressão idiomática na tradução, por exemplo, “O garoto bateu as botas”, a tradução seria classificada como SPS + CC, devido ao componente cultural.

4. Análise das legendas

Foram selecionadas 611 falas da 4ª temporada da série *Supernatural* (Warner, em DVD). Em alguns casos, mais de um termo ou expressão foram analisados na mesma fala, totalizando 696 segmentos analisados. As traduções para legenda foram classificadas de acordo com as estratégias de tradução. Algumas das estratégias foram utilizadas de maneira combinada, como SPS + O, EE + SC, EE + SPS, SPS + R (num total de 19 combinações), mas sua frequência foi relativamente baixa (7,5% do total) e não serão comentadas. As estratégias combinadas também foram incluídas no cálculo de frequência, mas não foram consideradas unidades e, portanto, cada estratégia da combinação teve sua frequência calculada individualmente, com exceção de SPS + CC, que foi considerada uma unidade à parte. Três casos observados apresentam traduções inadequadas ao contexto e foram acrescentados com a sigla [In]. A seguir, a frequência observada para as 11 estratégias (combinadas ou não) com o acréscimo de SPS+CC e In.

| Estratégia | % | Estratégia | % |
|-------------------|----------|-------------------|----------|
| SPS | 57,1 | SC | 2,5 |
| SPS + CC | 10,6 | EqO | 2,5 |
| O | 5,3 | TODA | 2,0 |
| R | 5,3 | G | 0,9 |
| TDC | 4,5 | In | 0,4 |
| EE | 4,4 | EA | 0,1 |
| SPC | 4,2 | | |

Observamos que a estratégia mais frequente é a *substituição-paráfrase com manutenção do sentido* (SPS e SPS + CC), que totaliza 67,7% das escolhas tradutórias. Analisando separadamente, vemos que a presença de termos com forte componente cultural (SPS + CC) é a segunda opção mais frequente na tradução de expressões idiomáticas, já as demais opções apresentaram frequências baixas. Discutiremos as mais frequentes, comentando as escolhas do tradutor e sugerindo possíveis alterações quando necessárias.

A estratégia TDA, entendida com uma tradução literal com ajustes opcionais de sintaxe ou escolha lexical, a fim de facilitar o entendimento do público (procedimento domesticador), aparece com apenas 2% de frequência e está exemplificada a seguir. O termo *monkey* é traduzido com o *diminutivo*, que é de uso corrente em português para suavizar a fala, indicar afeição ou proximidade, além de ironia.

Our very own outbreak monkey.
Nosso macaquinho de surto.

As estratégias EqO e SC tiveram frequência de 2,5%. Observamos que essa estratégia foi utilizada quando da menção a filmes americanos que já são conhecidos do público brasileiro e, portanto, já possuem um título em português, isto é, não seria possível criar outra tradução, como nos exemplos a seguir.

Not really, I am like *21 Jump Street*.
Na verdade, não.
Sou tipo *Anjos da Lei*.

A maioria dos casos de EqO foi observada nas traduções de títulos de filmes que foram mencionados pelas personagens. Outro exemplo de EqO que não se refere a títulos de filmes é a tradução de trechos da Bíblia como sequência de diálogo.

The Lord works...
Deus escreve certo...

If you say “mysterious ways” so help me out, I’ll kick your ass.
Se você disser “por linhas tortas”,
eu arrebento sua cara.

A estratégia *substituição cultural* é considerada por Pedersen (2005) como uma das estratégias mais domesticadoras devido à total retirada do texto de partida que é substituído por um texto característico da língua de chegada, muitas vezes, sem qualquer relação com o texto original. O exemplo abaixo, em que uma personagem empurra um carrinho de bebê cantando uma cantiga de ninar, é um clássico exemplo de uso da estratégia SC.

Pattycake, pattycake, baker's man
Nana neném nana neném

Bake me a cake as fast as you can
Que a cuca vem pegar

Pat it, and roll it
Papai foi à roça

And mark it with a B
Mamãe foi passear

A estratégia SPC ocorreu em torno de 4% das traduções. Nesse caso, a substituição é feita com relação ao contexto e não ao sentido e conotações do termo traduzido. No exemplo a seguir, vemos que *Ovaltine* foi traduzido por *chocolate*. Apesar de o termo possuir um equivalente oficial – *Ovomaltine* –, a opção pela estratégia SPC é a mais indicada para não criar problemas com propagandas, marketing e patrocinadores.

Demon blood is better than Ovaltine, vitamins, minerals.
Sangue de demônio. É melhor
que chocolate, vitaminas e minerais.

As estratégias EE e TDC ocorreram em torno de 4,5% das traduções. A especificação do tipo explicitação foi utilizada, na maioria dos casos, para explicitar acrônimos ou para explicitar informações implícitas.

Oh, and, FYI, three of the cheerleaders are legal.
E, para a sua informação, três das líderes
de torcida são maiores de idade.

Cause I come back and, and you're BFF with a demon.
Quando volto, vejo você
todo amiguinho de um demônio.

Os acrônimos são FYI (for your information) e BFF (best friends forever). Na legenda a seguir, verificamos que a estratégia de tradução do tipo TDC se apresentou pertinente ao contexto.

You know what? When you drop dead you actually tend to drop.
Quer saber? Quando você cai morto,
você cai de verdade.

Podemos dizer que o trocadilho da segunda fala foi mantido na tradução literal da legenda, pois em português a expressão “cair morto” é equivalente a “drop dead”.

As estratégias O e R são as que apresentaram frequência acima de 5%. Como mencionado anteriormente, a *omissão* é uma das estratégias mais frequentes na tradução para legendas devido à limitação espaço-temporal. Entretanto, como neste trabalho não analisamos a legenda como um todo e sim apenas segmentos ou termos específicos e relevantes para nosso estudo, essa estratégia foi, aparentemente, pouco utilizada. Na verdade, foi bastante utilizada na legenda como um todo, como meio de permitir a tradução das expressões e gírias. O tradutor precisou sintetizar as falas, omitindo, por vezes, interjeições, repetições, informações não imprescindíveis ao contexto etc. a fim de obter mais espaço para a tradução dos segmentos mais importantes. Essas omissões,

entretanto, não foram incluídas na análise por não ser o escopo deste trabalho. No exemplo a seguir, classificado de SPS+O, a palavra *tonight* não foi traduzida, possivelmente por falta de espaço, já que em português precisaríamos de pelo menos duas palavras: *esta noite* ou *hoje à noite*.

It was here when I clocked in tonight.
Estava aqui quando eu cheguei.

Segundo o dicionário *Longman* (2000), *clock in* significa “to record the time that you arrive at work, especially by putting a special card into a machine”. A opção do tradutor foi sintetizar a fala, mantendo a relação com o contexto.

Agora discutiremos a estratégia mais frequente: SPS (mais de 50% dos dados), e sua subcategoria SPS+CC. A substituição por paráfrase com manutenção do sentido ou das conotações relevantes do termo ou expressão é realmente a estratégia que mais se aplica para a tradução de expressões idiomáticas, gírias e *phrasal verbs*. Como vimos, essas expressões não permitem a tradução literal termo por termo, pois trata-se de expressões cujo significado não é transparente. No exemplo a seguir, a tradução literal de “had a crush on her” ficaria ininteligível.

And he had a crush on her.
E ele era louco por ela.

Nesses outros dois exemplos, classificados como SPS+CC, as traduções literais de “garoto de coral de igreja” e “tão grossos quanto ladrões” não fariam sentido em português, por isso o tradutor optou por fazer uma substituição levando em consideração o sentido da expressão no contexto da fala e ainda utilizou um componente cultural “se liga nesse lance” e “grudados”.

Look, I know you are not all choir boy about this stuff.

Eu sei que você
não se liga nesse lance.

Yeah, we are as thick as thieves.

É. Nós somos muito grudados

Na fala a seguir, houve grande redução do texto da legenda na tradução por meio da estratégia SPS, mas sem perder o sentido original. Segundo o NTC, “wouldn’t touch someone or something with a ten-foot pole” significa *would not be involved with something under any circumstances*.

I ain't touchin' this one this one with a ten foot pole.

Não chego nem perto.

No caso de traduções de gírias, a substituição por um termo com mesmo efeito de sentido é a melhor opção. Segundo o NTC-*Slang*, “wannabe” significa *someone who wants to be something or someone*.

A psycho wanna be.

Psicopata aprendiz.

Expressões do tipo *phrasal verbs*, muito coloquiais e comuns na fala, também foram traduzidas pela estratégia SPS. O quadro abaixo apresenta, na coluna da direita, as falas originais e as traduções para as legendas, bem como as definições dos *phrasal verbs* pelo dicionário *Longman* (2000) na coluna da esquerda.

| | |
|---|--|
| piss (sb) off = to annoy someone very much. | So, he <u>pissed a lot of people off</u> . Então, ele irritou muita gente. |
| pile out = if a group of people pile out, they all leave a vehicle or a place quickly and not in a organized way. | Evil bitches keep <u>piling out of</u> the Wolkswagen. Vadias do mal não param/de sair do fusquinha. |
| tip off = to secretly tell or warn someone about something. | No, no, no, I don't wanna <u>tip her off</u> . Não quero que ela perceba. |
| get through to (sb) = to succeed in making someone understand something, especially when this is difficult. | You gotta <u>get through to</u> him. Tem que conseguir convencê-lo |
| put off (sb) = to stop someone from liking another person or thing or stop them from being interested in it. | Poor name, bad marketing, <u>puts people off</u> . Nome ruim, má reputação,/ desanima as pessoas. |

A tradução literal dos *phrasal verbs* acima não teria o menor sentido em português. O tradutor optou por traduzir as falas com base nos significados e conseguiu passar a informação de maneira completa e, ao mesmo tempo, sintética. A seguir, um exemplo de tradução de um *phrasal verb* com a estratégia SPS+CC, do qual a

expressão “puxar o assunto” é bastante coloquial na língua portuguesa.

| | |
|---|---|
| <i>Longman</i> – bring up = to mention a subject or start to talk about it during a conversation or discussion. | I was the one who <u>brought it up</u> . Eu puxei o assunto. |
|---|---|

Como já vimos, as expressões idiomáticas são melhor traduzidas pela estratégia SPS e/ou SPS + CC. Os exemplos a seguir reforçam essa ideia. Na primeira coluna, temos o significado das expressões segundo os dicionários consultados.

| | |
|--|--|
| <i>NTC-Slang</i> , a expressão ‘the whole nine yards’ significa ‘the entire amount; everything’. | Angels, seals, Lucifer rising, <u>the whole nine</u> ? Anjos, selos, ascensão de Lúcifer, tudo? |
| NTC – get in someone’s hair = to bother or irritate someone. Also literal. | So I am just gonna <u>get out of your hair</u> . Vou parar de empatar. |
| <i>AmHeritage</i> – hold a grudge = Maintain resentment or anger against someone for a past offense | Anyone who might have <u>held a grudge</u> against him? Alguém que tivesse alguma coisa contra ele? |
| <i>NTC-Slang</i> – jone = desire for someone or something, craving; hooch = hard liquor; any alcoholic beverage, | So what, Bigfoot breaks into a liquor store <u>jonesing for some hooch</u> ? O Pé-grande arromba a loja de bebida porque quer afogar as mágoas? |

| | |
|---|--|
| especially if illicitly obtained. | |
| <i>UrbanD</i> – girl-drink drunk = One who drinks only mixed drinks or flavored martinis. This person shies away from scotch and whiskey. | He's a girl-drink drunk. Bebida de mulherzinha. |
| <i>AmHeritage</i> – heavy hitter = An important or influential individual or organization. | Apparently some <u>heavy hitters</u> turned out for the Easter egg hunt. Parece que tem gente da pesada na caça ao tesouro perdido. |
| <i>NTC-Slang</i> – touch and go = chancy. | I mean, it was a little <u>touch-and-go</u> there for a while, but you did it. Você meio que ficou no muro por um tempo, mas afinal, conseguiu. |

Vemos que o tradutor tomou os significados das expressões e traduziu-as por paráfrases mantendo o sentido da fala no contexto da cena. A estratégia *substituição-paráfrase com manutenção do sentido* (SPS) se mostrou eficaz na tradução de expressões idiomáticas, gírias, *phrasal verbs* e outros elementos linguísticos acompanhados de carga cultural.

5. Comentários finais e conclusão

A tradução audiovisual é uma área dos Estudos da Tradução que ainda apresenta inúmeras questões a serem discutidas. A própria característica da produção audiovisual, seu aspecto multissemiótico, como aponta Fernandes (2007), permite diferentes encaminhamentos e abordagens. As dificuldades de tradução, muitas vezes, estão relacionadas não às diferenças entre as línguas e sim às próprias limitações da legenda, exigindo capacidade de síntese do tradutor para que a leitura seja fluida e a compreensão do que está sendo dito seja rápida e eficaz (FERNANDES, 2007). Além disso, as relações interssemióticas também se apresentam como desafios já que, em um produto audiovisual, a imagem, o som, os sinais não-verbais, a fala (texto oral, com diferentes níveis de registro, coloquialismos etc.) e a legenda (texto escrito com restrições espaço-temporais) se inter-relacionam na construção do sentido para o telespectador (FERNANDES, 2007; RAMIÈRE, 2006). Com relação à tradução propriamente dita, Merino (2006, p. 28) sintetiza bem suas peculiaridades.

It is generally acknowledged that translation hovers between two poles: source and target culture, foreignisation and domestication, literal word-for-word translation and free adaptation, adequacy and acceptability. We cannot escape this fact because it is inherent in the very nature of communication between two cultural polysystems (MERINO, 2006, p. 28).

Essa discussão ainda vai além e, como propõe Ramière (2006, p. 160), mais do que a simples escolha de procedimentos e estratégias de tradução, os estudos em tradução audiovisual deveriam ressaltar “the crucial importante of context”. A autora afirma que o contexto, no caso da tradução audiovisual, é amplo e deve incluir o contexto polissêmico (imagem, sons etc.), limitações técnicas como as restrições de espaço e tempo, o gênero do filme, o público-alvo, o contexto cultural (se há referências culturais compartilhadas) etc. Nossos dados mostram que é imprescindível que o tradutor faça seu trabalho levando em consideração o contexto da cena e da fala, respeitando as limitações já mencionadas para que não haja contradições e para que a legenda fique compreensível para o telespectador.

A tradução de expressões idiomáticas e itens culturais já se mostra como ponto crítico de qualquer tradução, o que dirá quando ela precisa ser traduzida no espaço restrito das legendas. Em um trabalho sobre legendagem e dublagem, Sousa (2008, p. 18) ressalta que a percepção de elementos culturais nas traduções para legenda e dublagem parece ser orientada pelas estratégias de tradução adotadas. Aubert (1998, p. 126) comenta que pesquisas das modalidades/estratégias de tradução podem ser relevantes para vários temas, dentre eles, “detectar estratégias preferenciais para lidar com problemas tradutórios específicos”, especialmente no caso de “termos com referente cultural”.

Muitos estudos ainda precisam ser desenvolvidos na área de tradução audiovisual e, como aponta Chaume (2004, p. 14-16), esses estudos deveriam ter uma abordagem multidisciplinar. Algumas das áreas comumente estudadas mencionadas pelo autor são: limitações, perspectiva didática, estudos descritivos, perspectiva histórica, análise textual e linguagem cinematográfica. Por outro lado, Cintas (2005) faz uma análise e revisão das dificuldades de pesquisa na tradução audiovisual, propondo várias abordagens para estudos futuros, dentre elas, a compilação de um *corpus* linguístico baseado em filmes e outros programas audiovisuais, a análise de legendas no mesmo programa comparando duas línguas-alvo diferentes, estudos na recepção das legendas para verificar velocidade de leitura, estudos diacrônicos, historiografia das legendas, estudo das legendas de programas infantis, legendas para deficientes auditivos etc.

Este artigo teve o objetivo de levantar algumas das características da tradução de expressões idiomáticas e itens culturais para legendas na tentativa de auxiliar o entendimento dos processos de tradução audiovisual com base nas limitações apresentadas e no estudo descritivo. Esperamos que os resultados possam contribuir para uma aproximação entre a tradução audiovisual e o mundo acadêmico. Gostaríamos de finalizar mencionando o que podemos chamar de “o futuro das legendas” ou, como escreve Cintas (2005), *back to the future in subtitling*. O autor mostra novas técnicas que estão sendo implementadas para a solução de alguns dos principais problemas da tradução para

legendas, como redução das marcas de diálogo, legendas com mais de duas linhas, legendas com cores diferentes para diferenciar vários falantes e até mesmo uma espécie de “nota de rodapé” nas legendas, que literalmente “explique” algum elemento cultural da cena ou da fala. Parece que a nova era das legendas está chegando, esperamos que os tradutores e estudiosos de tradução *would be able to keep up*.

Referências bibliográficas

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 5, n.1, 1998. p. 71-98.

BARROS, Livia Rosa Rodrigues de Souza. *Tradução audiovisual: a variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa*. São Paulo, 2006. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo.

BENJAMIM, Walter. A tarefa – renúncia do tradutor. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. v. 1. Antologia Bilingue Alemão-Português. UFSC. Núcleo de Tradução. 2001. p. 189-215.

CARVALHO, Carolina Alfaro. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Rio de Janeiro, 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CHAUME, Frederic. Film studies and translation studies: two disciplines at stake in audiovisual translation. In: *Meta: Translator's Journal*, v. 49, n. 1, 2004. p. 12-24.

CHIARO, Delia. Verbally expressed humour on screen: reflections on translation and reception. In: *The Journal of Specialised Translation*, n. 6, 2006. p. 198-208.

CINTAS, Jorge Díaz. Back to the future in subtitling. In: *MuTra – Challenges of Multidimensional Translation, Conference Proceedings*. 2005. p. 1-17.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.

FERNANDES, Alexandra Valle. *Tradução para legendagem: perspectivas e condicionalismos, com uma breve análise de um episódio de “Gilmore Girls” – “Tal mãe, Tal filha”*. Porto, 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Terminologia e Tradução) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal.

KOGLIN, Arlene. *A tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends: um estudo de legendas*. Florianópolis, 2008. 99 f. Dissertação (Mestrados em Estudos da Tradução) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

MERINO, Miguel Bernal. On the translation of video games. In: *The Journal of Specialized Translation*, n. 6, 2006. p. 22-36.

NARVAES, Patrícia. A tradução de expressões idiomáticas: legendagem versus dublagem. In: *Proft em Revista. Anais do Simpósio Profissão Tradutor*, v. 1, n. 3. 2013.

PEDERSEN, Jan. How is culture rendered in subtitles? In: NAUERT, S.; GERZYMISCH-ARBOGAST, H. (Ed.). *Challenges of Multidimensional Translation. MuTra: Challenges of Multidimensional Translation*. Saarbrücken, p. 1-18, 2-6 maio 2005. Disponível em:

<http://www.euroconferences.info/proceedings/2005_Proceedings/2005_proceedings.html>. Acesso em: 22 dez. 2010.

RAMIÈRE, Nathalie. Reaching a foreign audience: cultural transfers in audiovisual translation. *The Journal of Specialised Translation*, n. 6, p. 152-166. 2006. Disponível em: <<http://www.jostrans.org/archive.php?display=06>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

RÓNAI, Paulo. As armadilhas da tradução. In: *A tradução vivida*. Rio de Janeiro, Educom, p. 16-33. 1976.

SILVA, Gabriela. *Um estudo dos idiomatismos: de suas características ao seu caráter de dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português*. Porto Alegre, 2009, 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21627/000737686.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 abr. 2011.

SOUSA, Aída, Carla Rangel de. *A interculturalidade no cinema: um estudo da legendagem e da dublagem brasileiras em um filme francês contemporâneo*. Natal, 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge. 1995. 353 p.

_____. The formation of cultural identities. In: *Scandals of translation. Towards an ethics of difference*. London, New York: Routledge. 1998. p. 67-87.

Lista de abreviaturas

I – Dicionários

- AHD – The American Heritage Dictionary (versão eletrônica, 1994).
AmHeritage – The American Heritage Dictionary of Idioms (1997).
Cambridge – Cambridge International Dictionary of Idioms (1998).
inFormal – Dicionário informal
(<http://www.dicionarioinformal.com.br/>).
Longman – Longman Phrasal Verbs Dictionary (2000).
Houaiss – Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001).
McGraw-Hill – McGRAW-HILL’s Essential American Idioms Dictionary. (2007).
NTC – NTC’s American Idioms Dictionary (2000).
NTC-Slang – NTC’s Dictionary of American slang and colloquial expressions. (2000).
OALD – Oxford Advanced Learner’s Dictionary. (2010)
Oxford – Oxford Dictionary of Idioms. The world’s most trusted reference books. (2004)
UrbanD – Urban Dictionary – <http://www.urbandictionary.com/>

II – Estratégias de tradução

- EA – *especificação-adição*
EE – *especificação-explicação*
EqO – *equivalente oficial*
G – *generalização*
In – *tradução inadequada*
O – *omissão*
R – *retenção*
SC – *substituição cultural*
SPC – *substituição-paráfrase com referência ao contexto*
SPS – *substituição-paráfrase com manutenção do sentido*
SPS + CC – *substituição-paráfrase com manutenção do sentido + componente cultural*
TDA – *tradução direta com alteração*
TDC – *tradução direta-calque*

TRADUÇÃO DE EFEITOS SONOROS NA LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS

Ana Katarinna Pessoa do NASCIMENTO*

Vera Lúcia Santiago ARAÚJO**

1. Introdução

Desde 2003, são realizadas pesquisas na Universidade Estadual do Ceará¹ acerca da Legendagem para surdos e ensurdecidos no Brasil. Os resultados obtidos sugerem que a legenda *Closed Captions*, utilizada nos canais abertos de TV é de difícil leitura e compreensão para os surdos, por ser apenas transcrição da fala e não apresentar características próprias da legendagem (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, 2004). Por isso, em 2009, deu-se início ao projeto MOLES², pesquisa de recepção coordenada pela Profa Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo, que procura estabelecer parâmetros de legendagem que, verdadeiramente, atendam ao público-alvo, ou seja, surdos e ensurdecidos no Brasil. Essa pesquisa ocorreu em quatro regiões do país e versou sobre diversas questões

*USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil.
katarinnapessoa@gmail.com

** UECE, Centro de Ciências Humanas, Brasil, verainnerlight@uol.com.br

¹ As pesquisas são feitas pelo grupo LEAD, grupo de pesquisa do CNPq, que trabalha com legendagem para surdos e ensurdecidos, bem como audiodescrição para deficientes visuais. O LEAD é coordenado pela Profa Dra Vera Lúcia Santiago Araújo, docente do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE.

² O título da pesquisa é *Tradução para surdos: em busca de um modelo de legendagem fechada para o Brasil* (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2011).

técnicas a respeito da LSE. Uma das descobertas do projeto versou sobre as traduções de sons. Muitos participantes disseram que não prestavam atenção nelas ou que não as liam quando eram muito frequentes. Além disso, apontaram para a necessidade de só serem incluídas quando o som participasse efetivamente da trama.

Nesse contexto, é preciso salientar a importância do som dentro de uma produção fílmica. O som gera expectativas, guia o espectador pelas imagens e molda a recepção de determinada cena (BORDWELL, 2008). Segundo Bordwell (2008), o som é a faceta do cinema mais difícil de ser estudada, explicando que, na vida cotidiana, os sons ambientes são apenas um apoio àquilo que chama mais atenção: as imagens. Por isso, tende-se a perceber o som no cinema da mesma forma. No entanto, salienta que o som pode ter grande impacto e ainda assim permanecer despercebido. O autor compreende que, para estudar o som, é preciso ouvir o filme ao invés de uma análise somente das imagens.

A partir da relevância do som nos filmes, a presente pesquisa surgiu com o escopo de analisar como a tradução de efeitos sonoros tem sido realizada em filmes comercializados em DVD no Brasil, bem como se essa tradução está em consonância com a significação do filme. Isso é importante, já que o filme é um texto multimodal, no qual o som representa uma parte de relevante significação pretendida pelo diretor. Este trabalho procura responder às seguintes perguntas: 1) Como a legendagem do som contribui efetivamente para a significação dos filmes com LSE? 2) Como esses

efeitos sonoros foram traduzidos nas legendas para surdos e ensurdecidos nos filmes brasileiros comercializados em DVD? 3) Qual é a relação entre a legendagem e a significação diegética do som? Essas perguntas serão abordadas por meio da metodologia baseada em *corpus*, com o auxílio do programa de análise linguística *WordSmith Tools*. Serão analisados três filmes comercializados em DVD no Brasil, os quais possuem o recurso da LSE: *Irmãos de fé* (2004), *O Signo da Cidade* (2008) e *Nosso Lar* (2010).

Este estudo está dividido em cinco seções: 1) Introdução; 2) Revisão de literatura; 3) Metodologia; 4) Análise dos dados; e 5) Discussão de resultados.

2. Revisão de literatura

2.1 O som no cinema

Apesar das imagens terem papel primordial no cinema, os sons não são apenas um acompanhamento delas, mas podem gerar efeitos na maneira de se compreender a trama. Em uma produção fílmica, o público deve integrar som e imagem de forma que esses sejam um só, sem diferenciação (HUNTER, 2008).

Segundo Jullier (2006), a verossimilhança no cinema é alcançada quando o espectador toma o ambiente da cena como possível e isso se dá a partir dos inúmeros objetos percebidos dentro daquela cena, sendo que cada objeto pode gerar um ruído característico, é o chamado “dever de escutar” que ocorre

prioritariamente nas exigências da narração: o som deve servir para alguma coisa (dar informações, dar prazer, se for belo, surpreender, assustar ou projetar o suspense).

Um conceito importante para o som no cinema é o da *acusmática*. Chion (2008) a define como “som que ouvimos sem ver a causa imaginária do som”. Segundo o autor, há dois tipos de acusmática: (i) quando o objeto é visto em cena e depois conhecemos seu som; (ii) quando primeiramente ouvimos o som e posteriormente o objeto é apresentado. Essa técnica é muito comum em filmes de suspense e mistério, para causar segredo e gerar expectativa em torno de algum objeto/fenômeno/personagem.

Um filme possui diversos tipos de sons. Cada objeto ou acontecimento terá seu próprio ruído que terá destaque ou não de acordo com sua função na trama. O site *Soundsnap* disponibiliza diversos efeitos sonoros separados por categorias, a saber: animais, *comic*, exteriores, casa, humano, indústria e máquinas, interiores, multimídia, *loops* musicais, amostras musicais, natureza, ficção científica, arte sonora, esportes, transportes e ambientações irreais³. Cada uma dessas categorias é composta por diversas subcategorias, dessa forma, a busca por determinado tipo de som é facilitada. Ao tomarmos como exemplo os sons de ficção científica, temos as

³ Minha tradução para: *Animals, Comic & Film FX, Exteriors, House, Human, Industry and Machines, Interiors, Multimedia, Music Loops, Music Samples, Nature, Science Fiction, Sound Art, Sports, Transport e Unreal Ambiances*.

seguintes subcategorias: alienígenas, bipes, circuitos eletrônicos, *lasers*, ficção científica, espaço FX e naves espaciais⁴.

A partir dessas categorias de som do site *SoundSnap* foram criadas as etiquetas de ruídos sonoros utilizadas na pesquisa do presente artigo.

Quando se fala em trilha sonora, o que normalmente se compreende é que o termo refere-se somente à música do filme. No entanto, Berchamps (2006) explica que esta expressão representa todo o conjunto sonoro de um filme, tal como a música, os efeitos sonoros e diálogos. A nomenclatura apropriada para aquela composição especificamente criada para um filme é “música original do filme”. Para se criar a música do cinema, o primeiro trabalho é definir o conceito e avaliar a pretensão do filme (BERCHAMPS, 2006), para que a partir daí se delimite sua música. A música original pode criar temas específicos e próprios à personalidade das personagens e à mensagem do filme, muitas vezes, tornando-se algo tão conhecido quanto o próprio enredo.

A música no cinema pode ocorrer de duas formas: diegética ou não-diegética. Segundo Chion (2008), a não-diegética, também chamada de música de fosso⁵, é aquela que está afastada do local, do tempo e da ação em cena, enquanto música de tela (ou diegética) é aquela que provém do local da ação, mesmo que provenha do rádio

⁴ Minha tradução para: *Aliens, Blips/Beeps, Electronics/Circuits, Lasers, Other Science Fiction, Robots, Space Fx e Spacecraft*.

⁵ *Música de fosso* é um termo em referência às orquestras que ficavam localizadas em um fosso sob o palco nas óperas e cinemas antigos.

ou da televisão, ou seja, em termos práticos, se apenas o espectador pode ouvir, tem-se a música de fosso, se os personagens também podem ouvir a música, pois faz parte da ação do filme, ela é música de tela. É importante notar o quão fluida é essa distinção, uma vez que a música de fosso pode passar a ser de tela e vice-versa, como quando a música de tela é acompanhada pela música de fosso com orquestra (CHION, 2008).

Para fins de pesquisa, as etiquetas para as traduções de música das legendas para surdos e ensurdecidos do *corpus* utilizam a nomenclatura *música de fosso* e *música de tela*.

Cada inserção de música no filme é chamada de *cue*. As *cues* são utilizadas para salientar ocorrências ou interligar cenas e, até mesmo, para rotular eventos. Bordwell (2008) entende que a escolha e a combinação dos sons podem criar padrões dentro da obra fílmica, pois ritmo, melodia e harmonia da música afetam a reação emocional do espectador. Dessa forma, uma melodia ou trecho de música podem ser associados a determinada personagem, situação ou ideia, criando *motifs* musicais. O uso da música pode ajudar a montar uma história cujo enredo acompanhe inúmeros personagens e localizações, permitindo criar uma unidade ao filme e garantir a fluidez da narrativa.

Nesta seção, foi apresentado o papel dos sons no cinema e como esses criam significados importantes à trama. Na seção seguinte, uma exposição acerca do projeto *Moles*.

2.2 Projeto *Moles*

O projeto *Moles* consiste em pesquisa exploratória na qual foram entrevistados cinco surdos de dois estados das regiões Nordeste, Sul e Sudeste e quatro da região Norte, totalizando 34 sujeitos. Eles responderam a um questionário cujo objetivo era traçar o perfil do informante. O questionário pré-coleta versava sobre itens, tais como: idade, escolaridade, grau de surdez, frequência com que assistia a produções audiovisuais providas de LSE e domínio da língua portuguesa. O perfil geral dos participantes da pesquisa era de surdos de nascença, universitários, 25 anos, sinalizados⁶ a partir dos 10 anos, além do uso da LSE na televisão. Cada participante acompanhado de um intérprete de LIBRAS [intérpretes membros da Associação dos Intérpretes de LIBRAS do Ceará (APILCE), em Fortaleza, alunos de Letras/LIBRAS em Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Florianópolis e um intérprete do programa de atendimento ao surdo da UFRR em Boa Vista] e dos pesquisadores, assistiu aos quatro filmes do *corpus*⁷ da pesquisa. Cada sessão era precedida pelo preenchimento do questionário pré-coleta. Após a apresentação de cada um dos curtas-metragens, era dado espaço para que o participante relatasse

⁶ Surdos que sabem a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS).

⁷ “O amor na sua violência e na sua doçura”, de Sara Benvenuto (10 min, 2008), legendado com velocidade de 145ppm. “Reisado Miudim”, de Petrus Cariry (13 min, 2008), legendado com velocidade de 160ppm. “Águas de Romanza”, de Patrícia Baía (15 min, 2002), legendado com o modelo europeu de legendagem. “Uma vela para Dario”, de Soraya Ferreira Alves (13 min, 2008), legendado com 180ppm.

livremente o que compreendeu do filme. Se isso não ocorresse, os pesquisadores possuíam um guia com algumas perguntas sobre o curta-metragem para estimular o início do relato. Só então era aplicado o questionário pós-coleta que versava sobre as questões da legendagem propriamente dita, tais como tamanho, rapidez e clareza das legendas, incluindo questões como sincronismo entre legendas, imagem e som. Os procedimentos se repetiam (importante notar que o pré-coleta era feito apenas uma vez) até que o participante tivesse assistido e respondido às questões sobre todos os curtas-metragens.

O experimento testou quatro hipóteses analisadas a partir da triangulação entre os dados fornecidos pelos questionários e relatos retrospectivos. As hipóteses testadas foram: 1) Quando a legenda do filme tem velocidade de 145ppm, os surdos conseguem entender o conteúdo e os detalhes do filme; 2) Quando a legenda do filme tem velocidade de 160ppm, os surdos conseguem compreender o conteúdo do filme, mas não compreendem os detalhes do filme; 3) Quando a legenda do filme tem velocidade de 180ppm, os surdos não conseguem compreender nem o conteúdo e nem os detalhes do filme; 4) Quando a legenda utiliza o sistema europeu de duas cores, há dificuldade na compreensão. Todas as hipóteses, com exceção da primeira, foram refutadas, pois a maioria dos participantes compreendeu tanto o conteúdo quanto os detalhes e, quando isso não ocorreu, o motivo se deu por problemas na própria legenda ou por desconhecimento da cultura ouvinte. O que possibilitou a boa

recepção às diferentes velocidades de legendas foi a segmentação que seguiu os critérios já mencionados e propostos por Reid (1996): visual, retórico e linguístico.

Quanto aos efeitos sonoros, muitos dados importantes foram obtidos pelos relatos retrospectivos e pelas respostas às perguntas 11 e 12 do questionário pós-coleta, que versavam sobre as legendas de efeitos sonoros, respectivamente: 11) Você conseguiu compreender os sons representados nas legendas? 12) Você conseguiu fazer relação entre sons, legendas e imagens?

De maneira geral, pode-se dizer que os participantes perceberam a tradução dos sons, mas apenas quando a legenda tinha ligação direta com o enredo do filme ela foi útil para que pudessem harmonizá-la com o contexto fílmico e, assim, tirar conclusões a partir da trilha sonora legendada. Aqueles sons que não colaboravam muito para a construção da trama, podendo até mesmo desviar a atenção do espectador surdo de algo mais importante que ocorre na tela, passaram quase que total e completamente despercebidos. Considerando tais resultados, os dados sugeriram que, ao se legendar o som de uma música, é necessário qualificá-la, ou seja, caracterizar sua função no enredo e, assim, fornecer informação relevante a ser agregada ao acompanhamento do filme.

Nesta seção, apresentaram-se os resultados obtidos no projeto *Moles* (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2011), que ajudaram a compreender mais sobre como a tradução de efeitos sonoros deve

ocorrer dentro do filme. A seguir, será apresentada a metodologia utilizada no presente trabalho.

3. Metodologia

O *corpus* utilizado é do tipo especializado monolíngue e é composto por três filmes brasileiros cujas cópias em DVD disponibilizam a LSE, a saber: “Irmãos de fé” (doravante IDF), de 2004; “O signo da cidade” (doravante SDC), de 2008; e “Nosso Lar” (doravante NL), de 2010. As legendas dos filmes a serem analisadas foram retiradas dos seus respectivos DVDs pelo *software SubRip* 1.50, pois reconhece apenas arquivos em extensão VOB, ou seja, no formato de DVD. Após escolhido o arquivo, o programa dá início à extração das legendas. Algumas vezes, alguns caracteres não são reconhecidos pelo programa e devem ser inseridos manualmente pelo operador do *software*, em seguida, o programa passa, continuamente, a reconhecer determinado caractere inserido manualmente. O processo completo de extração de legendas dura apenas alguns minutos. Em seguida, deu-se o processo de anotação do *corpus*. As etiquetas discursivas foram feitas de forma manual: primeiramente, identificaram-se as legendas correspondentes a efeitos sonoros (<es>), posteriormente, foi feita a classificação de sons de acordo com as categorias mencionadas na seção 2, de acordo com o site *Soundsnap*. Para melhor classificar cada inserção de legenda, os filmes foram assistidos ao computador, assim, a cada

efeito sonoro, o filme era *parado* e, então, no arquivo *.txt* era inserida a etiqueta.

Quadro 1 – Etiquetas

| TIPO DE SOM | ETIQUETA | EXEMPLO |
|-------------------------|---------------|---------------------------|
| Som da natureza | <som_nat> | [vento soprando de fundo] |
| Som causado por animais | <som_anim> | [cabras balindo] |
| Som causado pelo homem | <som_hom> | [confusão de vozes] |
| Som ficcional | <som_ficc> | [batidas] |
| Som causado por objeto | <obj> | [batidas na porta] |
| Silêncio | <sil> | [silêncio] |
| Instrumento Musical | <inst_mus> | [violinos animados] |
| Música de fosso | <mus_fosso> | [música dramática] |
| Música em tela | <mus_tela> | [música clássica] |
| Música qualificada | <mus_qualif> | [música de suspense] |
| Música não-qualificada | <mus_nqualif> | [música começa] |

Os dados foram analisados pelo *software WordSmith Tools* versão 5.0. Das três ferramentas disponíveis, utilizou-se apenas o *concord* a partir do qual foram pesquisadas as etiquetas separadamente. O objetivo era listar cada uma das ocorrências de uma mesma etiqueta para procurar padrões de comportamento no que diz respeito à tradução, além de conexões entre as escolhas do tradutor e o significado do som no filme.

Para facilitar a busca, a pesquisa foi reorganizada por ordem alfabética da primeira palavra à direita do nóculo de busca (no caso dessa pesquisa, as etiquetas eram os nóculos de busca); dessa forma,

as legendas iguais apareceram em sequência, o que permite a observação de legendas iguais e facilita sua busca no filme, assim, foi possível analisar no *corpus*, se diferentes legendas são usadas em situações semelhantes e se legendas iguais são usadas em situações diferentes. A partir daí, usando o conhecimento sobre som no cinema, procurou-se entender as soluções do tradutor e se elas foram bem-sucedidas no conhecimento fílmico ou não. O trabalho também recorreu ao filme para analisar as traduções dos efeitos sonoros. As legendas de efeitos sonoros são traduções dos sons do filme e, por isso, se fez necessário o uso do filme para comparar a tradução dos efeitos sonoros com o que estava sendo passado em tela.

Após os procedimentos acima descritos, o *corpus* estava pronto para análise e interpretação dos dados gerados pelo *software* e pelo estudo da função do som nos filmes em questão. Essa etapa da pesquisa será pormenorizada no capítulo a seguir.

4. Análise dos dados

Por questões de espaço, apenas dois exemplos de cada filme, um positivo e um negativo, serão apresentados.

Em uma das cenas de IDF, o espectador vê a ação do ponto de vista do apóstolo Paulo ao receber um tapa. A imagem é embaçada, acompanhando o movimento do corpo da personagem. A legenda [estalo do tapa] foi importante para auxiliar o espectador

na sequência de acontecimentos, pois esse ato gerou a confusão seguinte. Essa legenda conseguiu relacionar imagem e som, contribuindo para a significação no filme.

No mesmo filme, é possível apontar uma das inserções de [música de suspense] como problemática, pois esta é inserida em cena alegre, na qual é possível ver o sorriso no rosto da personagem (o padre). A legenda não confirma a imagem e não auxilia o espectador em sua compreensão.

Figura 1: legenda [música de suspense]



Fonte: DVD *Irmãos de Fé*, de 2004.

Uma situação problemática na legendagem de efeitos sonoros em SDC foi a sequência à morte de Aníbal, pai da personagem principal, Teca. O fato é embalado pela canção “As rosas não falam”. A legenda traduziu como [piano “As rosas não choram”]. É provável que isso tenha ocorrido porque, anteriormente, a personagem havia dito que gostava muito de samba. No entanto, ao invés do título da canção, que inclusive está errado na legenda (na verdade, a canção se chama “As rosas não falam”), seria mais eficaz se trouxesse a informação por meio do gênero musical: samba. Isso permitiria que espectador surdo ligasse

os dois fatos (ou seja, o depoimento de que gostava de samba e a música triste da morte da personagem). Além disso, um adjetivo que o qualificasse, tal como [samba triste], também poderia ajudar a compor a cena, também pela legenda e não apenas imagem.

Como exemplo de legenda eficaz em SDC, é possível apontar [música sacra] (legenda 785, quadro 5). Essa legenda traduziu a música proveniente do coral de crianças e compôs, de forma bem-sucedida, o tom irônico da cena, já que Yolanda se despe para Aníbal, enquanto no quarto ao lado, um coro de crianças canta hinos de igreja.

Em NL, uma tradução controversa ocorreu com a *Sonata ao Luar*, de Beethoven. Essa *cue* é introduzida em duas situações no filme: na primeira vez, foi ouvida por André em *Nosso Lar*, a filha da mulher de André a toca no piano ao sentir a presença do espírito dele. Não é possível fazer a inferência entre as duas cenas, pois a informação de que se trata da mesma canção não foi repassada pela legenda. Já que na primeira situação é traduzida por [música clássica] e na segunda por [Moonlight Sonata].

Um exemplo de boa legenda de tradução de som causado por objeto em NL foi [porta batendo]. Essa passagem corresponde ao momento em que o espírito de André visita sua família e encontra sua esposa casada com um homem doente. André se enfurece e sai da casa, extremamente enciumado, batendo a porta. O efeito de sua saída é sentido até mesmo pelas pessoas vivas. A tradução foi necessária, pois sem ela o espectador surdo não poderia saber o

porquê das personagens se voltarem de maneira abrupta. O uso do verbo “bater” indicou intensidade no ato de fechar a porta (no caso de André).

Nesta seção, vimos alguns exemplos de como as traduções de efeitos sonoros foram feitas em três filmes brasileiros comercializados em DVD.

5. Discussão de resultados

Tendo em vista os dados obtidos, as legendas relacionadas à música foram aquelas que mais careceram de atenção por parte dos legendistas, pois além de, muitas vezes, não apresentarem adjetivos que possibilitassem sua interação com o enredo, também não foram eficientes nos momentos em que apresentaram tal qualificação. A falha acontecia quando a mesma música interligava acontecimentos importantes localizados em partes diferentes nos filmes. Seria preciso padronizar essas legendas para que o espectador pudesse reconhecer essa ligação. Quanto aos sons não-musicais, verificaram-se dificuldades semelhantes, pois raramente houve preocupação em manter a mesma tradução para os mesmos efeitos sonoros no decorrer da trama.

Os resultados obtidos sugerem que a legendagem dos filmes brasileiros comercializados em DVD precisa ainda voltar sua atenção à tradução de efeitos sonoros, pois parece que não houve uma preocupação com o significado do som nos filmes. Como

sentimos o mesmo problema com as nossas traduções no projeto *Moles*, talvez, o tema deva ser alvo de mais estudos por parte de profissionais e acadêmicos. Este trabalho mostrou a necessidade de se recorrer ao contexto fílmico para embasar a transformação de um som em palavras. Não se trata de *expertise* em cinema, mas em conhecimentos cinematográficos que permitam traduções coerentes com o enredo.

A metodologia baseada em *corpus* foi bastante eficaz para este estudo porque permitiu a categorização dos tipos de sons traduzidos. A partir da possibilidade de se estudar cada categoria separadamente, o estudo se tornou mais dinâmico, sendo possível a observação de cada legenda em contexto. No entanto, além da observação do arquivo de texto da legenda, foi necessário sempre recorrer ao filme, enquanto texto multimodal. Desse modo, cada legenda foi comparada não só às outras legendas da mesma categoria, mas ao seu respectivo som. Assim, foi possível perceber se cada legenda repetida era usada no mesmo contexto ou não, bem como se corroborava ou não com a significação do filme.

Foi possível concluir que a legendagem da trilha sonora contribui efetivamente para a significação dos filmes com LSE quando o legendista leva em consideração a função de cada som legendado. Para isso, as categorias (etiquetas) em que foram divididos os tipos de som nesta pesquisa, ajudam o legendista a antever o papel de cada som, atribuindo à legenda igual importância que o som possui no filme. A legenda não deve atrair mais atenção

do espectador do que o som. O contrário também não pode acontecer. Se esses dois fatores estiverem em consonância, entende-se que a legenda de efeitos sonoros contribui para a significação dos filmes com LSE da mesma forma que o som contribui para a significação dos filmes para os ouvintes.

Os resultados da análise sugeriram que os três filmes do *corpus* precisariam ter levado em consideração os efeitos sonoros como uma sequência que, quando corretamente traduzida, poderia gerar uma compreensão mais clara da trama do filme, pois, com isso, até mesmo o conhecimento fílmico do espectador surdo poderia ser trabalhado e desenvolvido.

É importante ressaltar que o presente artigo não desconsidera o esforço dos produtores dos filmes presentes no *corpus* em proporcionar acessibilidade, aquilo que se pretende é fomentar a preocupação em produzir LSE de qualidade, permitindo não apenas o acesso a filmes, mas também facilitando o entretenimento proporcionado pela possibilidade de apreensão de todos os aspectos relacionados às obras audiovisuais, promovendo o desenvolvimento de uma cultura fílmica por parte de surdos e ensurdecidos.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, V. L. S.; NASCIMENTO, A. K. P. Investigando parâmetros de legendas para surdos e Ensurdecidos no Brasil. In:

FROTA, M. P.; MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução em Revista*, v. 2, 2011. p. 1-18.

ARAÚJO, V. L. S. Por um modelo de legendagem para Surdos no Brasil. In: VERAS, V. (Org.). *Tradução e Comunicação*, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: UNBERO, n. 17, 2008. p. 59-76.

_____. Subtitling for the deaf and hard-of-hearing in Brazil In: ORERO, P.; REMAEL, A. (Org.). *Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language*. Kenilworth: Nova Jersey, EUA: Rodopi, v. 30, 2007. p. 99-107.

_____. A legendagem para surdos no Brasil. In: LIMA, P. L. C.; ARAÚJO, A. D. (Org.). *Questões de Linguística Aplicada: Miscelânea*. Fortaleza: Editora UECE, 2005. p. 163-188.

_____. Closed subtitling in Brazil In: ORERO, P. (Org.). *Topics in Audiovisual translation*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, v. 1, p. 199-212, 2004.

A TESTEMUNHA. Direção de Peter Weir. Paramount Pictures, 1985. 1 DVD (112 min), região 4, color., legendado (em português).

BERCHAMPS, T. *A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música do cinema*. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

BORDWELL, D.; THOMPSON, K. *Film art: an introduction*. New York: McGraw Hills, 2008.

CHION, M. *A audição: som e imagem no cinema*. Lisboa: Edições texto & grafia, 2008.

EM ALGUM lugar do passado. Direção de Jeannot Szwarc. Universal Pictures, 1980. 1 DVD (103 min), região 4, color., legendado (em português).

FRANCO, E.; ARAÚJO, V. L. S. Reading Television: Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. In: GAMBIER, Y. (Org.). *The Translator*, v. 9, n. 2, 2003. p. 249-267.

FIND THE PERFECT SOUND. *Hollywood Sound Effects and Loops and Loops*. Disponível em: <http://www.soundsnap.com>. Acesso em: 20 mar. 2012.

HUNTER, C. *The use of sound effects and stylised ambiances in filmmaking*, 2008. Disponível em <http://freedownload.is/pdf/cinema-sound-effects>. Acesso em: 15 mar. 2012.

HURTADO, C. J. Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semántica a la pragmática de un nuevo tipo de traducción. In: Catalina Jiménez Hurtado (Ed.). *Traducción y accesibilidad*. Frankfurt: Peter Lang Internationaler Verlag der Wissenschaften, p. 55-80, 2007.

HURTADO, C. J.; RODRÍGUEZ, A.; SEIBEL, C. (Ed.). *Por um corpus de cine: teoria y práctica de la audiodescripción*. Granada: Ediciones Tragacanto, 2010.

IRMÃOS de fé. Direção de Moacyr Góes. Brasil: Columbia, 2004. 1 DVD (105 min), região 4, NTSC, color., legendas (para surdos em português), janela de LIBRAS, audiodescrição e audionavegação.

JULLIER, L. *Le son au cinéma*. Paris : Cahiers cinéma, SCEREN (CNPD), 2006.

NOSSO Lar. Direção de Wagner de Assis. Brasil: Fox do Brasil, 2010. 1 DVD (102 min), região 4, color., legendas (para surdos em português) e audiodescrição.

O'DONNELL, M. B. The Use of Annotated *Corpora* for New Testament Discourse Analysis: A Survey of Current Practice and Future Prospects. In: PORTER, S. E.; REED, J. T. (Ed.). *Discourse*

Analysis and the New Testament: Results and Applications. Sheffield: Sheffield Academic Press, p. 71-117, 1999.

O SIGNO da cidade. Direção de Carlos Alberto Riccelli. Europa Filmes, 2008. 1 DVD (95 min), região 4, color., legendas (para surdos em português) e audiodescrição.

REID, H. Literature on the screen: subtitle translation for public broadcasting. In: BART, W.; D'HAEN, T. (Ed.). *Something understood.* Studies in Anglo-Dutch literary translation. Amsterdam: Rodopi, p. 97-107, 1990.

TAGNIN, S. E. O. Um *corpus* multilíngue para ensino e tradução – o CoMET: da construção à exploração. In: TAGNIN, S. E. O. (Org.). *TradTerm.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, v. 10, p. 117-142, 2004.

TRADUÇÃO, NARRATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS

Silvana Ayub POLCHLOPEK*

1. Introdução

“Séculos”, esse é o período no qual a tradução existe como ato de comunicação, independente do seu modo de existir. Entretanto, há apenas 50 anos, tem-se o período no qual os estudos tradutórios existem enquanto área de pesquisa acadêmica e no qual vêm desenvolvendo estudos, metodologias, interfaces, provocando desdobramentos e novos olhares inteiramente quanto ao papel e à função social dos tradutores e da própria tradução. Contrariando qualquer receio com a remota possibilidade de descaracterizar os fundamentos da área, as novas abordagens têm proporcionado aproximações surpreendentes e inovadoras com antigos objetos de estudo, a exemplo das concepções de texto, de processo, noções de equivalência e do que a tradução significa em si. Como resultado direto dessas inovações, podemos (re)pensar a língua e suas relações com cultura, história e situações comunicativas geradas a partir da interação entre os sujeitos nessas relações, sempre motivadas pela intenção de comunicar, de construir realidades e efeitos de sentido.

* UTFPR, Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, Brasil, sil-in-sc@uol.com.br

Diante desse cenário, propomos pensar a tradução motivada na própria intencionalidade do dizer, perspectiva que vai de encontro às reflexões de Sobral (2008, p. 8, p. 57), para quem o ato de traduzir se origina na própria atividade simbólica nos diversos contextos de situação (NORD, 2005) ou contextos discursivos e, sobretudo, na maneira como esses contextos são relatados (VERMMER, 2008), na intencionalidade dos textos e acontecimentos reais. Com efeito, nesse contexto, articulam-se as práticas tradutória e jornalística, compreende-se o jornalista como tradutor de fatos (ZIPSER, 2002) e os fatos enquanto construções discursivas, culturalmente representadas em contextos socio-histórico-culturais distintos. Desse modo, é possível compreender títulos de reportagens como enunciados capazes de construir, articular o discurso e propor novas traduções para um mesmo evento noticioso.

Para tanto, abordamos o conceito de tradução como ato comunicativo e representação cultural do evento noticioso, a tradução como ato de língua. Em seguida, discutimos a linguagem como prática social ancorada na perspectiva bakhtiniana fundante da construção do discurso jornalístico (SOARES, 2005) e dos paralelos instituídos pela interface tradução-jornalismo. Em seguida, comentamos as possibilidades de tradução, construindo novos discursos e narratividades por meio de títulos jornalísticos, por fim, exemplificamos a proposta construindo novos textos, que traduzem

e representam culturalmente uma perspectiva narrativa sobre as manifestações de rua ocorridas no país em 2013.

2. Tradução como ato de língua

A perspectiva da tradução como ato comunicativo em situação (NORD, 2005) fundamenta o funcionalismo alemão, priorizando, no campo da Linguística Geral, o efeito de estruturas linguísticas quando vinculadas à intenção pragmática do usuário e à função da escrita ancorada no contexto comunicativo. Em outras palavras, a língua é construto social ou contexto situacional-cultural (NORD, 1997a, p. 1). Essa perspectiva aproxima-se de Bakhtin (2000, p. 288), para quem o enunciado pleno (contextualizado) é capaz de suscitar respostas (efeitos de sentido) por parte do interlocutor visto que este responde à intencionalidade comunicativa do emissor. Segundo Bakhtin (2000), essa funcionalidade é produzida pela qualidade valorativa das palavras, isto é, sua capacidade de suscitar memórias, identidades e construir vínculos no momento das escolhas tecidas pelo tradutor e pelo próprio jornalista para conferir efeitos de sentido ao texto ou nomear os eventos narrados. Essa representação do mundo por meio da linguagem é o que garante aos interlocutores a interação dialógica, ou seja, o reconhecimento e atribuição de sentidos, nem sempre os mesmos idealizados pelo tradutor e pelo jornalista, aos textos finais, traduções diretas ou não.

Nord (1997b, p. 41) lembra que as situações que determinam “o que” e “como” as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação se ajusta à intenção do emissor e às atitudes responsivas do interlocutor. A funcionalidade significa, portanto, a representação da situação comunicativa (contexto de produção), bem como a sua definição (contexto de recepção), incluindo as estratégias pragmáticas empregadas para concretizá-las.

Esse processo implica reconstruir o contexto da língua-fonte (LF), deduzir a intenção do autor, a partir dessa leitura inicial, pressupor possíveis reações, dificuldades, familiaridades do público-alvo com o assunto em questão, definir as estratégias tradutórias e só, então, traduzir efetivamente o texto. Por essa razão, a tradução, como ato comunicativo, insere-se em contextos reais e autênticos de produção textual, uma vez que autor, tradutor e leitor são sujeitos psicossociais (SOBRAL, 2008, p. 30, 47), ou seja, sujeitos únicos em sua individualidade, mas sempre representações dos grupos que constituem.

Seguindo essa lógica, cada sujeito e cada grupo possuem modos específicos de compreender e interagir com a realidade, delimitados por valores culturais que os representam social e linguisticamente. Assim, traduzir e representar culturalmente um texto, uma narrativa, significa aproximar essa realidade de um contexto distinto: de leitores com perspectivas e históricos de vida diferenciados daqueles que compartilham do discurso narrado.

A teoria da representação permeia diversas áreas como ciências sociais, comunicação, psicanálise, matemática e filosofia, por exemplo. Na Sociologia, o conceito é proposto por Émile Durkheim (1970) a partir da ideia de um conhecimento elaborado e partilhado socialmente, ou seja, representações coletivas, cujo objetivo é construir uma realidade comum via representação e legitimação de um signo socialmente reconhecido no grupo (JODELET, 2001). Essa concepção se aproxima de Sobral (2008, p. 8) para quem “a própria atividade simbólica humana consiste em traduzir (...) atos que realizamos no dia a dia sem mesmo nos darmos conta”, caso também da teoria de representação cultural em tradução (ZIPSER, 2002), por meio da qual o tradutor-jornalista busca ancorar o texto e os fatos narrados em eventos similares presentes ou ocorridos na cultura de chegada. Essa aproximação permite ao leitor final estabelecer uma rede de sentidos para a narrativa jornalística a partir de suas perspectivas históricas, sociais e culturais. Por essa razão, Zipser (2002) afirma que as narrativas jornalísticas constituem *uma* tradução e não a tradução do fato noticioso.

Nesse sentido, a realidade dos fatos é sempre simbólica, (re)construída no processo tradutório por marcas ou filtros culturais (ZIPSER, 2002) compartilhados pelo jornalista e pelo público leitor. Podemos, portanto, pensar o conceito de representação cultural como um processo de (re)construção imagética e verbal,

compreendendo a linguagem como elemento fundante das relações sociais e seus processos de significação.

Representar culturalmente fatos noticiosos não é, portanto, um simples cotejamento entre reportagens paralelas, ainda que seja uma atividade tradutória possível e desafiadora em termos linguísticos. Trata-se, sobretudo, de articular teoricamente duas áreas de conhecimento que tem a linguagem como ponto convergente e o discurso como meio de organizar a realidade, conferir sentido aos seus elementos dispersos linguisticamente, ou seja, conferir sentido a toda uma narrativa capaz de traduzir os fatos e resgatar toda sua historicidade. Os acontecimentos são, assim, resignificados, ampliando os sentidos da narrativa tradutória até mesmo para elementos linguísticos e enunciados concisos como os títulos das reportagens jornalísticas de modo a se pensar o leitor final como prospectivo (NORD, 2005), ou seja, o sujeito psicossocial de Bakhtin (2000). Por essa razão, marcas ou filtros culturais entre o fato e seu relato da imprensa são, ao mesmo tempo, necessários para compreensão do texto narrado e fundantes de uma realidade construída a partir da perspectiva cultural do *Outro*. Por essa razão, a valoração da palavra, ativada pelas escolhas lexicais e pragmáticas do tradutor-jornalista, produzem deslocamentos de enfoque, isto é, angulações, traduções e narrativas distintas para um mesmo evento. A consequência direta da maneira como nos deixamos influenciar por essas narrativas tradutórias encontra em Esser (1998) uma explicação: aceitar o *Outro*, a ponto de glorificá-lo ou questionar e

compreender sua perspectiva como uma apenas, dentre tantas outras.

3. Jornalismo como fato de língua

Pensar o jornalismo como fato de língua (GOMES, 2000) é entender esse discurso construído a partir da articulação de características da linguagem jornalística, dos princípios epistemológicos que governam a atividade do jornalista e da imprensa, além dos mecanismos empregados para construir o real. Fundamentados em conceitos da psicanálise lacaniana, o real em si inexistente. O real, entendido como tudo aquilo que nos cerca e nos delimita como sujeitos psicossociais, só existe ao ser linguisticamente pensado, narrado e compartilhado. O real nasce na intencionalidade do dizer e na instituição do que é dito (SOARES, 2005, 2009).

Nesse sentido, se o “real”, cuja essência é ser inapreensível (NORD, 2005, p. 55)¹, é consequência de uma determinada organização discursiva, seja tradutória ou jornalística, a realidade em si também não precisa, necessariamente, advir de um universo simbólico, isto é, de um TF no caso da tradução, o que, segundo Vermeer (1986), possibilita a existência de traduções a partir de uma

¹ A condição de incompreensibilidade nos permite aproximar o “real” da “intenção” do autor do TF que, na maioria das vezes, é passível apenas de ser esboçada via pistas textuais, conforme Nord (2005, p. 55), mas nunca, assim como o real, plenamente alcançada.

realidade pré-textual, isto é, anterior ao texto e que encontra no fato jornalístico seu ponto de partida.

Por essa razão, Esser (1998) nos mostra as esferas (sociais, institucionais, normativas e subjetivas) condicionantes da prática jornalística e responsáveis pela identidade desse discurso em esferas sociais, históricas e culturais distintas. Assim como as reflexões de Nord (2005) enfatizam a função social do tradutor como intermediador cultural, as reflexões de Esser (1998) posicionam o jornalista como figura central do processo discursivo, responsável pelas escolhas mantenedoras de algum grau de historicidade dos fatos quando de sua tradução e representação para contextos culturais distintos.

Essas concepções reiteram o conceito de *texto* (tradutório e jornalístico) como prática social. Em outras palavras, seus elementos externos (vinculados ao contexto de sua produção e recepção) e internos (organização linguística desse contexto) são marcados pela intencionalidade do autor/tradutor/jornalista, a qual pode ser ajustada ou adaptada considerando-se tempo, lugar, circunstância e leitor pretendidos. Nesse sentido, os filtros culturais exercem dupla função: (i) permitem que as notícias sejam rapidamente absorvidas pelo leitor; (ii) conferem uma identidade específica e socialmente compartilhada. Afinal, a palavra e o discurso carregam valorações atribuídas por condicionantes sociais, culturais e históricas, representando o contexto a partir do qual o sujeito constrói, ele mesmo, a sua própria intencionalidade.

Quando discutida a partir da prática jornalística, a representação cultural pressupõe o jornalismo como mapa cultural da sociedade. Assim visto, enquanto instituição social, o jornalismo descreve o perfil de um grupo social constituído por leitores e temáticas de seu interesse, estruturados de tal modo que esse leitor se reconheça como sujeito único e coletivo, inserido em um grupo social que compartilha dos interesses retratados pela imprensa.

Com efeito, a linguagem nos confere uma identidade pessoal e elementos para interagirmos em sociedade (SNELL-HORNBY, 1988, p. 39, 64; AZENHA, 1999, p. 28-9). Ao mesmo tempo, a linguagem é elemento convergente da *práxis* tradutória e jornalística, sempre influenciada pela cultura e em via de mão dupla: do texto para o contexto e deste de volta ao texto. Essa dinâmica traduz e representa a realidade para o leitor e influencia como esse leitor interpreta e modifica sua realidade, motivando novas textualidades e intervenções sobre o real. Tal condição de prática social (BAHKKTIN, 2000) assemelha-se ao *looping* discutido por Nord (2005) que caracteriza o movimento tradutório e as esferas condicionantes do jornalismo delimitadas por Esser (1998). Consequentemente, imparcialidade, neutralidade, distanciamento e isenção instituem apenas conceitos epistemológicos, necessários ao cumprimento da função do jornalismo como instância que informa e forma a opinião do leitor. O jornalismo ganha ainda uma identidade (ESSER, 1998, p. 18), passível de reconhecimento, por meio de marcas culturais específicas (temática, léxico, sintaxe,

estrutura). Desse modo, a linguagem se torna ato (e fato) de natureza eminentemente social realizado *no* e *pelo* sujeito que imprime e constrói sentidos *no* texto e *por meio* dele.

Segundo Bakhtin (1992, p. 123), a palavra comporta duas faces: procede de alguém e se dirige a alguém, ou seja, a palavra é processo e produto da interação entre emissor e receptor, servindo de expressão de um em relação ao outro. Esse pensamento participativo (SOBRAL, 2008, p. 33, 127), no qual sujeitos e sentidos são construídos por meio da relação com outros sujeitos e sentidos, é para produção dos discursos e da própria linguagem. Portanto, não há como analisar um enunciado sem considerar sua orientação para o *Outro*, perspectiva essa compartilhada por Zipser (2002), Nord (2005), Esser (1998) e Coracini (2007), evidenciando o papel (in)diretamente ativo do leitor em toda produção textual. Os títulos jornalísticos se enquadram diretamente nesse discurso, capazes não só de atrair a atenção do leitor, aguçando a curiosidade para posterior leitura da reportagem, mas também de garantir a expansão do evento noticioso ou sua remetência ao referente, isto é, o momento em que o fato ocorreu. Será sobre os títulos que discorreremos a seguir.

4. Títulos – atos e fatos de língua

Para que o título signifique, deve estar ancorado no momento em que é produzido e recebido. Portanto, o conceito de

contexto de situação culturalmente marcado traduz a tendência inerente a toda situação de prática social: o texto só faz sentido por estar vinculado a uma condição espacial, cultural e histórica específicas, cabendo ao (jornalista) tradutor a (re)adequação desses condicionantes quando os textos ou títulos atravessam essas fronteiras. Vale lembrar que, na tradução, a palavra não “é” simplesmente, ela é resignificada na interação com o Outro, implicando em decisões e escolhas intrínsecas a toda e qualquer ação comunicativa, nesse caso, as práticas tradutória e jornalística.

Lonardoni (1999a, p. 111), Fontcuberta (2002, p. 91), Medina (1988) afirmam ser o título um nome, uma identidade textual, um apelo verbal, cuja intencionalidade incita a leitura para a apreensão da informação mais importante ou surpreendente do fato. Assim, portanto, se a prática jornalística não é neutra, nem imparcial, o título também determina angulações e interpretações específicas para um mesmo fato, em diferentes veículos da imprensa, podendo também representar culturalmente o fato noticioso. A titulação circunstancia o fato, agrega o inusitado, impacta a informação para o leitor. Do ponto de vista tradutório, (NORD, 1990, p. 153, 1993), o título é uma unidade textual e, como tal, representa uma oferta de informações que suscita a possibilidade e a necessidade de uma tradução funcional justamente por cumprir funções determinantes tanto na língua como na cultura de chegada. Por essa razão, o título é um enunciado específico, pressupõe um “ato de fala performativo” (AUSTIN, 1962, 1990) isto é, uma ação

sobre o enunciatório resultante na atenção e convencimento deste para a leitura do texto completo. Tanto quanto o próprio texto da reportagem, o título detém um poder de ação e persuasão sobre o leitor por meio de certas funções linguísticas: apelativa (ressalta a matéria a qual se refere); referencial (informa seu conteúdo); e conativa (induz à leitura da matéria), o que aponta mais uma vez a possibilidade de os títulos narrarem uma história paralela àquela da reportagem.

Do ponto de vista tradutológico (NORD, 1993, 1995, 1997b), títulos e manchetes são vistos como unidades textuais constituindo um tipo de texto ou um gênero textual diferenciado. Suas especificidades situacionais, culturais, pragmáticas, além das características para sua elaboração (no que diz respeito à linguagem jornalística) permitem compreender sua funcionalidade para além do fato de atrair a atenção do leitor para a reportagem em si. Os títulos permanecem na memória do leitor por um período específico, aproximando-se do que Gomes (2000) explica com uma das funções do discurso jornalístico – a repetição – que sustenta o discurso como real; são julgados ou avaliados em termos emocionais, pela perspectiva valorativa do contexto cultural em questão; são constituídos pelos valores-notícia que tornam o fato suficientemente apelativo às expectativas do leitor, pelo uso de marcadores específicos [forma (regras de elaboração), léxico, sintaxe, estilística]. Logo, “ou o título é tudo o que leitor vai ler sobre o assunto ou é o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o texto”,

sendo elemento fundamental de identificação da narrativa (REIS; LOPES, 1988) e da determinação do seu efeito comunicativo.

Para o jornalismo *on-line*, os títulos constituem elemento de interação e diálogo essencial do tradutor-jornalista com o leitor pelo fato de muitos jornais e sites (caso dos jornais online *BBC Brasil*, *El País* e *La Nación*), que exemplificam a proposta de uma narrativa tradutória. Agrupados tematicamente, os títulos permitem a obtenção de uma sequência narrativa capaz de delinear um novo texto, uma nova tradução que oferece ao leitor um novo contorno da notícia, deslocamentos de enfoque e ancoragens culturais que o caracterizam como um novo texto tecido.

De acordo com Ferrari e Sodré (1986, p. 11) a narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Deslocando, portanto, a narrativa para a dimensão do discurso jornalístico, pensa-se também nos elementos empregados para legitimar os fatos, a verdade e o próprio discurso, tais como o léxico empregado, as regras existentes na linguagem jornalística e na elaboração dos títulos ou ainda na estratégia de repetição das designações ou inserção de cortes no real, conforme Gomes (2000). Em outras palavras, as reportagens segundo Gomes (2000) são apenas efeitos do real, o que, na perspectiva de Zipser (2002), corresponde às diversas leituras/representações/traduições que podemos realizar a partir de um mesmo fato.

Soares (2005, 2009), Lage (2001) e Silva (2002, 2005) enfatizam, portanto, o jornalismo como técnica de reprodução de mensagens, elemento articulador/construtor de realidades discursivas.

Não que os acontecimentos não existam enquanto eventos que tiveram um tempo e um lugar determinados. Mas só passam a ser vistos como realidade por meio de construções narrativas operadas na e pela linguagem. Ao jornalismo caberia este papel de, operando simbolicamente, ordenar pedaços de acontecimentos, transformando-os em realidades discursivas. Ao fazê-lo, apresenta sempre uma versão – um fragmento – daquilo que aconteceu e, acontecido, começou a desaparecer (SOARES, 2005, p. 8).

Nesse sentido, a narratividade jornalística constrói o real articulando-o dentro de um sistema específico que envolve as esferas mencionadas por Esser (1998) e a representação cultural no campo tradutológico (ZIPSER, 2002), argumento corroborado também por Marcuschi (2005, p. 140) ao afirmar que “as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros”; logo, “o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva” e ainda por Mittmann (1999) que destaca o caráter transformador e produtivo da tradução ao gerar novos sentidos e interpretações para um mesmo texto.

Por serem enunciados condensados, os títulos nem sempre tem espaço suficiente para que as marcas culturais sejam percebidas;

porém, ao longo da narrativa, as escolhas lexicais que constituem essas marcas se tornam claras, assim, ao narrar o fato, o jornalista (assim como o tradutor), inevitavelmente, deixa no relato sua interpretação do acontecimento, de forma mais ou menos explícita. As narrativas reconstruídas pelos títulos sobre as manifestações ocorridas no Brasil projetam um novo texto que contempla uma sucessão de acontecimentos e sua integração na unidade de uma ação comum. Nesse sentido, o jornalismo converte-se em um espaço privilegiado de linguagem pela capacidade já constatada de traduzir fatos e também de narrá-los.

5. Manifestações em títulos: novas narrativas tradutórias

As “manifestações” ou “protestos”, como foram denominados os fatos de repercussão (inter)nacional ocorridos no Brasil em 2013, surgiram nas redes sociais para contestar o aumento das tarifas de transporte público nas principais capitais brasileiras. Os eventos constituíram as maiores mobilizações populares desde o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, em 1992. A adesão de grandes e diferentes parcelas da população incitou, posteriormente, o surgimento de manifestações paralelas chamadas *blackblocks*, grupos de pessoas que incitavam ações de vandalismo e atitudes violentas contra manifestantes e policiais. Todo esse contexto atraiu a atenção da imprensa mundial e sua repercussão motivou essa proposta entre um grupo de alunos de licenciatura em Letras que

integram o grupo de pesquisa *TradLin* (tradução e ensino de línguas) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A metodologia empregada foi relativamente simples. Em um primeiro momento, os alunos discutiram algumas abordagens teóricas sobre tradução, além da tradução jornalística, via leitura de artigos e pesquisas vinculadas à interface. Por sugestão de um aluno, a proposta foi: pesquisar essas manifestações em jornais *on-line*. Em razão de um dos artigos discutidos trazer exemplos da BBC de Londres, surgiu a ideia de pesquisar a BBC Brasil e centralizar a coleta de dados em um único dia de publicações, em caráter sincrônico. A primeira constatação foi o fato de nenhuma das reportagens, indicadas pelos títulos, ser assinada e sim via agências de notícias, especialmente se o veículo se tratava de uma ramificação brasileira, contexto no qual os fatos tiveram origem.

A segunda constatação foi de que muitos títulos dessa ramificação brasileira faziam menção direta ao jornal espanhol *El País*, nossa segunda fonte de coleta dos títulos. Nesse caso, todos os títulos coletados no mesmo dia, e em maior número do que aqueles da BBC Brasil, eram reportagens assinadas pelo correspondente espanhol, Juan Arias, radicado no Brasil há mais de 20 anos. Essa foi a motivação para completar a coleta do *corpus* com títulos de outro jornal, também em língua espanhola e vizinho ao Brasil, o argentino *La Nación*, a fim de comparar como dois jornais do mesmo idioma, um mais próximo e outro mais distante do Brasil, abordariam as ocorrências que motivaram as reportagens e seus títulos. Todos os títulos coletados

eram também via agências de notícia, a exemplo da BBC Brasil. Na sequência, os títulos foram organizados cronologicamente (os bancos de dados os apresentam sempre do mais recente para o mais remoto) e, então, agrupados para uma primeira leitura e verificação de coerência textual.

Vale lembrar que as reportagens produzidas pelas agências de notícia, por si só, são retextualizações de outros textos e que, mesmo aqueles escritos por Juan Arias, podem se encaixar nessa categoria se voltarmos às discussões abordadas nesta proposta a respeito de um real construído discursivamente (SOARES, 2005), impulsionado pela esfera subjetiva mencionada por Esser (1998). Em outras palavras, as textualizações feitas com os títulos colocam os alunos no papel do jornalista-tradutor que (re)constrói os fatos na linguagem e pela linguagem. Nenhum dos títulos foi, nesse sentido, modificado e/ou alterado linguisticamente, mas apenas reorganizados de modo que o texto final, uma nova narrativa tradutória, construísse sentido para o leitor da língua-alvo. Assim, portanto, à medida que os textos eram construídos, os alunos percebiam a necessidade de realizar algumas poucas intervenções para que lacunas informativas, resultantes da concisão dos títulos, fossem preenchidas. Essas inserções encontram-se negritadas nos textos tecidos, apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Títulos coletados e textos-traduções tecidas

| BBC Brasil | Títulos | http://noticias.uol.com.br/bbc/ Fortaleza, palco do próximo jogo do Brasil, tem estádio cercado por obras- BBC Brasil Brasil vive 'sonho de democracia' com protestos, diz |
|-----------------------|----------------|---|
| | | |

| | | |
|---------|----------|--|
| | | <p>'El País'- BBC Brasil Londres terá ato em solidariedade a protestos no Brasil nesta terça- BBC Brasil Protestos se espalham pelo Brasil com cenas de insatisfação e revolta- BBC Brasil Brasil vive 'esquizofrenia' com protestos, diz 'El País'- BBC Brasil Tumulto marca abertura da Copa das Confederações- BBC Brasil – Esportes Polícia dispersa manifestantes em abertura da Copa das Confederações- BBC Brasil</p> |
| | Tradução | <p>http://elpais.com/elpais/portada_america.html <i>Tumulto marca abertura da Copa das Confederações (e) Polícia dispersa manifestantes em abertura. Fortaleza, palco do próximo jogo do Brasil, tem estádio cercado por obras. Brasil vive 'sonho de democracia' com protestos, diz 'El País' (enquanto) Londres terá ato em solidariedade a protestos no Brasil nesta terça. (Aqui os) Protestos se espalham pelo país com cenas de insatisfação e revolta. Brasil vive 'esquizofrenia' com protestos, diz 'El País'.</i></p> |
| El País | Títulos | <p>NUEVA JORNADA DE MANIFESTACIONES » El descontento en Brasil provoca la protesta más multitudinaria en décadas, JUAN ARIAS Río de Janeiro La subida del transporte se vuelve pretexto para luchar por una sociedad más justa. Decenas de miles de personas salen en São Paulo de forma pacífica mientras Río vive una noche de disturbios. JUAN ARIAS Río de Janeiro La ineficiencia del autobús más caro del mundo. JUAN ARIAS Río de Janeiro Rousseff: "Las manifestaciones pacíficas son legítimas". Brasil ¿un sueño o una pesadilla? JUAN ARIAS Río de Janeiro El Gobierno está perplejo. Nadie esperaba esta multitud de todas las edades salir a la calle para cambiar el país ¿Por qué Brasil y ahora?, por JUAN ARIAS Las protestas en Río llevan miedo y violencia al Maracaná. Rousseff: "Las manifestaciones pacíficas son legítimas". JUAN ARIAS Río de Janeiro Rousseff, recibida con silbidos en el estadio de Brasilia - Un monstruo de cien cabezas alimentado por la policía Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de</p> |

| | | |
|-----------|----------|--|
| | | <p>Brasil y saltan al exterior. JUAN ARIAS Río de Janeiro</p> <p>Las manifestaciones de los 'indignados' se extienden por todo Brasil. JUAN ARIAS Río de Janeiro</p> <p>Brasil estalla con masivas protestas y pone a las autoridades a prueba. JUAN ARIAS Río de Janeiro</p> |
| | Tradução | <p><i>Nueva jornada de manifestaciones. El descontento en Brasil provoca la protesta más multitudinaria en décadas. Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior. (Si) Las manifestaciones de los 'indignados' se extienden por todo Brasil (y) pone a las autoridades a prueba. La subida del transporte se vuelve pretexto para luchar por una sociedad más justa. Decenas de miles de personas salen en São Paulo de forma pacífica mientras Río vive una noche de disturbios (y) Las protestas en Río llevan miedo y violencia al Maracanã. (por causa de) La ineficiencia del autobús más caro del mundo. (Segundo Dilma) Rousseff: "Las manifestaciones pacíficas son legítimas". (Porém, a presidenta Dilma) Rousseff fue recibida con silbidos en el estadio de Brasília, un monstruo de cien cabezas alimentado por la policía. Brasil es ¿un sueño o una pesadilla? El Gobierno está perplejo. Nadie esperaba esta multitud de todas las edades salir a la calle para cambiar el país (e a pergunta que não cala) ¿Por qué Brasil y ahora?</i></p> |
| La Nación | Títulos | <p>http://www.lanacion.com.ar/ AP, AFP, DPA y EFE</p> <p>Crece la tensión social en Brasil contra el gobierno de Dilma Rousseff</p> <p>Protestaron por los gastos ocasionados con el Mundial de 2014 y la Copa Confederaciones de fútbol, los abusos policiales ocurridos en Sao Paulo y el aumento de la tarifa del transporte público</p> <p>Indignación y furia en Brasil contra el gobierno</p> <p>En la mayor protesta desde el retorno de la democracia, miles de personas marcharon en las principales ciudades; por la noche hubo graves incidentes. Por Alberto Armendariz</p> <p>Al final del día, con gran parte del país envuelto en un clima de inestabilidad, seguramente la opinión de la presidenta había cambiado. Como parece estar cambiando Brasil.</p> <p>Según los medios brasileños, la protesta de ayer fue la mayor desde el regreso de la democracia, en 1985.</p> <p>Citado durante años como un ejemplo a seguir por los países en desarrollo, el modelo brasileño está mostrando sus limitaciones.</p> |

| | | |
|--|-----------------|---|
| | Tradução | <p><i>Indignación y furia en Brasil contra el gobierno. Crece la tensión social en Brasil contra el gobierno de Dilma Rousseff. (Miles de personas) Protestaron por los gastos ocasionados con el Mundial de 2014 y la Copa Confederaciones de fútbol, los abusos policiales ocurridos en Sao Paulo y el aumento de la tarifa del transporte público. En la mayor protesta desde el retorno de la democracia, miles de personas marcharon en las principales ciudades; por la noche hubo graves incidentes. Al final del día, con gran parte del país envuelto en un clima de inestabilidad, seguramente la opinión de la presidenta había cambiado. Como parece estar cambiando Brasil. Según los medios brasileños, la protesta de ayer fue la mayor desde el regreso de la democracia, en 1985. Citado durante años como un ejemplo a seguir por los países en desarrollo, el modelo brasileño está mostrando sus limitaciones.</i></p> |
|--|-----------------|---|

Como finalização da atividade, os alunos analisaram a temática predominante nos textos tecidos pelos títulos e verificaram também a recorrência de personagens nas narrativas, bem como algumas escolhas lexicais empregadas nos textos. A dinâmica desses itens, atuantes na narrativa, confere sentido à teoria da representação cultural, presente em toda produção textual, traduzida ou não, mesmo gerada a partir de enunciados tão concisos, caso dos títulos, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Análise das novas narrativas tradutórias

| | BBC BRASIL | EL PAÍS | LA NACIÓN |
|--------------------|--|--|---|
| TEMÁTICA | <p>Jogo do Brasil, protestos, Copa das Confederações (2x), manifestação em Londres.</p> | <p>Descontentament o; sonho, Pesadelo; os indignados, lutar, mudar o país; medo, distúrbios, Violência; governo perplexo</p> | <p>Tensão contra o governo; Gastos com a Copa das Confederações e o Mundial de 2014; abusos da polícia, incidentes, instabilidade;</p> |
| PERSONAGENS | <p>Fortaleza, Brasil (4x),</p> | <p>Brasileiros (manifestantes,</p> | <p>Brasil (2x), governo,</p> |

| | | | |
|--------------------------|---|--|--|
| | polícia. manifestantes. | indignados, multidões , governo; Rousseff (2x) , Brasil (3x) , polícia , Autoridades, Maracanã. | Dilma Rousseff , presidenta, Abusos policiais, São Paulo, Milhões de pessoas , modelo brasileiro. |
| ESCOLHAS LEXICAIS | Protestos, indignação, sonho democrático; revolta, tumulto, insatisfação , esquizofrenia. | Descontentamento; sonho ; Pesadelo; indignação ; luta; Jornada; protestos ; Distúrbios; luta por sociedade justa; | Tensão social, maior protesto desde o retorno da democracia ; marchas (3x) ; Instabilidades , incidentes, protesto da democracia |

A análise nos mostra que apesar de ser um site vinculado ao Brasil, a BBC Brasil, apresenta uma narrativa relativamente superficial falando apenas do jogo do Brasil na copa das confederações e dos protestos em Londres. Conseqüentemente, os personagens também não se desenvolvem enfatizando apenas o Brasil mencionado quatro vezes. Por outro lado, as manifestações ganham diversos contornos nas escolhas lexicais com o uso de adjetivação, algo não recomendado na linguagem jornalística da imprensa brasileira. Já a narrativa do *El País*, expressa o ponto de vista do seu correspondente ressaltando aspectos negativos (pesadelo, medo, violência) que não aparecem na BBC Brasil. Entre os personagens, “Brasil” e “Rousseff” são recorrentes, repetindo ainda “polícia” da BBC Brasil. As escolhas que constroem os eventos utilizam mais substantivos ao invés de

adjetivação. Por fim, o *La Nación* ressalta a instabilidade e o clima de tensão, sem repetir a temática. A exemplo dos outros dois sites, o Brasil aparece como personagem recorrente, além de “Dilma”, dos “policiais” e dos manifestantes que são agora “milhões de pessoas”. Chama a atenção o uso da palavra “democracia” a exemplo do “sonho democrático”, da BBC Brasil.

As atividades que sucederam as análises das escolhas lexicais e temáticas deram vez à maneira como a imprensa constrói e traduz as manifestações para o mundo, ou seja, para leitores estrangeiros e brasileiros residentes fora do país. Mesmo condensados, os títulos representam culturalmente o fato noticioso, gerando deslocamentos de enfoque sutis com base na identidade da imprensa com o público e também no fato de termos reportagens retraduzidas via agências e diretamente assinadas. Para finalizar, as intervenções não descaracterizam a narrativa tecida pelos títulos, sendo necessárias para costurar o texto apenas, não alterando o teor da mensagem intencionada pelos jornais. Foram ainda consideradas discussões de caráter histórico conduzidas pela outra professora (líder do grupo, também do curso de Letras e graduada em história). Essas discussões implicam um ponto de vista ideológico não abordado aqui por questões de espaço e proposta, mas que podem ser realizadas com êxito a partir dessas atividades, sinalizando possibilidades de trabalhos com leituras e escrita em sala de aula de maneira diversificada, diferenciada e consciente.

6. Considerações finais

Em razão dos avanços perceptíveis alcançados com o desenvolvimento das pesquisas e metodologias na área dos estudos da tradução, podemos considerar todo o conjunto dessa produção acadêmica como ciência. Uma ciência diferenciada, entretanto, pela flexibilidade inerente, a tradução em si, capaz de permear e aproximar diversificados campos de estudo, propõe olhares igualmente distintos para o texto e suas relações com o produtor e receptor(es) sem deixar de ser, sempre, tradução.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade, característica inerente aos estudos tradutórios, é o que confere uma singularidade tal aos estudos da tradução que, por mais que nos afastemos de conceitos e dicotomias mais tradicionais, sempre nos valem delas para essas novas propostas. Esse é o caso da interface tradução-jornalismo, dos paralelos entre as duas práticas e do papel social do tradutor e também do jornalismo. As pesquisas vinculadas à interface desenvolvem uma consciência de leitura e de escrita junto aos alunos e pesquisadores, modificando a maneira como interagimos com os textos, sejam eles jornalísticos ou não, traduzidos ou não. Os alunos e pesquisadores percebem a necessidade de se pensar no leitor final, de buscar caminhos para aproximar os fatos narrados, ou conceitos pesquisados desse leitor, de modo que construa relações de sentido via texto e encontre uma função nessa produção.

No que diz respeito à proposta deste artigo, independente

da não-correspondência aos moldes da narrativa tradicional, o jornalismo confere sentido (narra) o que está disperso socialmente (fatos, informações) construindo uma realidade simbólica (relato) sempre mediada pela linguagem (SOARES, 2005, p. 3; 2009, p. 43). Pode parecer uma constatação direta em razão de que concebemos os textos jornalísticos sempre permeados pela ótica de quem os produz. Porém, o diferencial está no fato de aproximarmos essa percepção do conceito de tradução funcional e cultural, uma escrita sempre voltada às pressuposições do leitor. Nesse sentido, a análise crítica de como essas articulações linguísticas são construídas via discurso, linguagem jornalística e estratégias tradutórias desperta nos pesquisadores e estudantes a compreensão de que é possível pensar em tradução a partir do instante em que se tem a intenção de comunicar, transmitir, relatar uma mensagem, um fato, implicando ainda a possibilidade para pensar também a tradução como discurso (MITTMANN, 1999) considerando-se as escolhas e decisões do tradutor no processo de retextualização.

A relutância em aceitar o novo, como é o caso da tradução jornalística, é natural nesse processo de aprendizado, mas há que se considerar a questão de que novas possibilidades jamais são expostas para que sejam aceitas como verdades absolutas, mas sim como caminhos possíveis ou “brechas” (SOARES, 2009) capazes de diversificar teorias e caminhos da tradução como área de pesquisa acadêmica, literária, tecnológica, além de motivar o refinamento de glossários, terminologias e suas práticas. No caso da tradução

jornalística, essas brechas pensam as relações humanas pela (re)organização linguagem para a compreensão do leitor final. Ao apropriar-se da linguagem, e isso o fazem tradutor e jornalista, o sujeito é capaz de interagir, de operar mudanças, expressar necessidades práticas de coletividades específicas, mesmo dentro de sociedades que compartilham dos mesmos sistemas linguísticos.

Sendo assim, se o mundo é construído pela linguagem e por pensamentos, como afirma Sobral (2008) “nos termos das coletividades dos sujeitos” e de suas inter-relações contínuas, podemos presumir uma dinâmica única, existente nas suas formas de manifestação vinculadas ao modo como as línguas constroem essas relações simbolicamente (na forma escrita e/ou imagética). Enquanto tradutores, é preciso pensar a linguagem, enfrentar suas instabilidades, seus processos contínuos de mudança e não como pesquisa de meros sentidos equivalentes fixos em construções linguísticas distintas. Por mais próximas que as línguas sejam, refletem diferentes concepções de mundo e, a essas concepções, os tradutores devem estar sempre atentos em suas traduções.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford University Press, 1962.

AZENHA Jr., João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*: primeiros passos para um estudo integrado. Humanitas, FFLCH/USP, 1999.

BAHKTTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes 2000.

CORACINI, Maria José. *A celebração do Outro*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ed. Forense, 1970.

ESSER, Frank. *Die Kräfte hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich*. München: Verlag Karl Albert, GmbH. Freiburg, 1998.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. *Técnica da reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo, Summus, 1986.

FONTCUBERTA, Mar de. *Pistas para compreender o mundo: a notícia*. Tradução de Fernando Cascais. Coleção Media e Sociedade. Lisboa, 2002.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2000.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2001.

LONARDONI, Marines. Aconteceu, virou manchete – um estudo dos vetores de manchetes jornalísticas. In: VASCONCELLOS, Sílvia Inês C.C. de. (Org.). *Os discursos jornalísticos*. Itajaí: Editora da Univali; Maringá, Eduem, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas internacionais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MITTMANN, Solange. *O processo tradutório: uma reflexão à luz da análise do discurso*. Porto Alegre, 1999, 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – UFRGS. Porto Alegre.

NORD, Christiane. Funcionalismo y lealtad: algunas consideraciones en torno a la traducción de títulos. In: RADENS, Margot; CONESA, Juan (Ed.). *II Encuentros Complutenses en torno a la traducción*. Madrid, 1990. p. 153-162.

_____. *Einführung in das funktionale Übersetzen: am Beispiel von Titeln und Überschriften*. Tübingen: Basel: Francke, 1993.

_____. Text-functions in translation. Titles and Headings as a Case in Point. *Target*, v. 7, n. 2, 1995, p. 261-284.

_____. *Translating as a Purposeful Activity: functionalist approaches explained*. Manchester, UK: St Jerome Publishing, 1997a.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator. In: *Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany*. LÖRSCHER Wolfgang (Ed.). Florianópolis: Editora da UFSC, 1997b. p. 39-53.

_____. *Text Analysis in Translation*. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdã, Atlanta, Rodopi, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.

SILVA, Gislene. *Jornalismo Científico: a prática jornalística como exercício de entendimento do mundo*. Florianópolis, 2002. 46 f. Monografia

(Concurso de Professor Adjunto) – Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

SOARES, Rosana de Lima. Narratividade Jornalística. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR. Florianópolis, SC. CD ROM. *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, 2005. p. 1-15.

_____. *Margens da Comunicação: discurso e mídias*. São Paulo: Annablume, 2009.

SOBRAL, Adail. *Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

VERMEER, Hans. *Skopos und Translationsauftrag*. Heidelberg: Institute für Übertsetzen und Dolmeschen, Universität Heidelberg, 1986.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. São Paulo, 2002. 170 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

O ESPAÇO DA TRADUÇÃO NA INDÚSTRIA DA
LOCALIZAÇÃO: UM ESTUDO CONTRASTIVO DE WEBSITES
DE COMPANHIAS AÉREAS

Pedro Henrique Silva SANCHES*
Érika Nogueira de Andrade STUPIELLO**

1. Introdução

O multilinguismo na internet é uma realidade e a única forma de empresas se tornarem realmente globais é demonstrando interesse por consumidores no mercado internacional pela adaptação de seus *sites* e produtos às necessidades desses clientes. Embora o inglês ainda seja considerado uma *lingua franca*, a língua dos negócios, da tecnologia ou do comércio internacional (LE BRETON, 2005), a interação com usuários de *sites* se torna mais direta e eficaz, como uma ferramenta de marketing quando seus conteúdos são localizados para a língua e cultura do público-alvo. Daí a necessidade da tradução ou localização dos conteúdos.

De acordo com Esselink (2000), ao longo das últimas décadas, a localização passou de uma simples tarefa realizada apenas por desenvolvedores de *software* para um mercado amplo e multibilionário. A indústria de localização é o setor que mais tem

* Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Brasil.
pedro_silva_sanches@hotmail.com

** Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas Brasil.
erika@ibilce.unesp.br

empregado tradutores nas últimas décadas e que está em franca expansão, conforme relata a literatura da área¹ e se constata na demanda de serviços em agências de tradução e localização.

Operação fundamental para empresas que desejam comercializar seus produtos em mercados internacionais, a localização envolve a tradução e adaptação de *softwares* ou *websites*, o que inclui o próprio produto e toda a documentação a ele relacionada.

No processo de localização, a tradução é considerada apenas uma das etapas do trabalho de adequação de um produto tecnológico a um novo mercado. Como detalha Esselink (2000), a localização se divide em diversas fases de trabalho, entre elas:

- (1) **Fase de pré-venda**, na qual o gerente responsável pelo *software* envia solicitações de cotação (RFQ) ou de propostas (RFP) para agências a fim de encontrar a melhor oferta;
- (2) **Reunião inicial**, feita com tradutores, engenheiros e gestores de projetos para oferecer um treinamento sobre o produto e explicar os procedimentos e métodos a serem seguidos;
- (3) **Análise do material fonte**, por meio da qual a equipe identifica as áreas problemáticas, seleciona ferramentas e oferece aos PMs (*Project Managers*) informações necessárias, como cronograma e orçamento;

¹ Como exemplo, nos trabalhos de Esselink (2000), Pym (2004) e Jiménez-Crespo (2013).

- (4) **Levantamento terminológico**, com a elaboração de glossários com termos comuns do produto e da documentação de ajuda;
- (5) **Preparação do material fonte (de partida)**, na qual os tradutores recebem um *kit* com traduções prévias e memórias de tradução;
- (6) **Tradução do *software***, sendo recomendado que se comece a traduzir, primeiramente, as caixas de diálogo, menus e mensagens e, em seguida, a documentação (pois, no momento da documentação, faz-se referência a termos dos menus etc.);
- (7) **Processo de engenharia e diagramação**;
- (8) **Entrega do *software***, após revisão e teste.

Dependendo do ângulo pelo qual é abordada, a localização pode conduzir a diferentes relações com a tradução, todas, de alguma forma, refletindo as assimetrias na descrição das duas práticas. Para Biau Gil e Pym (2006, p. 14), a localização seria apenas “um nome extravagante para o ato de adaptar um texto para um público-alvo leitor específico, algo que os tradutores fazem há milênios”. Segundo Tymoczko (2007, p. 66), o termo *localização* teria sido criado para se referir a traduções “naturalizadas ao extremo para a cultura de chegada” e que são bastante diversas dos textos que lhe deram origem, desse modo, “desestabilizando distinções tradicionais entre *original* e *tradução*”. Já para os fabricantes de *softwares*, que contratam serviços de localização, por exemplo, a

tradução constituiria somente parte do trabalho (maior) de adequação de um produto ao local que será comercializado.

Conceber a tradução exclusivamente como um trabalho automatizado e controlado, que ocupa somente uma das etapas do processo de localização, pode ser uma forma de ocultar adaptações, inclusões, exclusões e outras adequações pelas quais todo texto inevitavelmente passa ao ser traduzido, além de perpetuar a posição passiva de consumidores de produtos localizados e idealmente neutros.

Entretanto, dentre as várias etapas de cunho basicamente comercial que compõem o processo de localização, especificamente, é pela tradução que um determinado público se aproxima de um produto ou serviço a ele introduzido. Ainda que minimizada na literatura sobre localização, a tradução desempenha o papel ativo na recriação de um texto estrangeiro e nas novas relações desse texto com a nova realidade cultural e linguística da qual fará parte.

Buscando analisar a complexidade do trabalho de reconstrução e adequação de um material textual entre diferentes línguas e culturas, além de investigar como esse material é apresentado ao público do original e àquele para qual foi realizada a localização, este trabalho investiga as traduções dos *websites* das companhias aéreas *Delta Airlines*, *American Airlines* e *United Airlines* localizados para o português do Brasil. Tomando por base a descrição do processo de localização (ESSELINK, 2000), e fundamentando-nos na concepção de texto no ambiente da *web*

(JIMÉNEZ-CRESPO, 2009; 2013), examinamos as adaptações e estratégias de tradução adotadas para apresentação de um conteúdo a um novo público, assim como as especificidades entre o material textual produzido em inglês e aquele apresentando para os usuários falantes de português do Brasil. Espera-se que os resultados deste estudo sirvam de subsídios para um melhor entendimento sobre a relevância do trabalho de tradução no processo de localização.

2. A tradução na localização de *websites*

Segundo Jiménez-Crespo (2013), a localização de *websites* pode ser definida como um processo complexo comunicativo, textual, cognitivo e tecnológico pelo qual textos *on-line* são modificados com o propósito de serem utilizados por um público-alvo cuja língua e contexto sociocultural são diferentes daqueles da produção de origem.

O conjunto de hipertextos que norteia a maneira como textos são lidos na internet representa uma mudança significativa na maneira como materiais textuais são produzidos, distribuídos e recebidos por leitores e tradutores. Na tradução, em particular, os hipertextos de um *site* são frequentemente traduzidos por diferentes tradutores, uma vez que fazem parte de diferentes contextos.

O controle e a divisão do trabalho de tradução no processo de localização são possibilitados pelo emprego de ferramentas eletrônicas tais como os sistemas de memórias de tradução, que

constituem bancos de dados que armazenam e recuperam, com grande eficiência, trechos de trabalhos anteriores.

Além de auxiliar na padronização terminológica e fraseológica, os sistemas de memórias de tradução permitem que vários tradutores trabalhem em um mesmo texto, especialmente em se tratando de materiais textuais de *websites* que serão traduzidos para várias línguas. O trabalho de tradução é controlado pelo conteúdo recuperado da memória, em geral, trechos de traduções anteriores. Conforme explicam Biau Gil e Pym (2006), se um tradutor recebe uma memória de tradução, espera-se que seguirá a terminologia e fraseologia oferecida, em vez de produzir um texto com suas próprias decisões terminológicas e estilísticas. Essa seria uma maneira de aumentar a qualidade e a consistência de trabalhos desenvolvidos com o auxílio de sistemas de memórias.

A padronização terminológica é garantida pelo uso das memórias que, para atuarem com eficiência, fragmentam o trabalho de tradução, que é conduzido por segmentos de texto e regulado por um “processo em que um sistema automatizado compara o texto de origem com o banco de dados de traduções anteriores e apresenta aos tradutores somente aqueles segmentos que não apresentaram uma correspondência exata” (JIMÉNEZ-CRESPO, 2013, p. 52).

Se, por um lado, a possibilidade de reaproveitamento de segmentos na tradução pode conduzir e agilizar o trabalho do tradutor ao recuperar trechos de trabalhos anteriores, por outro, a

prática de reutilização de traduções anteriores acaba gerando uma redução nos honorários desses profissionais, uma vez que, correspondências totais recuperadas da memória não são remuneradas em um novo trabalho. Essa prática faz com que tradutores sejam forçados a produzirem um grande volume de tradução para atingirem uma remuneração adequada, conseqüentemente, pode afetar a qualidade do produto final.

Na indústria de localização, é comum contratar tradutores para traduzir fragmentos textuais, em vez de textos completos. Essa configuração do trabalho também pode influenciar a produção final do texto traduzido, já que o contexto de trabalho com o texto é limitado por um conjunto de frases, muitas vezes, desconexas. Além disso, ao serem traduzidos, os *hyperlinks* – referências dentro de um documento que remetem a outras partes do mesmo documento ou até a outros textos em outras páginas eletrônicas –, podem afetar a coesão textual, uma vez que eles conduzem a navegação independente para textos diversos, cujas referências o tradutor nem sempre conhece.

O esforço da indústria em acelerar a produção tradutória e reciclar trabalhos anteriores sempre que possível pode influenciar na estrutura final do texto. Como argumenta Bowker (2002, p. 117), “a rigidez em manter a mesma ordem e número de frases do texto de origem no texto de chegada pode afetar a naturalidade e a qualidade da tradução”.

Visando a compreender como é apresentada a tradução em projetos de localização, ao reconstruir um conteúdo eletrônico para um público específico, este trabalho analisou os *websites* localizados para o português do Brasil de três companhias aéreas norte-americanas: a *American Airlines*, a *Delta Airlines* e a *United Airlines*.

De modo específico, investigamos o processo de localização, entendendo cada uma de suas etapas, com foco no espaço ocupado pela tradução nessa indústria, avaliando o estilo de escrita para composição de informações a serem disponibilizadas em *websites*, atentando-se para as diferenças e semelhanças de apresentação de informações em inglês e em português. Por fim, examinamos as adaptações e estratégias de tradução adotadas para apresentação do conteúdo a um novo público, apresentando as diferenças entre o material textual produzido em inglês e aquele apresentando para os usuários falantes de português do Brasil.

3. A tradução no site da *Delta Airlines*

A *Delta Airlines* teve início como uma pequena empresa de pulverização aérea nos Estados Unidos em 1924, sendo a primeira companhia aérea a desenvolver esse tipo de serviço no país. Em 1946, a empresa começou a investir no setor de transporte de passageiros com o trajeto Chicago-Miami. Nos anos 1990, a Delta teve uma elevada expansão econômica, gerada pela aquisição das

rotas europeias pertencentes à empresa *Pan Am's European*, que havia declarado falência na época. No ano 2000, após embarcar mais de 100 milhões de passageiros, expandindo os destinos para a América Latina, foi criado o site da empresa que perdura até hoje: www.delta.com.

Como a empresa atravessou as fronteiras nacionais, houve a necessidade de traduzir os conteúdos dispostos nos sites para as variadas regiões em que presta serviços. É interessante dizer que o *site* da empresa não se divide de acordo com as línguas faladas, mas com as regiões dos usuários. Assim, quando o usuário seleciona a região e o país, poderá ter acesso aos conteúdos locais do *site* em inglês, produzido geralmente por representantes comerciais da empresa nos diversos escritórios internacionais, ou em sua língua materna, por meio da tradução da versão em inglês. Essa divisão faz com que os passageiros tenham fácil acesso ao conteúdo, ao mesmo tempo em que os gerentes internacionais possam avaliar esses conteúdos na língua original, o inglês.

A seguir, analisaremos algumas questões encontradas com o cotejamento da tradução e do *site* internacionalizado da *Delta Airlines*. Na página inicial do site em inglês, encontramos uma propaganda do aplicativo de dispositivos móveis da empresa, o “Fly Delta”:

Figura 1: Anúncio do aplicativo da empresa *Delta Airlines* em inglês.



Fonte: site da *Delta Airlines*

Na página localizada para o português, encontramos a seguinte tradução:

Figura 2: Anúncio do aplicativo da empresa *Delta Airlines* em português. Fonte:

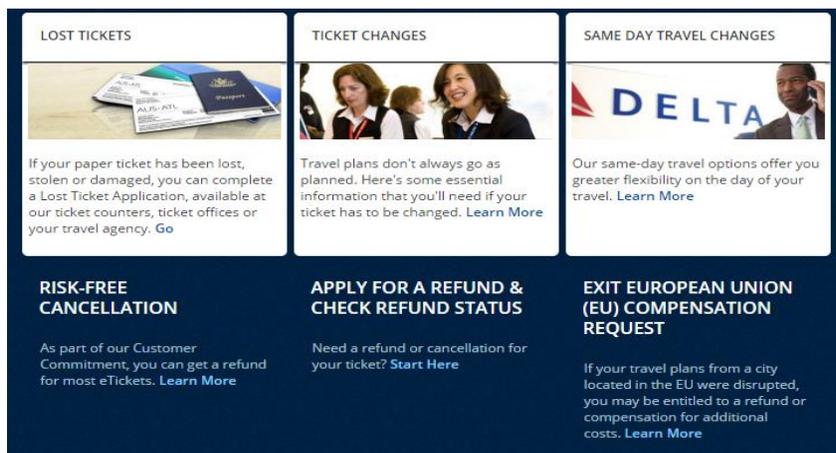


site da *Delta Airlines*

No texto de partida (Figura 1), considerado internacionalizado, pronto para ser traduzido, a expressão “Red Coat” representa, por metonímia, os atendentes da *Delta*, que utilizam uniformes vermelhos. Para que esse recurso fosse recuperado, foi necessário o conhecimento do contexto de utilização pelo tradutor. No texto traduzido, além da “perda” da figura de linguagem, a manutenção das palavras “Red Coat”, em inglês, pode dificultar a compreensão ou, pelo menos, causar estranhamento por parte dos usuários não-falantes da língua.

Quando acessamos a página que dá acesso às informações de trocas e reembolsos de passagens da empresa, observamos que a expansão do texto traduzido não foi considerada durante a localização, por isso essa página não sofreu a *readiagramação*. Consequentemente, gráficos e elementos visuais (tabelas, imagens e caixas de textos) foram mantidos com a mesma dimensão do original (Figura 3). Como resultado, encontramos textos incompletos, como os ilustrados na Figura 4, que só podem ser lidos, embora com dificuldade, após serem selecionados (Figura 5).

Figura 3: Página de trocas e reembolsos em inglês.



Fonte: site da *Delta Airlines*

Figura 4: Página de trocas e reembolsos em inglês contendo informações incompletas em português.



Fonte: site da *Delta Airlines*

Figura 5: Problemas de redimensionamento na página de trocas e reembolsos da *Delta Airlines*.



Fonte: site da *Delta Airlines*

Além de problemas gráficos e culturais, também identificamos segmentos que não foram traduzidos. Na Figura 6, acessamos o campo para verificar a situação do voo, uma prática muito comum entre usuários desse tipo de serviço. No entanto, no campo “Data do voo”, os meses não foram traduzidos, apesar de a estrutura “mês/dia/ano” do inglês norte-americano ter sido adequada para o formato do português brasileiro, “dia/mês/ano”.

Figura 6: Página de verificação da situação do voo com meses não traduzidos

The screenshot shows the Delta Airlines website interface. At the top, there is a navigation bar with the Delta logo and the text "DELTA". Below the logo, there are links for "HOME", "PORTUGUÊS", "AJUDA", and "COMENTÁRIO/RECLAMAÇÃO?". A search bar is visible on the right with the text "Busca". The main heading is "CONTRATO DE TRANSPORTE: ESTADOS UNIDOS". Below this, there is a section titled "Quando você compra um bilhete para viajar pela Delta, você celebra um contrato e os termos e condições de transporte e tarifas aplicáveis estão estipulados em:" followed by a list of terms: "seu bilhete", "todas as tarifas aplicáveis", and "nossas Condições de Transporte ou Tarifa de Regras Gerais". There is also a section for "Condições de Transporte da Delta Air Lines: Tarifa de Regras Gerais Doméstica". A modal window is open, titled "DATA DO VOO", with a dropdown menu showing dates: "Hoje, 30 de November de 2014", "Ontem, 29 de November de 2014", "Hoje, 30 de November de 2014" (highlighted), and "Amanhã, 01 de December de 2014". Below the date selection, there are fields for "DE" and "PARA" with "Cidade/Aeroporto" labels, and a "VER SITUAÇÃO" button. At the bottom, there is a navigation bar with links for "MINHA DELTA", "INSCREVA-SE", "VIAGENS", "RESERVE UMA VIAGEM", "SITUAÇÃO DO VOO", "CHECK-IN", and "FÉRIAS".

Fonte: site da *Delta Airlines*

De forma geral, os problemas encontrados no *site* localizado da empresa *Delta Airlines* refletem a incompletude do trabalho de localização, tanto no redimensionamento das caixas de mensagens, como na tradução de informações importantes ao passageiro.

4. A tradução no site da *American Airlines*

A *American Airlines* é a principal companhia aérea norte-americana no que tange o número de passageiros em viagens nacionais e internacionais. Formada em 1930, incorporou várias outras agências, incluindo a *Trans Caribbean Airlines* em 1971, a *Air*

California em 1987, a *Trans World Airlines* em 2001 e a *US Airways* em 2013.

O modo de seleção de idiomas no site da empresa é semelhante ao da *Delta Airlines*, ou seja, o usuário tem a opção de escolher seu país e língua materna. Entretanto, a única versão disponível para países da América Latina é no idioma materno dos usuários. Dessa forma, ao selecionar a opção “Brasil” no campo “países”, o site será exibido apenas em português.

Outro aspecto distinto entre os *websites* das duas empresas é o uso de conteúdos regionais. O *site* da Delta possui uma grande variedade de conteúdos publicitários, propagandas, jogos de palavras, que tornam o conteúdo do *site* mais fluente, como se realmente tivesse sido produzido no idioma de chegada. Já o *site* da *American Airlines* não fornece, pelo menos, não na mesma proporção, esse tipo de conteúdo. Essa aparente simplificação de elementos culturais localizados também está presente nas versões originais, em inglês, feitas para o mercado norte-americano, o que faz com que as questões culturais relativas à tradução sejam minimizadas, mas não eliminadas.

A divisão do texto-fonte em segmentos, realizada por sistemas de memórias de tradução, pode gerar problemas no texto de partida, como o identificado na Figura 7.

Figura 7: Página com a palavra “Yes” não traduzida

American Airlines  [Planejar viagem](#) [Informação de viagem](#) [AAAdvantage](#) 

ALERTAS DE VIAGEM

[POLÍTICA DE VIAGEM](#) [NOTÍCIAS DE VIAGEM](#)

Informações atualizadas em 29 de agosto de 2014

Política de viagem: Israel

Em função da situação em Israel, a American Airlines oferece as seguintes opções de flexibilidade aos passageiros cujas viagens sejam afetadas. Os clientes que tiverem comprado bilhetes de voos da AA/US com origem, destino ou conexão no aeroporto listado a seguir poderão trocar de voo conforme mostrado abaixo. A troca só é válida para passageiros da US e da AA*/US, os voos da BA não estão cobertos por esta política.

Se você está viajando de/via/para:

- Aeroporto Internacional de Tel Aviv Yafó Ben Gurion, Israel (TLV)

Nas seguintes datas: **22 de agosto - 11 de setembro de 2014**
 E seu bilhete tiver sido emitido até: **22 de agosto de 2014**
 Você poderá viajar: **22 de agosto - 26 de setembro de 2014**
 É necessário sair na mesma classe do bilhete original? **Yes**
 São permitidas paradas (stopover)? **Não**

É permitida uma alteração de bilhete sem encargos.

Para alterar datas de viagem ou dúvidas sobre mudanças de destino, entre em contato com nossa equipe de Reservas pelos telefones (11) 4502-4000 para São Paulo, (21) 4502-5005 para Rio de Janeiro ou 0300-769 7778 para demais cidades do Brasil. Se estiver ligando de outro país consulte a página [números de reservas internacionais para obter informações sobre Reservas](#).

Informações importantes

Israel
 Líbia
 Arábia Saudita

Informações de status de voo atuais

[Portões e horários](#)

[Aplicativos para celular](#)

[Notificações por celular](#)

Assistência com reservas

São Paulo
 11-4502-4000

Rio de Janeiro
 21-4502-5005

Demais cidades do Brasil
 0300-769 7778

Estados Unidos ou Canadá
 1-800-433-7300

Se estiver ligando de outro país consulte a página [números de reservas](#)

Fonte: site da *American Airlines*

Na frase destacada acima, a palavra “Yes” foi mantida sem tradução. Isso possivelmente seria resultado da fragmentação do serviço de localização e da divisão de tarefas, não indicando o texto a ser traduzido. Na Figura 8, o mesmo problema acontece com a frase “Enter a Promotion Code” que poderia ser traduzida como “Insira um código promocional”.

Figura 8: Página com problemas de tradução sobre o código promocional

País de Residência:

Brasil

Código de Promoção

Enter a Promotion Code

[Informações do Código Promocional](#)

Reiniciar Continuar

| Mais sobre a American | Produtos e serviços | Serviços ao cliente |
|------------------------------|------------------------------|--------------------------------|
| quem somos | Seguro de Viagem | Entre em contato |
| formação corporativa | Assinaturas de email | Normas de ANAC |
| relações com investidores | Aprimore sua viagem | Código de defesa do consumidor |
| responsabilidade corporativa | Viagens de grupos e reuniões | Perguntas frequentes |

Fonte: site da *American Airlines*

Outro tipo de problema encontrado na localização do *website* da *American Airlines* foi a ausência de tradução de algumas páginas. Na Figura 9, o usuário tem acesso a informações relativas ao reembolso da taxa de bagagem. Na última frase do tópico, a empresa sugere um link (www.refunds.aa.com) para outros tipos de reembolso. Como a página redirecionada não é traduzida (Figura 10), muitos usuários teriam grandes dificuldades de compreensão e utilização desse serviço.

Figura 9: Página de reembolsos da taxa de bagagem

Search aa.com

American Airlines

Refunds - Start Over

Important Refund Notice
Please note that separate refund requests must be submitted for each product for which you would like to request a refund. See instructions for submitting a refund request below.

Paper Ticket Notice
Refund requests for paper tickets may be submitted on this website, however you will be required to mail in your original coupons to American Airlines at the address below before your request can be processed.

For Regular Mail:
American Airlines
Attention: Passenger Refunds
4000 E. Sky Harbor Blvd.
Phoenix, AZ 85034

Request a Refund
Request a Refund
Simply enter your document number and passenger last name and we'll look up your document and advise you of your refund eligibility and options. Refund requests must be submitted individually for each document in a record locator. Please note that as a part of the process for requesting a refund, you must also cancel the reservation for the applicable passenger(s). This may be done in the My Reservations section of AA.com.

Request a Receipt

Check Your Status
You can also check the status of your refund online. Just enter your document number and passenger last name.

Document Number
Passenger Last Name
Submit

Fonte: site da *American Airlines*

Figura 10: Página redirecionada sem tradução

Reembolsos da taxa de bagagem

Você pode solicitar o reembolso no balcão de emissão de bilhetes antes de sair do aeroporto ou enviar por correio o recibo original da taxa de bagagem para:

American Airlines
Attention: Passenger Refunds
4000 E. Sky Harbor Blvd.
Phoenix, AZ 85034

Fax: 800-892-3447
Fax internacional: 480-693-2759

Ao enviar a solicitação de reembolso, inclua:

- Nome do passageiro
- Endereço
- Forma de pagamento usada (incluindo os últimos 4 dígitos do número do cartão de crédito, se aplicável)
- Número(s) do(s) bilhete(s)
- Data da viagem
- Cidade de partida e cidade de destino
- Recibo original da taxa de bagagem

Lembre-se de guardar uma cópia do recibo da taxa de bagagem para seu controle. As solicitações de reembolsos de taxa de bagagem são processadas independentemente das solicitações de reembolsos de bilhetes. Se você precisar de algum outro reembolso, solicite em www.refunds.aa.com.

Fonte: site da *American Airlines*

A ausência de informações traduzidas para o passageiro brasileiro pode dificultar o exercício de seu direito de requerer o reembolso e, em última análise, privá-lo do exercício de um direito. Essa situação reforça a importância do trabalho de tradução no processo de localização.

Dentre as várias etapas de cunho basicamente comercial – listadas como componentes do processo de localização –, em particular, é pela tradução que um determinado público torna-se usuário efetivo de um produto ou serviço.

5. A tradução no site da *United Airlines*

Criada em 1931, a empresa teve um grande crescimento após a Segunda Guerra Mundial com um grande aumento das rotas americanas e internacionais. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, envolvendo duas aeronaves da empresa, a *United* sofreu constantes abalos econômicos, diminuição da frota e número de funcionários até a fusão com a *Continental Airlines*, em 2010, o que a levou ao patamar de maior empresa do mundo em termos de receita.

O *website* da *United Airlines* é dividido de acordo com os países, sendo que, para cada localidade, há uma versão internacionalizada em inglês e sua respectiva tradução para a língua materna, mantendo as mesmas imagens, fontes e padrões gráficos do original.

Nossa análise identificou algumas falhas na tradução das informações de pesquisa de voos. A manutenção das informações em inglês podem ter tornado a pesquisa inacessível aos usuários. Esse problema pode ser demonstrado pela Figura 11, uma representação da opção “Pesquisa de voos”.

Figura 11: Página sobre “Pesquisa de voos” com problemas de localização.

Pesquisa de voos

Qual tipo de viagem você deseja fazer?

Viagem de ida e volta Ida Múltiplos destinos

Para onde e quando você quer o voo?

Observação: associados MileagePlus podem obter melhores resultados de pesquisa ao [fazer login](#).

De: (cidade ou aeroporto) Para: (cidade ou aeroporto)

Procurar aeroportos na área de 150 milhas Procurar aeroportos na área de 150 milhas

Pesquisar datas específicas Pesquisar tarifas mais baratas +/- 3 dias Minhas datas são flexíveis

Data de partida: Hora: Cabine de partida:

Data de retorno: Hora: Cabine de volta:

Quem está viajando?

| | | |
|---|--|---|
| Adults (age 18 to 64): <input type="text"/> | Crianças (idade de 12 a 17): <input type="text"/> | Infants (under age 2) in a reserved seat**: <input type="text"/> |
| Seniors (age 65 and older): <input type="text"/> | Children (age 5 to 11)*: <input type="text"/> | Infants (under age 2) in adult's lap**: <input type="text"/> |
| | Crianças (idade de 2 a 4): <input type="text"/> | |

* Política de viagem de menor desacompanhado
 ** Política de viagem para menores - encargos adicionais podem ser aplicáveis. Para viagens-prêmio, tarifas adicionais por criança de colo não estão incluídas nas tarifas exibidas nos resultados de busca, mas serão exibidas para revisão antes da compra.
 Incluir um animal de estimação em sua reserva. Veja nossa [Política de viagem com animal de estimação](#).

Fonte: site da *United Airlines*

Nesse formulário, os termos “Adults (age 18 to 64)”, “Seniors (age 65 and older)”, “Children (age 5 to 11)”, “Infants (under age 2) in a reserved seat” e “Infants (under age 2) in adult’s lap” não foram traduzidos. Em se tratando de informações importantes para os passageiros, a falta da tradução lhes tira a autonomia para preencher o formulário.

Na localização de *sites*, agências de tradução contratam linguistas, geralmente *freelancers*, para revisarem e testarem as traduções. Esse processo de teste consiste em verificar se os *links* traduzidos são funcionais, se redirecionam para as páginas corretas. Durante nossa análise, encontramos páginas mal redirecionadas que possuíam apenas o título traduzido, dificultando o acesso aos usuários (Figura 12).

Figura 12: Página na qual apenas o título foi traduzido

The screenshot shows the United Airlines website interface. At the top, there is a navigation bar with the United logo and a search bar. Below the navigation bar, the breadcrumb trail reads: [Residencial](#) > [Informações de viagens](#) > [Necessidades especiais de viagem](#) > [Crianças desacompanhadas](#). The main heading is **Crianças desacompanhadas**. Below this, there is a small image of children and a list of links: [Serviço de bagagem](#), [Estruturação de itinerários](#), and [You're Travellers Club](#). The main text block contains the following information:

Children 5 to 11 years of age who are not accompanied on an aircraft by a parent, legal guardian or someone who is at least 18 years of age are considered unaccompanied minors and are subject to specific restrictions. Travel arrangements for these young travelers can be booked at [united.com](#), through the [United Customer Contact Center](#) or with your local travel agent.

Restrictions for unaccompanied minor travel

- Unaccompanied minors can only travel on nonstop flights operated by United or United Express®. United does not offer unaccompanied minor service to or from other airlines' flights.
- Children younger than 5 years of age are not accepted as unaccompanied minors.
- Children 5 to 11 years of age who are traveling alone must use our unaccompanied minor service and pay the applicable service charge.
- Children ages 12 to 17 can use United's Unaccompanied Minor service for travel on nonstop flights operated by United or United Express, or they can travel as adults on any flights without using United's unaccompanied minor service.
- Contact the United Customer Contact Center or your local travel agent to make arrangements for unaccompanied minor service or for more information. If unaccompanied minor service is requested, the service charge and all restrictions apply.

At the bottom of the page, there is a footer with the text: Encontre a United no: [ícones] | Serviços Clientes | Casa | Carreiras | Hub de United | Centro de Atendimento de Assistência Social Especial | Contrato de Transporte | Fale conosco | Política de Privacidade | Informações de Segurança | Informações de Acesso | Política de Acesso | Mapa do Site | Reservas no United.com | Travel Agent | Copyright © 2014 United Airlines, Inc. Todos os direitos reservados.

Fonte: site da *United Airlines*

Outras passaram pelo processo contrário, exibindo o texto traduzido e o título em inglês (Figura 13).

Figura 13: Página na qual o título não foi traduzido

The screenshot shows the United Airlines website interface. At the top, there is a navigation bar with the United logo and a search bar. Below the navigation bar, the breadcrumb trail reads: [Residencial](#) > [Informações de viagens](#) > [Necessidades especiais de viagem](#) > [Crianças desacompanhadas](#) > [Taxas de serviço](#). The main heading is **Service charges for children traveling alone**. Below this, there is a sub-heading: **Crianças desacompanhadas pagam tarifa completa de adulto.**

Será cobrada uma taxa adicional de serviço para cobrir o trabalho extra necessário para uma criança que viaja desacompanhada. Confirme o valor dessa taxa ao fazer a reserva.

Para bilhetes comprados após 07 de fevereiro de 2013, há uma taxa de serviço de US\$ 150,00 por trecho para crianças viajando com o serviço para menores desacompanhados da United para qualquer destino. Para bilhetes até 07 de fevereiro de 2013, com serviço para menor desacompanhado solicitado até esta data, a taxa de serviço é de US\$ 20,00 por trecho.

A cobrança de serviço de menor desacompanhado pode ser paga no momento da reserva ou antes de partida em um balcão de check-in da United. Agências de viagens também podem recolher a taxa de serviço para menores desacompanhados.

At the bottom of the page, there is a footer with the text: Encontre a United no: [ícones] | Serviços Clientes | Casa | Carreiras | Hub de United | Centro de Atendimento de Assistência Social Especial | Contrato de Transporte | Fale conosco | Política de Privacidade | Informações de Segurança | Informações de Acesso | Política de Acesso | Mapa do Site | Reservas no United.com | Travel Agent | Copyright © 2014 United Airlines, Inc. Todos os direitos reservados.

Fonte: site da *United Airlines*

Após a análise do site da *United Airlines*, concluímos que, durante a localização para o mercado brasileiro, informações que pudessem ser relevantes para o passageiro não foram traduzidas, dificultando a navegação pelos usuários falantes de português do

Brasil. Novamente o trabalho de tradução parece incompleto, uma vez que trechos do texto original são apresentados juntamente com informações traduzidas, o que torna a leitura confusa e não permite que o passageiro tome uma ação informada.

6. Considerações finais

Na era da globalização, a tecnologia encurtou distâncias e revolucionou o modo como indivíduos interagem, negociam e vendem seus produtos e serviços. A indústria da localização representa um avanço na disponibilização de conteúdos de *sites* em diferentes línguas, aproximando empresas de seus clientes finais.

Entretanto, a diferença entre o ideal, teorizado pela literatura em localização, e o real, observado nos *websites* das empresas aéreas analisadas, aponta para a importância do cuidado com o trabalho de tradução. Apesar das empresas Delta, United e American Airlines serem identificadas como importantes empresas norte-americanas de transporte aéreo, suas páginas localizadas para o Brasil apresentaram principalmente problemas de conteúdos com traduções incompletas, impedindo o usuário brasileiro de usufruir dos benefícios oferecidos ou exercer seus direitos.

Referências bibliográficas

BIAU GIL, J. R.; PYM, A. Technology and translation (a pedagogical overview). In: PYM, A., PEREKRESTENKO, A., STARINK, B. *Translation technology and its teaching*. Tarragona, Espanha. 2006. Disponível em http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/technology_2006/index.htm. Acesso em: 22 set. 2014.

BOWKER, L. *Computer-aided translation: a practical introduction*. Ottawa: Ottawa University Press, 2002.

ESSELINK, B. *A practical guide to localization*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

JIMÉNEZ-CRESPO, M. A. The effect of translation memory tools in translated web texts: evidence from a comparative product-based study. In: *Linguistica Antverpiensia*, v. 8, 2009. p. 213-232.

_____. *Translation and Web Localization*. London and New York: Routledge, 2013.

LE BRETON, J. M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). In: *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 12-26.

PYM, A. Localization, training, and the threat of fragmentation. *Intercultural Studies Group*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2006.

TYMOCZKO, M. *Enlarging translation, empowering translators*. Manchester: St. Jerome, 2007.

Sobre as Organizadoras

Claudia Zavaglia é professora do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor na Unesp de São José do Rio Preto, nas disciplinas de Prática de Tradução em Língua Italiana e Língua Italiana. Tradutora Pública e Intérprete Comercial do idioma italiano pela JUCESP (2001) e Livre-docente em Lexicografia e Lexicologia pela Unesp (2009). É autora de vários artigos científicos sobre léxico e dos dicionários *Um Significado Só é Pouco: Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo do Brasil* (Ciência Moderna) e *Dicionário Multilíngue de Regência Verbal* (Disal). Idealizadora da *Coletânea Xeretando a linguagem* em inglês, francês, espanhol e latim (Disal) e também autora do volume em língua italiana dessa coleção.

Érika Nogueira de Andrade Stupiello é Tradutora Pública e Intérprete Comercial do idioma inglês pela JUCESP (2001) e professora do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor na Unesp de São José do Rio Preto. Ministra as disciplinas de Tecnologias de Tradução e Prática de Tradução em Língua Inglesa. É doutora em Estudos Linguísticos (Unesp) e pesquisadora na área de Estudos da Tradução. Membro do Grupo de Pesquisa Multitrad, é autora de vários artigos científicos que enfocam Tecnologias da Tradução e do livro *Ética profissional na tradução assistida por sistemas de memórias* (Editora Unesp).

A diversidade de abordagens, assim como de objetos e de metodologia são, por si só, um convite à leitura dos textos selecionados para compor este volume. Eles representam algumas das tendências contemporâneas dos Estudos da Tradução e evidenciam a importância do ponto de vista do analista, ou seja, que a sistematização de um objeto é dependente do sujeito que a propõe, do lugar em que se posiciona o pesquisador.

Cristina Carneiro Rodrigues

